

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR / INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**FORMAÇÃO HUMANA E DIMENSÃO ESTÉTICA:
EXPERIÊNCIAS DE SUJEITOS POLÍTICOS DA LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UFRRJ**

Renata Jardim Coube

2012



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR / INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

**FORMAÇÃO HUMANA E DIMENSÃO ESTÉTICA:
EXPERIÊNCIAS DE SUJEITOS POLÍTICOS DA LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA UFRRJ**

Renata Jardim Coube

Sob a Orientação da Professora
Roberta Maria Lobo da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial necessário à obtenção do título de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SEROPÉDICA
2012

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Iara Souto Costa (CRB-7 6263), com os dados fornecidos pela autora

C853f Coube, Renata Jardim
 Formação humana e dimensão estética: experiências de
 sujeitos políticos da licenciatura em Educação do Campo na
 UFRRJ / Renata Jardim Coube. - Seropédica, RJ, 2012.
 85 f.

 Orientadora: Roberta Maria Lobo da Silva. Dissertação
 (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Educação,
 Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
 Multidisciplinar/Instituto de Educação, 2012.

 1. Educação. 2. Formação humana. 3. Dimensão estética. 4.
 Educação do campo. I. Silva, Roberta Maria Lobo da. II. Título.

CDD 370



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEduc - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES

RENATA JARDIM COUBE

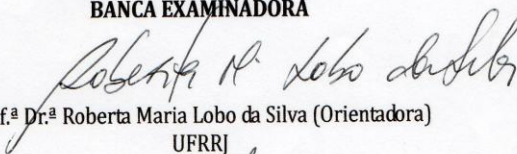
**“Formação Humana e Dimensão Estética: Experiências de Sujeitos Políticos
da Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

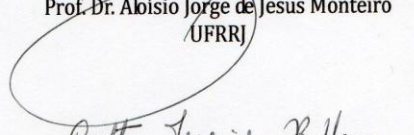
Linha de Pesquisa: Desigualdades Sociais e Políticas Educacionais

Dissertação aprovada em defesa pública em 21/08/2012.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Roberta Maria Lobo da Silva (Orientadora)
UFRRJ


Prof. Dr. Alócio Jorge de Jesus Monteiro
UFRRJ


Prof.^a Dr.^a Gelta Terezinha Ramos Xavier
UFF

Seropédica - RJ
Agosto de 2012.

Dedicatória

Aos estudantes da primeira turma do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ, por seus esforços, suas lutas e pela confiança em dias melhores...

Agradecimentos

Aos que compartilham comigo uma concepção de educação para a liberdade, plena de sensibilidade e respeitosa que, desejam ainda mudar o mundo apostando nas subjetividades criadoras e na possibilidade de reprogramação da libido.

Aos meus pais Francisco José Coube (*in memoriam*) e Marli Jardim Coube, minha eterna gratidão e respeito por terem me ensinado com o suor de seus corpos a lutar pela vida e a amar as pessoas desinteressadamente. Pelo exemplo de caráter e honestidade que marcou minha existência e por permitirem meus sonhos e esperanças. Obrigada!

À Roberta Coube pelo “maior amor do mundo” dedicado. Por simplesmente num olhar permitir que eu desabafe (alegrias ou dores) sem precisar de explicações. Pela enorme exortação para os fazeres da vida e pelos nossos pactos de infância que se aperfeiçoam com a maturidade, mas não cessam. Pelo abraço apertado que cura nos momentos difíceis. Por construir comigo este estudo, simplesmente por amar e amar saber mais... Pelos projetos além desta vida, para a eternidade!

À minha querida Ana Paula Jardim Coube que me ensinou ainda na infância a apreciar boas leituras e a ter coragem para aproveitar as chances que a vida oferece. Pela sabedoria, força e pelo laço afetivo incrivelmente intenso capaz de me perceber a distância. Pelo cuidado de mãe que me tem desde sempre. Obrigada por tudo!

À minha querida Maria Angélica Coube pelas investidas em saídas sempre desejando curtir a vida como uma adolescente atenta. Pelo amor que me tens e pela participação ativa na minha na minha formação humana (e até nos traumas). Eu te amo!

À minha amiga Cristiane Espindula Mendonça com as quais compartilho experiências, risos, choros e muitos jantares felizes. Pelos dias de dureza, pelo colo, pela história que construímos juntas, pela força e incentivos em relação ao texto. Obrigada!

À minha grande amiga Viviane Carmem da Conceição Santos pelos créditos sinceros, pelo colo nesse período difícil, pelos papos construtivos sobre a teoria freudiana na companhia do amigo Leomir (*in memoriam*), pelas investidas nas viagens e por compartilhar comigo o desejo de superação das injustiças e preconceitos desse mundo.

À professora Dr^a Roberta Maria Lobo da Silva pela orientação deste trabalho, pelo respeito mesmo as minhas ideias mais singelas para um processo de mestrado, pelo incentivo, por me proporcionar novos conhecimentos e me apresentar à Herbert Marcuse. Obrigada!

À professora Dr^a. Gelta Terezinha Ramos Xavier pela orientação permanente com ensinamentos válidos para a vida e para luta de classe e, simplesmente por acreditar em mim. Por ser uma pessoa incrível e nunca desistir dos estudantes trabalhadores sufocados pela realidade. Obrigada!

Ao professor Dr. Aloisio Jorge de Jesus Monteiro pelo incentivo e todo crédito apostado na continuidade dos estudos e por acreditar que as diferenças produzem mais e melhor conhecimento para a liberdade. Pelo prazer de compartilhar as rodas de samba, a poesia dos silenciados e a alegria necessária à vida. Obrigada!

À professora Marília Lopes de Campos pela exortação dedicada à luta por uma educação de qualidade para os sujeitos do campo, por acreditar na construção coletiva e pelo incentivo a rememoração da história a “contrapelos”, confiando na simplicidade das narrativas dos sujeitos políticos como agentes da transformação. Pelas indicações de leituras fundamentais neste estudo. Muito abrigada pela contribuição ao meu percurso!

Ao professor Marildo Menegat pelas reflexões nas aulas da disciplina de Tópicos Especiais em Teoria Social, na UFRJ, que contribuíram para um olhar mais sensível sobre a realidade. Muito obrigada!

À Marízia Arreguy, minha psicanalista, que muito contribuiu nesse processo difícil de escrita que ao mesmo tempo significou um processo pessoal de autoconhecimento. Esta experiência se configurou em linhas e linhas neste trabalhando, agradeço ainda, pelo envolvimento e dedicação que me fizeram sentir acolhida em momentos singulares. O meu muito obrigada!

As crianças e aos colegas de trabalho da Escola Municipalizada Ministro Luis Sparano, em Maricá, com quem compartilhei vivências singulares que impulsionam minhas qualidades humanas e, principalmente, minha fé na humanidade e na mudança da realidade.

À minha grande amiga e companheira de trabalho Marinézia Costa de Araújo pela compreensão das dificuldades vivenciadas no processo, pelos incentivos e pela confiança em mim. Entrou em minha vida em 2010 e só contribuiu apostando no meu projeto de estudo, eu nunca esquecerei. Muito obrigada!

Aos professores doutores, os quais aceitaram fazer parte da banca de qualificação e de defesa da dissertação: Aloisio Jorge de Jesus Monteiro, Gelta Terezinha Ramos Xavier, Marília Lopes de Campos e Marildo Menegat.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pelo espaço, discussões e reflexões proporcionadas nas aulas.

A todas as pessoas, co-autoras, deste texto. Que não só corroboraram com saberes repletos de humanidade como em orações e pensamentos positivos na minha direção. Considero um processo intenso de energias coletivas. Muito obrigada!

Resumo

COUBE, Renata Jardim. **Formação humana e dimensão estética**: experiências de sujeitos políticos da licenciatura em educação do campo na UFRRJ. 2012. 104p Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto Multidisciplinar / Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2012.

O presente trabalho pretende tratar da ideia de formação humana na atualidade do capital. Concebe a Dimensão Estética como ponto crucial no processo de formação do homem contemporâneo, por ser possível um exercício livre para a autoformação e a autoconsciência, refletindo na direção de uma razão sensível como proposto por Herbert Marcuse. Uma Educação Estética que valorize as experiências humanas, os sentimentos e a riqueza da subjetividade como estímulos da cognição. A partir do diálogo com as narrativas de histórias de vida/formação de educandos, os quais compõem a primeira turma do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFRRJ, iniciado em 2010, o estudo intenta uma reflexão sobre formação humana na ousadia de buscar entender o homem partindo dele mesmo, ou seja, valorizando a subjetividade como elemento fundador de sua identidade. Relacionar as formulações da crítica da economia política e do papel do trabalho (Marx) com a teoria dos instintos reprimidos e da negação da satisfação humana (Freud) suscita reflexões importantes no contexto atual da barbárie. Colocamo-nos o desafio político de pensar o retorno do reprimido nas narrativas dos sujeitos políticos da LEC, insistindo na memória de suas experiências sociais e psíquicas ao longo de seus processos de vida/formação. A dimensão educativa da estética aliada à narrativa dos sujeitos singulares são as bases conceituais de um projeto de educação em disputa, centrado na razão sensível e na libertação humana, como um bem jamais gozado pelos homens (Marcuse).

Palavras-chave: Formação humana; dimensão estética; atualidade do capital e educação do campo.

Abstract

COUBE, Renata Jardim. **Human development and Aesthetic Dimension**: experiences of political subjects Ofcountry Education Bachelor at UFRRJ. 2012. 104p. Dissertation (master science in education) Instituto Multidisciplinar / Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2012.

This work intends to discuss the idea of human formation on current capitalism. Conceives the Aesthetic Dimension as crucial in the formation of contemporary man, by being possible a free exercise to self-education and self-consciousness, reflecting toward a sensible reason as proposed by Herbert Marcuse. An Aesthetic Education that values human experiences, feelings and richness of subjectivity as cognitive stimuli. From the dialogue among the narratives, life stories and student training - which constitute the first graduation class in Rural Education at UFRRJ, started in 2010 – the study attempts a formulation of human formation in the temerity to seek man's understanding from himself, in other words, valuing subjectivity as a founding element of their identity. Relating formulations of the critique of the political economy and the work role (Marx) with the theory of repressed instincts and denial of human satisfaction (Freud) raises important considerations in the current context of barbarism. We propose a political challenge by thinking about the return of the repressed in the narratives of LEC's political subjects, insisting on the memory of their social and psychic experiences, throughout their life processes / training. The educational dimension of aesthetics coupled with the narrative of singular subjects are the conceptual foundations of an education project in dispute, centered on the sensible reason and human liberation, as a benefit ever enjoyed by men (Marcuse).

Keywords: Human Formation; Aesthetic Dimension; Current Capitalism and Rural Education.

Lista de abreviaturas e siglas

| | |
|----------|--|
| LECAMPO | Curso de Licenciatura em Educação do Campo |
| CPT | Comissão Pastoral da Terra |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra |
| PRONERA | Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária |
| UFRRJ | Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro |
| FETAG-RJ | Federação de Trabalhadores da Agricultura do estado do Rio Janeiro |
| RECID | Rede de Educação Cidadã |
| CEDRO | Cooperativa de Consultoria, Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável |
| AMOC | Associação dos Moradores do Campinho-Paraty/RJ |
| TC | Tempo Comunidade |
| TE | Tempo Escola |
| INCRA | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| MDA | Ministério do Desenvolvimento Agrário |
| CEB | Comunidade Eclesiais de Base |

Sumário

| | |
|---|----|
| Apresentação | 1 |
| Introdução | 3 |
| Capítulo 1: Educação estética e formação humana à luz da psicanálise: dialogando com os conceitos para a compreensão do problema | 10 |
| 1.1 A dimensão estética como veículo para uma razão sensível | 25 |
| Capítulo 2. A atualidade do capital e as implicações na formação humana | 33 |
| Capítulo 3. Contexto e história do curso de licenciatura em Educação do Campo | 40 |
| Capítulo 4. Territórios simbólicos produtores de razão sensível: as narrativas de vida/formação dos educandos da LEC | 50 |
| 4.1 As narrativas: observando o <i>retorno do reprimido</i> em busca de uma <i>razão sensível</i> | 53 |
| Considerações finais | 66 |
| Referências bibliográficas | 69 |

Epígrafe

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!

(Fernando Sabino)

A enxada e a Caneta

O capitalismo envenena a terra
Mata nossas florestas
Milhares de árvores gritam
Os grilos se calam!

A Terra é a grande mãe
Nessa teia emaranhada
Se não caminharmos pereceremos
Torturados nas noites escuras das calçadas!

A caneta assina sentenças
para a vida ou para morte
os mártires tombados, na luta pela terra
Comprometidos com a vida, são muito mais fortes

A enxada que planta a vida
é também usada para abrir tristes valas do horror
para enterrar nossos companheiros caídos
vidas ceifadas na brutalidade de um sistema opressor!

O sangue se mistura com o pó das estrelas
derretidas pelo fogo das queimadas
a terra produz sementes, com os agrotóxicos da
ambição
sementes pela ganância e pelos poderes da corrupção.

No centro da terra está a vida
como toda a sua biodiversidade
camponeses e teóricos se unem
para cuidar da humanidade!

Na nossa Amazônia bela
e cruzam os principais caminhos
nas nossas universidades
projetos são sonhados para selar a liberdade!

Podemos ser a mesa farta para o mundo
não mais um mundo possível
mas um mundo necessário
podemos ouvir os gritos planetários!

Na agricultura da vida
podemos plantar o amanhecer de um novo tempo
um tempo de sabedoria de mãos colegiadas
de almas e mentes libertadas!

De teorias marxistas, anarquistas
comunistas e outras mais
de Educação do Campo, Reforma Agrária
De uma sociedade libertária!
Será lembrado como o tempo do recomeço
mulheres e homens, do campo e da cidade
aprendendo para ensinar, comprometidos

como a salvação da humanidade!
É preciso desvendar o invisível
Humanizar o desumano
Não ter medo de escuridão
Colher os frutos das sementes da paixão!

Plantar sonhos e sementes crioulas
colher uma agroecologia enraizada na vida
colher os doces frutos da sobrevivência,
partilhar teorias comprometidas!

A enxada e a caneta
Danças em perfeita simbiose, unidas
Ao som dos pássaros e dos aplausos dos planetas
rumo ao sol que desponta, a dança da vida!

Cida Santos - 29/02/12
(Estudante do Curso de Licenciatura em Educação do
Campo- LEC)

Apresentação

Angústia, sentimento caracterizado pelo estado de ansiedade, inquietude, sofrimento ou tormento, é constantemente experimentada pela sociedade atual. Um tempo de incertezas e exigências cruéis tanto para o indivíduo quanto para a coletividade; assim, seguimos constrangidos pela ideia de obrigação com um futuro de sucesso e pressionados por demandas imediatas que não param de acontecer. Instigados pelas insatisfações que acompanham o progresso tecnológico, estudiosos da psicanálise observam os feitos da cultura sobre o pulsional no homem¹. Freud despertara para a complexidade de tal fato quando anuncia que *a felicidade não é um valor cultural*. Sentimentos reprimidos inviabilizam as potencialidades humanas, logo, a satisfação plena da energia que impulsiona à felicidade. E, como são contidos desde a infância (fase da descoberta do mundo exatamente por meio dessa energia), não nos damos conta de que vão se exaurindo a curiosidade, a imaginação, a espontaneidade: o saber ser feliz.

Nossa vida psíquica tem seus primeiros registros ainda no útero materno, na relação intrínseca com a mãe o sujeito vai compondo seu inconsciente e aprendendo a mergulhar na cultura. A partir daí, é na infância que somos formados no movimento intenso da cultura que nega a sexualidade como algo inerente à condição humana². Cada registro inconsciente tem um fio de ligação com sentimentos que, assim como as lembranças, podem vir à tona inesperadamente, em algum momento retornam, porém, como agressividade. Sentimentos reprimidos tendem a ser devolvidos em certa medida em algum momento. Aprendemos, então, a racionalizar o sentir e compartimentarmos, dividindo razão e sensibilidade. A cultura na civilização subordinou nossa felicidade à rotina repetitiva do trabalho no sacrifício da negação da libido. Hoje, finalmente, chegamos ao apogeu da civilização produzindo tudo que pode tornar a vida humana uma intensa satisfação, no entanto, continuamos sofrendo ausências e educados para o silêncio e a castração.

Nos tornamos o possível do conflito inevitável entre id, ego e superego na engrenagem da cultura. O ego apresenta-se como um administrador algoz, avaliando e determinando as experiências e ações humanas deliberadamente na dilação e na renúncia.

Viver em sociedade se tornou um insistente e repetitivo cumprimento de tarefas no afã de conquistar um lugar ao sol e provar aos outros o que podemos fazer, possuir, acumular. Produzimos ansiedade, aflição, falsos desejos e, consequentemente, frustrações. Neste intento, as pessoas no nosso tempo pensam que são livres e autônomos enquanto apenas repetem, como nos diria Marcuse.

Quando o que desejamos é de fato verdadeiro, o caminho é conduzido como um acaso ao encontro do que precisamos. Digo isso, pois, meu estudo tornou-se a trajetória particular de uma busca. Pensar dimensão estética e as narrativas de sujeitos em formação me conduziu a partir das leituras de Herbert Marcuse à compreensão, muitas

¹ Expressão utilizada por Ricardo Goldenberg em *Política e Psicanálise*, 2006.

² Apropriamo-nos de Freud para fazer uso das afirmativas desse parágrafo, em especial a ênfase que o autor dá à sexualidade, algo muito importante de ser debatido. Um sujeito que possui desconhecimento de sua sexualidade desconhece igualmente os feitos culturais sobre suas pulsões; podemos inferir, então, a ocorrência de um indivíduo politicamente fragilizado.

vezes desprezadas, da teoria de Sigmund Freud e sua contribuição para o entendimento humano na trama da história. E não era possível pensar sobre isso sem observar a mim mesma neste contexto.

Ser humano, apesar de parecer óbvio, requer uma elaboração na qual participam o sujeito, uma diversidade de objetos com seus sentidos e significados; o tempo histórico e as engrenagens da cultura. Somos o resultado da interpretação que fazemos sobre os diversos objetos com os quais convivemos e de uma grave repressão libidinal pela realização da civilização. Tal repressão, que se estabelece pela cultura, vem sendo legitimada pela educação e nos faz aceitar que a felicidade mora em um futuro distante e depende de questões externas as quais buscaremos eternamente e, enquanto isso, nunca alcançarmos a satisfação instintiva do desejo. Tornar a felicidade um valor indispensável implica discutirmos uma razão sensível que permita ao desejo mobilizar a vida. É exatamente sobre a consequente angústia dos dias atuais que produziremos os alicerces para uma nova cultura de satisfação do prazer como um feito político, o retorno do reprimido.

Estamos adaptados a aceitar instituições sociais que promovem um ego reificado administrado pela cultura; reprimidos nos submetemos a lutar pela sobrevivência aceitando que em uma semana produtiva temos dois dias de prazer (finais de semana) e cinco de labuta (os chamados “dias úteis”). Não se trata de desejar uma sociedade sem regras, mas repensar o que nos tornou refém de nós mesmos aceitando o barbarismo do projeto capitalista. A negação da sexualidade que produziu esta condição pode um dia retornar, produzir o ser contrário.

Considerando e valorizando o movimento próprio da realidade, o materialismo histórico dialético deve conduzir uma análise atualizada, ou seja, a partir das condições materiais do homem de hoje e do resultado do trabalho humano como conquista de todos. Se todas as necessidades humanas já poderiam ser atendidas, por que não as reivindicamos definitivamente? Por que não tomamos os frutos do trabalho, como direito à felicidade? Não sabemos mais como ser feliz? Até quando manteremos a angústia de buscar o desconhecido para chegar a lugar nenhum? Freud nos diria que sofremos porque desejamos, enquanto Marcuse contra-argumenta avaliando que construímos falsos desejos e necessidades e, por isso, sofremos. É chegada a hora de abandonar a falácia da cultura de massa alienante e violenta da reificação e refletir a fundo que a felicidade da coletividade/humanidade depende da satisfação interna de cada indivíduo e vice-versa. O valor político da dimensão estética está em destacar na subjetividade humana o potencial da sensibilidade que faz conhecer e desejar a transformação. O sentir modifica a ação humana e nos localiza como ente-espécie.

Introdução

O que coloca os seres humanos da Ilha das Flores depois dos porcos na prioridade de escolha de alimentos é o fato de não terem dinheiro nem dono. O ser humano se diferencia dos outros animais pelo telencéfalo altamente desenvolvido, pelo polegar opositor e por ser livre. Livre é o estado daquele que tem liberdade. “Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”³.

Jorge Furtado, 1989 (Argumento, roteiro e direção do filme *Ilha das flores*)

A opção pela epígrafe/trecho do filme *Ilha das Flores* justifica-se pelo fato de o mesmo manifestar em mim um mal-estar indescritível, uma vez que considero desperdiçado todo potencial e beleza humanos na condição de miséria denunciada pela obra. O filme documentário é um gênero cinematográfico que objetiva trazer a realidade por meio da arte, traduzindo o olhar singular de quem o produz. Uma representação do real sobre uma perspectiva, que, neste caso, não apresenta neutralidade. É de fato uma expressão artística realizada com intencionalidade, apesar de seu resultado variar de acordo com seus interlocutores. Eis a função da arte: atingir a abstração humana e as faculdades da imaginação, da emoção, ou seja, a dimensão subjetiva onde não há limites para o pensamento reflexivo particularmente sentido.

A imaginação entra em acordo com as noções cognitivas do entendimento, e esse acordo estabelece uma harmonia das faculdades mentais que é a resposta agradável à livre harmonia do objeto estético (MARCUSE, 1968, p.160).

O objeto não precisa possuir necessariamente o estereótipo conhecido do belo para compor a dimensão estética na relação entre sujeito e objeto. Ao contrário, por transitar entre a sensualidade e a moralidade, a dimensão estética compõe-se também da ideia de feio, ou mesmo desagradável. A sensação de náusea causada pelo filme é resultado do sentir humano da percepção do estético. Sujeitos subjugados, desmerecidos, calados pelo sofrimento da condição indigna traduzida na dimensão extremante política da estética. E, é política não porque fala da pobreza, mas pela intervenção direta na faculdade da imaginação que é livre e fértil o suficiente para nos remeter a novas ideias. No caso desta obra, ela movimenta minha percepção sensível sobre a realidade como dispositivo que, ao me permitir conhecer e me reconhecer como ente-espécie, possibilita indignar-me com tal fato.

Torna-se inevitável refletir sobre o termo liberdade. O que aceitamos como liberdade? O que experimentamos como liberdade? Mas esta condição traduzida no filme é a única forma de negação da liberdade? O que acontece na formação que nos configura sujeitos sem indignação, de sentimentos contidos? O sentido da realidade é específico, único para cada sujeito que sente. Mas como nos relacionamos com o sentir? Até que ponto nossos sentidos são também produzidos mais pela cultura que por nossa própria intenção? O que temos sentido individual e coletivamente sobre a realidade?

³ Frase extraída da obra poética “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília Meireles.

De fato, como propõe Marcuse, uma obra não precisa falar em desigualdade social ou explicitamente reivindicar direitos para ser política e provocar intensamente as faculdades mentais que impulsionam a autonomia. A arte pode incitar os sentidos, mobilizar a alma humana sem obrigação alguma para tanto. Na dimensão estética, se configura a relação que o sujeito estabelece com os objetos na potência ilimitada da imaginação criativa.

Pensando em como seria a narrativa das experiências desses sujeitos, recorde-me de Walter Benjamin e suas considerações sobre a arte de narrar experiências⁴. Benjamin aponta o silenciamento dos soldados, que retornavam dos campos de batalha da última guerra mundial, enfatizando a terrível pobreza de experiência comunicável pelos horrores vividos na tragédia da guerra. O contexto da guerra, sendo extremamente hostil e castrador, inviabiliza a imaginação criativa pela imposição da morte. Seu principal objetivo é a pulsão de morte; assim, lhes falta beleza e alegria pela vida; sem dúvida, o espírito belicoso nega a necessidade humana de felicidade. Se as pulsões sexuais são uma necessidade orgânica, a inviabilidade delas promove as condições de uma realidade que tende a abandonar Eros e conciliar-se em Thanatos. Com o sentir humano mergulhado na pulsão de morte, a tendência é de deformação e desumanização.

Partindo do pressuposto de que não há neutralidade, a escolha investigativa deste trabalho parte do questionamento sobre a atualidade dos processos de formação humana. Sendo assim, relacionamos a educação (em seu sentido mais amplo, além dos espaços escolares) com o contexto político e mesmo as consequências percebidas no homem alienado de sua capacidade de intervenção crítica e sensível no mundo. Intentamos divergir de um contexto hegemônico repressor e norteador de uma educação que deforma os sujeitos, alienando-os de si mesmos. O paradigma dominante impôs verdades que produziram a vida social e particular dos sujeitos para a adaptação ao trabalho, as obrigações e a ordem, e isso teve consequências sérias nos corpos dos sujeitos e na resposta à própria humanidade. Nesse sentido, buscamos captar as questões que dizem respeito ao homem e à humanidade partindo da imbricação entre formação humana, política e dimensão estética na atualidade do estado de barbárie no qual estamos imersos.

Estão em nós as marcas da história e a partir delas (e sobre elas) é que podemos pensar o seu contrário. Expressamos as raízes do nosso pertencimento social, cultural, de experiências ora reivindicando, ora negando, respondemos a um conjunto de elementos localizados historicamente por razões múltiplas e complexas; produzimos ideias e somos por elas produzidas. Por isso a opção, aqui expressa desde a epígrafe, de tratar de observar o *humano* muitas vezes desconsiderado, na miséria das condições sociais e na negação da liberdade de ser com autonomia e pelo prazer.

Entretanto, para nos debruçarmos na pesquisa, foi preciso delimitar o elemento de relevância sobre o objeto com o qual trabalhamos. Desse modo, tratamos aqui da dimensão estética no processo de formação humana como produção epistemológica do sensível.

A marca de violência e miséria enunciada em *Ilha das flores* não representa a única forma de expressão do impedimento de *ser* da vida humana. Entretanto, ainda nos dias de hoje, a obra é de extrema atualidade, pois produz a imagem da nossa condição

⁴ Exemplo retirado do texto O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, em que Benjamin defende a importância da arte de narrar, de intercambiar experiências.

política de país periférico e nos impulsiona a querer saber por qual razão, mesmo com toda a explosão tecnológica, ainda seja possível sofrer tanto com a fome quanto com o extremo desgaste da exploração do trabalho humano. Somos negados de inúmeras formas na civilização capitalista, mesmo quando não diretamente no exemplo “experimentado” pelos moradores de Ilha das Flores. Somamos as misérias e violências com o desrespeito aos direitos do ser social e, principalmente, mantemos o que nos aprisiona e nega nossa liberdade. Compreender os porquês do quadro político atual exige um olhar mais aprofundado sobre nossa constituição como periferia e, sem dúvida, exige considerar os sujeitos desse processo como seres da complexidade e que o processo cultural, que os influencia, pode ser resultado de mais combinações do que podemos perceber nas aparências.

A formação das subjetividades pode ter influência muito clara na condição de subordinação assumida, por nós brasileiros, no próprio desenvolvimento econômico capitalista ao longo de sua história. Procuramos nesse estudo apostar que, como em Marcuse, somente uma nova racionalidade na forma de produzir o sensível pode produzir um novo homem. Segundo Freud, *a história do homem é a história da sua repressão. A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva* (in Marcuse, 1968, p. 33). Ou seja, o potencial humano está condicionado à cultura que transformou a humanidade em civilizada no desenvolvimento do sistema capitalista – condenamos o homem e potencializamos o capital e, a consequência disso sentimos com a catástrofe da barbárie.

A atualidade da obra *Ilha das Flores* se apresenta no questionamento de, apesar da potencialidade humana (já que possuímos um *telencéfalo altamente desenvolvido e um polegar opositor* que nos diferenciam dos demais animais), ainda sermos cativos de outros seres humanos, ou até de nós mesmos, se considerarmos a compulsão pelo consumo, por exemplo. A violência está generalizada; desrespeito aos direitos civis; destruição intensa da natureza em nome do desenvolvimento; desprezo ao que é básico para a garantia da sobrevivência; corrupção em massa dos valores humanos e da brutalidade contra a luta das categorias profissionais. Por essa razão, impomos-nos pensar e formular reflexões acerca de uma concepção de formação humana, que se dedique a modificar essa história brasileira partindo do pressuposto da emancipação humana como único caminho possível⁵. Contudo, pensá-la está intimamente ligado à evolução do sistema econômico que tornou-se determinante da condição humana no mundo – o sistema capitalista – em sua fase de maior exploração. De acordo com o professor Menegat:

O domínio absoluto do capital, isto é, a transformação de tudo em mercadorias, se realiza, na relação dos seres humanos com a natureza, na forma de uma manipulação total desta. A própria natureza se torna um sistema fabricado pela sociedade por meio de grandes complexos financeiro-agro-industriais. Esta mercantilização da natureza não apenas retira os meios de subsistência das antigas massas de camponeses, realizando uma expropriação em escala planetária, como põe em

⁵ Podemos dizer que a ideia da emancipação humana como único caminho para a transformação da realidade, contra o processo de reificação que nos foi imposto pelo capital, provém dos estudos de Marcuse, que orientam este trabalho.

alarmante risco a preservação do planeta. A vitória do trabalho morto (capital acumulado) sobre o trabalho vivo é essencialmente um domínio da morte sobre a vida, e este é um dos sentidos mais elementares da fase tardia do capitalismo. Esta situação representa também a aceleração e o incremento da urbanização da humanidade (MENEGAT, 2008).

Apesar de toda a capacidade humana de pensar sobre a própria condição, admitimos a realidade narrada na epígrafe como situação comum. Nossa capacidade de pensar/intervir no mundo, compreendendo a totalidade da realidade com autonomia, depende também da condição histórica que estamos alocados, assim, a relação e realização dos sujeitos no plano político é determinada e também determinante dessa condição. O desacerto com a política contribui em muito para uma generalização da alienação. O autor citado inicia um de seus trabalhos com a seguinte afirmação:

O capitalismo entrou numa nova fase desde meados dos anos 1970. Neste período acelerou a afirmação de seu domínio sobre todas as esferas da vida humana e a todas as partes do planeta. Impulsionada por grandes transformações produtivas, esta nova fase representa a sua maturidade – e o auge – enquanto sistema. No mundo não existe outro modo de produção significativo. Estamos todos (de Xapuri a Nova York, de Bangladesh a Paris) unificados numa sociedade produtora de mercadorias. O arcaico, entendido como pré-capitalismo ou o insuficiente desenvolvimento da produção capitalista, está superado. O arcaico que vemos agora espalhado pelo mundo, desde os países periféricos até as periferias dos países centrais, é a própria configuração deste modo de produção. O seu progresso não passa de formas ideológicas de um impressionante retrocesso (MENEGAT, 2008).

É exatamente nesse contexto de retrocesso, ao mesmo tempo de transformações produtivas, que está colocada a condição de subordinação humana. Todas as relações se tornaram relações comerciais e assumimos as frustrações como resultado de um desempenho individual. Tudo isso é ainda pior para os sujeitos da base da escala social, onde o desemprego, o menor poder aquisitivo e os impedimentos práticos se tornam incompetência pessoal. O sistema produz cada dia mais insatisfeitos em grupos sociais diversos. Contudo, há agora uma resposta muito negativa e violenta que já percebemos na coletividade. Essa resposta causa uma angústia que faz perder o caminho da possibilidade de mudança e gera o descrédito inevitável.

Um ponto importante para nossa análise é trazer as especificidades que nos constitui como país para, posteriormente, nos permitir caminhar a uma compreensão sobre o que somos – uma origem manchada pela exploração em todas as esferas, genocídio, escravidão e negação, precisa ser considerada. Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda destaca: *trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra* (HOLANDA, 1995, p. 31). Se a civilização deixou como herança marcas para toda humanidade causando em certo sentido deformações, o que diríamos, então, de nós brasileiros? Pensar formação humana em um país como o nosso implica pensar a composição dessa sociedade, que é resultado de múltiplas violências desde sua origem.

Pois é a “origem” da história política brasileira desastrosa, de intervenção violenta sobre os povos. Em outras palavras, a ordem foi a violência, a exploração, o roubo, impedimento da cultura nativa e a subjugação ao trabalho.

Fomos educados para conter a satisfação pessoal em detrimento da realização do trabalho que traria o progresso, tragicamente numa conjuntura confusa e desfavorável. Nossa condição tem agravante, pois, vimos um “desenvolvimento” tardio, dependente, disforme e avassalador para as culturas e hábitos de uma coletividade. Falar do Brasil é também falar de massacres e resistências, lutas e derrotas. O processo constitutivo da alienação do homem de si mesmo tem um contorno específico em um país com essas características, na medida em que, determinou comportamentos de subserviência e de quase nenhuma crítica sobre os fatos políticos. Os sujeitos de hoje são “incompletos” como a própria formação deste país, que tem por condição a situação de periferia do mundo.

O estudo, aqui apresentado, surge com a minha inserção no grupo de pesquisa Filosofia e Educação Popular: desafios contemporâneos, espaço em que iniciei minhas leituras sobre Freud e Marcuse. O grupo visava compreender e acumular teoricamente sobre Educação Popular investigando, dentre outros pontos, o sujeito revolucionário na atualidade do caos em que vivemos. Constitui-se uma pesquisa qualitativa e ousamos dizer, Pesquisa Militante⁶, visto que perceber a contribuição da dimensão estética no processo de formação humana é reconhecer o papel político desta na busca pela liberdade individual e coletiva e, conseqüentemente pela felicidade. O ponto de partida são as narrativas dos educandos da LEC como recorte para refletir sobre o real. Os exemplos empíricos pontuais isolados não representam a totalidade, mas como também a compõe se constituem veículos importantes para a compreensão da mesma.

A opção por caracterizar este trabalho como Pesquisa Militante deriva da inquietude com os rumos da formação humana. Uma realidade colapsada que exige do pesquisador um interesse para além dos princípios que regem a sociedade capitalista. Neste trabalho estão impressos indiretamente os sentimentos de quem vive o colapso das relações sociais como expressão da barbárie no seio do cotidiano escolar. A educação e suas instituições estão sofrendo as conseqüências degenerativas do processo capitalista para a humanidade. Sendo assim, pesquisar o homem, e o que está se fazendo dele historicamente, compreende nos limites desse trabalho uma pesquisa militante.

Ouviremos as narrativas das trajetórias de formação e suas impressões das imagens produzidas ao longo dos trabalhos, evidenciando, o sentimento dos educandos no e sobre o processo de formação/constituição dos sujeitos da LEC. Eis aqui, então, o

⁶ O conceito de “pesquisa militante” surge de articulações críticas da noção de pesquisa, somada ao princípio de que as ações sociais estão intimamente relacionadas às pesquisas e investigações, neste sentido, não haveria pesquisa sem imediatamente uma cooperação social, por onde decorrem aprendizagens, transformações, conflitos, e muitos outros. A pesquisa deve ser realizada por situações relacionais, ou seja, trocas, conversas, entrevistas, debates, leituras coletivas que instituem que os termos da pesquisa são desenhados colaborativamente e considerando sempre a posição ou lugar de fala do pesquisador que, segundo uma pesquisa militante, não pode deixar de ser ele mesmo um “pesquisado”. Sobre o assunto ver, <http://arquivodeemergencia.wordpress.com/extratos/t-textos> e THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1985.

que compõe parte importante neste trabalho: os educandos, os quais são a fonte viva desse processo e devem ser valorizados.

Insistir no termo formação humana não significa redundância, mas sim implica em denunciar o pragmatismo desumanizante presente nas pedagogias de uma sociedade capitalista, a qual desconsidera as subjetividades em nome de um controle, uma ordem necessária à aprendizagem. O movimento aqui intenta exatamente o contrário; buscar uma formação que valorize o humano, seus sentimentos, impressões particulares, sua subjetividade a partir da crítica organizada por Marcuse que se propõe a um projeto na contramão da lógica do capital.

Considerando a barbárie o resultado do processo degenerativo do capitalismo na atualidade, que elementos são necessários à formação do homem no sentido de dar condições de reelaborar uma nova racionalidade do sensível, aplicada à percepção sobre sua autoformação e autoconsciência?

Segundo Marcuse, vivemos um tempo em que todas as necessidades humanas já poderiam ser atendidas e todas as mazelas resolvidas, contudo, não só não o fizemos como nos tornamos cada vez mais prisioneiros de outros homens e escravos de falsas necessidades. O homem contemporâneo acha que é livre e dono de suas vontades, todavia é formulado culturalmente para servir à manutenção da ordem e não da vida em condição de abundância, usufruindo das conquistas históricas. Mas, segundo o próprio autor, a solução para este quadro pode estar na contradição histórica da mesma lógica que reprimiu e subjugou os homens. Observar o valor político da dimensão estética significa valorizar o sujeito no seu processo como autor de sua formação. Significa sair do automatismo atual e dar asas à imaginação criativa. Ainda segundo ele, já poderíamos substituir o trabalho por atividade lúdica e viver finalmente a fartura no lugar das ausências.

Contudo, este feito necessitaria não só da tomada de consciência das conquistas tecnológicas como um bem de todos, como do direito à felicidade e, fundamentalmente, a descoberta da liberdade como uma necessidade coletiva. Para tanto, assumir a liberdade e desejar a felicidade nos parece ainda uma tarefa a ser conquistada a duras penas. Até quando? Poderíamos recriar a realidade admitindo a dimensão política da estética como um caminho interessante para o reconhecimento de si mesmo e do mundo? Isso depende de quais pressupostos partimos. Aqui, compreender e transformar a realidade passa pela compreensão individual do direito ao prazer e à satisfação. O sentir individual passa dar o sentido à coletividade.

Organizamos o estudo em quatro principais capítulos. No primeiro apresentamos o problema/questão da pesquisa à luz do entendimento de Marcuse acerca da dimensão estética, exclusivamente no processo de formação política dos estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A sociedade atual chegou em um estado de barbárie, de desumanização insustentável, no qual a angústia torna-se responsabilidade individual. Um contexto criador de falsas necessidades, onde o sujeito coloca a si mesmo em uma condição de responder às demandas externas e acaba por conter a satisfação instintiva do prazer. Configura-se, então, o ego administrado pela cultura. Nesse capítulo trabalharemos com os principais conceitos que nortearão todo o estudo, a saber: formação humana, dimensão estética e educação, sendo este resultante das formulações de Paulo Freire, precipuamente na obra Pedagogia do oprimido.

O segundo capítulo versa sobre a atualidade do capital e suas implicações na formação humana. Esta sendo compreendida como aspecto principal da educação em seu sentido mais amplo. Em uma análise atualizada de tal contexto histórico, todas as necessidades materiais para a realização da vida em sociedade já poderiam ter sido resolvidas, tendo em vista o desenvolvimento não somente das forças produtivas como do resultado do esforço humano.

O contexto e a história do Curso de licenciatura em Educação do Campo estão contidos no terceiro capítulo, no qual apresentamos seu Projeto Político Pedagógico e algumas caracterizações da conjuntura da educação do campo até sua conquista como modalidade de ensino, seu reconhecimento institucional, e precipuamente a organização da luta dos movimentos sociais em prol de tal reconhecimento. A escolha desse grupo partiu de uma identificação pessoal, visto que compomos a mesma posição na sociedade desigual, castradora e violenta.

No quarto capítulo atemo-nos às narrativas das histórias de vida/formação dos educandos da LEC, sendo nosso intento identificar se há indícios que nos permitam observar o retorno do desejo reprimido pelo processo civilizatório para, posteriormente, pensarmos uma educação comprometida em reunir razão e sensibilidade, emoção e sensualidade tendo como aporte teórico as elaborações de Marcuse e também de Freud.

CAPITULO 1. Educação estética e formação humana à luz da psicanálise: dialogando com os conceitos para a compreensão do problema

O essencial é saber ver, mas isso, triste de nós que trazemos a alma vestida, isso exige um estudo profundo, aprendizagem de desaprender. Eu prefiro despir-me do que aprendi, eu procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, desembrulhar-me e ser eu.

Alberto Caeiro

O homem está destinado à multiplicidade, e a única coisa permitida é sua interpretação.

Friedrich Nietzsche

A investigação pretendida, neste estudo, sustenta-se na busca em perceber a dimensão sensível do humano no processo de vida/formação, tomando como exemplo as narrativas de estudantes da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Trata-se de, identificando o contexto e condições em que se revelam as consequências da reificação, na atualidade, refletir a partir da memória dos próprios sujeitos os sentidos possíveis na percepção humana, ativadores do processo cognitivo, na dimensão da experiência e da ação sobre o mundo. Intentamos perceber na fluidez da narrativa se há indícios que nos permitam observar o retorno do desejo reprimido pelo processo civilizatório para, assim, pensarmos uma educação comprometida em reunir razão e sensibilidade, emoção e sensualidade, tendo como aporte teórico as elaborações de Freud e Marcuse. Aposta na contribuição da dimensão estética para o processo de formação de homens livres e autênticos.

Cada existência narrada contém em si um ser múltiplo e singular possuidor de potencialidades. Poderíamos dizer que, observado o seu valor estético, a narrativa proporcionaria um reencontro com as faculdades sensuais e ao mesmo tempo com a razão, para a superação da liberdade que nos foi negada? O acesso proveitoso às faculdades mentais humanas, tratadas como inferiores, só é possível através do próprio homem; sendo assim, qual o significado político de desvendá-las? Percebemos as marcas da escravidão e da coação e da consequente violência como resultado? A dimensão estética das experiências, individual e coletiva, ou seja, a apreensão cognitiva sensível da realidade é conteúdo no campo da educação à medida que pretendemos perceber o homem negado de sua necessidade de liberdade. Assim, cabe a nós, utilizando a memória como recurso, investigar as demonstrações do conteúdo reprimido (o sentir) e, a partir disso, buscar na própria subjetividade o caminho para unir sensualidade e intelecto, prazer e razão.

Para tanto, tomamos como referência a tese apresentada na obra *Eros e Civilização*, escrita em 1955, pelo filósofo e sociólogo alemão Herbert Marcuse (1898-1979). Em suas palavras – *os problemas psicológicos tornam-se problemas políticos: a perturbação particular reflete mais diretamente do que antes a perturbação do todo, e a cura dos distúrbios pessoais depende mais diretamente do que antes da cura da desordem geral* (MARCUSE, 1968, p.25). Pesquisar o homem atual e as intenções da

educação do seu tempo implica olhar o contexto de barbárie que parece se instalar na vida e nas ações da coletividade. O autor, lendo o seu tempo histórico, observa a relevância da análise psicanalítica, de Freud, para compreender os distúrbios e violências, os quais só aumentaram com o tempo apesar de tantas conquistas científico-tecnológicas.

Na referida obra, Marcuse constrói sua argumentação teórica pautado na elaboração de Freud sobre a repressão dos instintos e da libido como alicerce para a construção da sociedade civilizada. A valorização da dimensão estética poderia, então, ser um caminho para desfazer os resultados de uma repressão cultural, retomando significado e função originais da estética. Aponta que a liberdade cultural se estabelece à luz da escravidão (trabalho alienado) e o progresso cultural à luz da coação, ou seja, pagamos um preço pelas conquistas histórica da civilização. Entretanto, acredita que, da própria condição de repressão em que nos encontramos, pode surgir o contrário e a mesma civilização que reprimiu contém os elementos de superação. Logo, podemos recusar tal condição retomando o princípio de prazer negado à humanidade. Para Marcuse, *a repressão inconsciente dos desejos tanto no desenvolvimento filogenético quanto no desenvolvimento ontogênico é uma característica específica do nosso tempo histórico, do capitalismo moderno* (LOBO; SANTOS, 2010, p. 4). E ainda, *onde Freud vê mal-estar, Marcuse vê um imenso potencial dialético* (Ib. p. 4).

É importante, neste caso, considerar o destaque sobre o conteúdo da libido para vida do ser humano. O termo libido possui origem no latim e denomina desejo ou anseio, sendo uma energia instintiva capaz de mobilizar-nos à ação. A sexualidade, por sua vez, remete à dimensão do humano, cuja força motriz vem a ser a libido. Quando Freud investe no conceito sexualidade, ele transcende a noção do ato sexual. E Marcuse o retoma fazendo a defesa de uma sexualidade polimórfica no intuito de indicar uma saída à situação de submissão do homem a ordem desigual e castradora; exatamente ativando as necessidades orgânicas, biológicas que estão reprimidas e, assim, *fazer do corpo humano um instrumento de prazer e não de labuta* (MARCUSE, 1968, p. 16).

Para o autor é possível reprogramar a força da energia libidinal aprendendo a pensar a respeito dos impulsos decorrentes de tal força. Ou seja, refletir sobre o que sentimos ou somos estimulados a sentir, ou ainda usar a energia da libido reprimida para reelaborar um novo princípio de realidade, na medida em que a própria civilização nos habilitou a utilizar a faculdade da razão e com ela podemos traçar a crítica necessária à realidade reificada ou a qualquer outro aspecto desta. Isso significa considerar o potencial humano de produzir sua própria história. De, acreditando ser a dialética o próprio movimento da realidade, a possibilidade de superação e recusa a coisa dada ser algo iminente. Ou seja, ele refuta a afirmação de Freud de que a realidade é incompatível com o princípio de prazer e, por isso, terá de ser contido; pois o homem tendo o prazer como uma necessidade orgânica (hipótese filogenética) pode produzir, nas bases das condições de renúncia e negação, uma nova racionalidade em prol da satisfação. Isso poderia ocorrer à medida que admitíssemos como ordem a beleza e como trabalho a atividade lúdica.

A contribuição de Freud supera talvez suas próprias intenções, entretanto, a de Marcuse significa caminhar na crítica elaborada pelo marxismo, mas desta vez considerando o sujeito da transformação do mundo: o homem, como um ser da subjetividade, de dimensões múltiplas que estão além do que nossos olhos podem captar *a priori*. Isso significa que desconsiderar as dimensões da emoção, da sensualidade, do

prazer e do próprio inconsciente, interfere na interpretação humana, logo, na ação humana. Em termos práticos, esperamos por um “sujeito revolucionário” completamente imerso no contexto da reificação e desenhado pela forma-mercadoria. Como podemos revolucionar se a sociedade tecnológica disciplina o corpo para o trabalho e os pensamentos humanos com necessidades falaciosas para o consumo?

Com os estudos de Freud aprendemos que a consciência é apenas um fragmento de nossa vida psíquica. Vivemos uma eterna luta entre Id, Ego e Superego que transitam entre o consciente e o inconsciente e, nesse processo, compomos e corroboramos a realidade nas mediações do que é possível às nossas impressões e interpretações sobre ela. Os estudos indicaram que somos mais estranhos a nós mesmos do que imaginamos, considerando o conteúdo guardado pelo inconsciente e em constante conflito com as pulsões de vida e morte. Nossas ações são por nós mesmos bem menos controladas que acreditamos, mas administradas pela cultura imposta e traduzida pelo Ego. E, logo na infância, somos instruídos, adaptados, isto é, reprimidos para a realização da vida na sociedade civilizada. Aprendemos a controlar os impulsos e vontades negando nossos desejos e com eles percepções muito íntimas de nós mesmos.

Sofremos uma heteronomia introjetada⁷, ou seja, nos habituamos a receber as coordenadas de fora para dentro, à revelia dos nossos desejos e, como a história do homem é a história de sua repressão (Freud), conhecemos apenas uma única dimensão da realidade e de nós mesmos. A cultura nos reserva com isso a mais-repressão; a falsa ideia de liberdade de expressão, liberdade sexual, quando na verdade estamos perpetuando a reificação, apesar do vasto acesso aos meios produzidos. Tornamo-nos um super produto das marcas culturais e agimos automaticamente pelos estímulos sociais fabricados e os dias passam, a vida passa e estamos nós correndo para um futuro que nem se sabe possível, se considerarmos a destruição intensa da natureza.

Na leitura de Marcuse, a liberdade nas sociedades contemporâneas é sufocada pela angústia, pelo medo assim como pela adequação às necessidades exógenas impostas. E ainda, aponta dois principais problemas adquiridos pela humanidade no rumo do progresso. O primeiro diz respeito ao momento em que produzimos o suficiente para tornar a vida mais confortável e usufruir dos frutos de todo empenho humano; todo o potencial tecnológico tem sido utilizado a serviço da destruição e da morte. Seja por meio de disputas pela guerra, seja pelo impedimento de Eros. O segundo grande problema vem a ser o fato de o progresso tecnológico ser considerado o próprio avanço da humanidade, logo, somos dominados por nossas próprias invenções, nos tornando apenas uma peça na composição da engrenagem capitalista e não mais sujeitos autônomos e livres. E tudo isso, de certa forma, conta com a permissão dos sujeitos adaptados⁸.

A forma como nos relacionamos com os objetos define a vida pessoal e coletiva na sociedade industrial; são criadas falsas necessidades e nos empenhamos insistentemente buscando satisfazer ao Ego dominado pela forma-mercadoria. Acreditamos necessitar de coisas que não são essencialmente importantes para a manutenção da vida, mas para satisfação momentânea, portanto, enganosa. Somos cúmplices na realização da repressão, enquanto não refletimos sobre o processo e suas consequências na vida cotidiana.

⁷ Expressão de Marcuse contida em sua obra Eros e Civilização.

⁸ Análise apresentada pela Professora Imaculada Kangussu da UFOP em entrevista ao programa Globo Ciência, no especial sobre Herbert Marcuse, em dezembro de 2011.

A civilização trouxe a chance de melhores condições de vida, mas não para todos. A multidão que pagou com a própria liberdade agora responde com violência e hostilidade contra si mesma. Tal hostilidade é vivenciada em graus e formas diferentes da vida cotidiana, seja na atuação dos governos contra o povo ou até mesmo entre o próprio povo. E quando um sujeito não dispõe dos instrumentos de acesso às condições de sociedade avançada, a brutalidade em relação a este é ainda pior. Cada vez mais se multiplicam os guetos permitidos onde as pessoas se organizam com seus iguais dando uma certa organicidade ao caos. Se a educação por si só não transforma a sociedade, tampouco, sem ela é possível mudar, diria Paulo Freire. É esse contexto que nos impeli a olhar o homem com a lente experimentada por Marcuse e refletir sobre formação humana. A psicanálise como lente e a dialética como método, eis a base para os argumentos de Marcuse.

Nesta perspectiva, é importante definir os conceitos-chave que se entrelaçam no percurso à procura da reflexão aqui sugerida. É importante ainda, esclarecer que a união de tais conceitos com o propósito de pensar os sujeitos históricos, na sua multiplicidade e existência em constante formação, tem uma trajetória consideravelmente recente inaugurada com o filósofo prussiano Immanuel Kant, com grande produção na segunda metade do século XVIII, até Herbert Marcuse, século XX. Vale destacar que há toda uma produção intelectual à margem das ideias estabelecidas nas sociedades ocidentais por pretender uma nova racionalidade, instigando a produção humana no campo da liberdade. Ou seja, *recordando o significado e função originais da estética (...) envolvendo a demonstração da associação íntima entre prazer, sensualidade, beleza, verdade, arte e liberdade* (MARCUSE, 1968, p.156).

Pensaremos a formação humana a partir da compreensão de Paulo Freire, que reconhece os homens *como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada* (FREIRE, 2005, p.83). A realidade é dialética, logo, sujeito e objeto se desenvolvem movimentando-se na mesma dimensão. Formar-se significaria um processo ininterrupto de elaboração pessoal, que se constitui ao longo da vida de acordo com a presença no mundo e com ele. Em Freire ainda encontramos sustento para esta proposta de estudo, no sentido de que estando os homens ora imersos, ora emersos, ora insertados⁹, o exercício das narrativas propicia observar sua própria história para uma percepção de si mesmo.

Assim sendo, nas palavras do próprio Freire, *o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objeto* (Ib., p.85), nos serve para pensar o que estamos sendo hoje, mergulhados no imediatismo e dominados pelas próprias criações tecnológicas. Atentar para a dimensão estética da experiência seria, nessa perspectiva, dar ao homem a capacidade de ler a si mesmo enquanto lê o mundo. Interpretando a si mesmo no intuito de construir e reconstruir a si mesmo, quantas vezes se fizer necessário no curso de seu desenvolvimento diante das condições e contradições do tempo histórico.

Outro conceito de fundamental importância é o de estética; entendida, aqui, como produção epistemológica do sensível, mecanismo de percepção/apropriação individual cognitiva sobre um objeto no mundo. Elaboração cognitiva de sentidos muito

⁹ Expressão utilizada por Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, 2005.

particulares que permeia a comunicação do ser sobre um objeto. Cada sujeito tem a sua forma de captar as informações e de comunicar-se com a realidade. Partimos, então, do pressuposto de que cada situação experimentada nas histórias de vida/formação afeta a cognição humana produzindo, assim, sentidos e significados para a elaboração de novos conhecimentos. Marcuse utiliza uma afirmação de Kant: *a dimensão estética é o meio onde os sentidos e o intelecto se encontram*. Para Kant, na interpretação de Marcuse, *o esforço filosófico de mediação, na dimensão estética, entre sensualidade e razão manifesta-se, pois, como uma tentativa para reconciliar as duas esferas da existência humana que foram separadas à força e despedaçadas por um princípio de realidade repressivo* (MARCUSE, 1968, p. 161).

Fomos ensinados a negar a sensualidade, a emoção, enfim, as pulsões sexuais que ganharam uma conotação negativa e de inferioridade. Entretanto, inevitavelmente, conhecemos com e a sensualidade, com os sentidos, no jogo da imaginação, um dado objeto sem que os conceitos estejam explícitos. Isso nos faz livre mesmo que o mundo externo não aprove. Uma educação atenta a dimensão estética do processo de conhecimento conduz ao movimento autônomo do sujeito tendo em vista que a valorização de suas impressões e sentimentos singulares, pois,

Na contemplação estética, a nossa sensibilidade e imaginação concordam, entram num jogo harmônico com a nossa inteligência, sem recurso a conceitos. Esse jogo harmonioso entre as nossas funções mentais, essa integração de todas as capacidades do homem suscita o prazer estético, e o gosto julga o objeto a mercê desse agrado (ou desagrado) (ROSENFELD, 1991, p.20 in: Schiller, 1991).

O antagonismo entre sujeito e objeto apresentado nos estudos de Kant vai gerar dicotomias, segundo ele, entre sensualidade e intelecto, desejo e cognição, razão prática e razão teórica. Na leitura kantiana, a faculdade do juízo é a mediadora entre a razão prática (vontade) e a razão teórica (entendimento) embasadas pelo sentimento de dor e de prazer, eis aqui o julgamento estético. E ainda, *combinado com o sentimento de prazer, o julgamento é estético, e o seu campo de aplicação é a arte* (MARCUSE, 1968, p.157).

Na plenitude da dimensão estética, pressupondo o campo da liberdade, o objeto afeta sensivelmente o sujeito que por sua capacidade imagética produz intelectualmente saber(es) singulares, acompanhado de prazer, reencontra o sujeito com sua existencialidade. No caso deste estudo, não se trata de exercitar a contemplação da obra de arte com as referências clássicas e ajustadas ao paradigma dominante. Ao contrário, a referência aqui é o próprio sujeito e sua experiência singular que sente e interpreta o mundo em que vive, se frustra, se indigna, sofre o conteúdo reprimido em nome do progresso.

Em se tratando da aplicação do termo para este estudo, poderíamos dizer que a dimensão estética educaria o homem para uma ação livre e humanizada, já que exige e se realiza na união de razão e sensibilidade, assim como, as demais faculdades mentais citadas por Kant, por sua vez descompromissado da ideia de mercadoria enraizada na sociedade atual. Dar liberdade à faculdade da imaginação com fruição não significa abandonar a racionalidade, mas aprimorar suas potencialidades cognitivas livrando o homem da alienação de si mesmo. O sujeito só pode ser livre a partir das condições de

suas próprias faculdades mentais para, então, ver e realizar na sociedade a liberdade que deseja.

Marcuse destaca que, a civilização, no auge de sua produção negligenciou a liberdade e espontaneidade da arte e, logo, a sua “formação estética”. Assim, *a subjetividade tornou-se um átomo da objetividade; mesmo na sua forma rebelde, rendeu-se e tornou-se um órgão executivo* (2007, p.15), o processo resultante da produção artística e o forte potencial revolucionário desta, que por si só ficou comprometido com a lógica da sociedade imediatista e superficial. Ele tece uma crítica à estética marxista acusando-a de reduzir o conceito de consciência, descartando o potencial revolucionário da subjetividade, ocupando-se em *interpretar a subjetividade como uma noção burguesa*. A crítica é pertinente porque denuncia um conceito de homem mergulhado apenas na dimensão objetiva da sua posição no mundo. *O potencial político da arte baseia-se apenas na sua própria dimensão estética* (MARCUSE, 2007, p. 11). Se não observamos as singularidades, multiplicidade, e porque não dizer a estrutura psíquica do homem, estaremos fadados ao fracasso de alcançá-lo.

Marcuse apropria-se de conceitos na teoria desenvolvida por Freud para compreender o homem na organização social do seu tempo, ele *emprega categorias psicológicas porque elas se converteram, na atualidade, em categorias políticas* (1968), e elabora uma crítica à forma de organização social baseada no trabalho como promotora de sujeitos reprimidos e subjugados.

Nestes termos, o desenvolvimento humano é inversamente proporcional à capacidade produtiva da atual forma de organização social, à medida que nosso Ego reificado – que desconhece quase que completamente seus instintos primários – passa a ser um fragmento reificado de um princípio da realidade que não se auto-conhece, reduzindo, com isso, nossa percepção, nossas necessidades (inclusive a fisio-biológica) e principalmente nosso prazer à minimização da dor, do sofrimento, do desprazer cotidiano, na mesma medida em que reduz a nossa visão de liberdade ao não-encarceramento (LOBO; SANTOS, 2010, p. 6).

A repressão cultural foi um processo gradativo em que as forças externas atuam no conflito entre os três traços da personalidade humana. O princípio de realidade é imposto ao ego, o qual elabora referências aplicadas à ordem social como próprias. A ideia de nunca satisfazer a necessidade de consumo consiste em uma regra do princípio de realidade, no entanto é admitida/assumida pelo sujeito como necessidade individual. Nessa perspectiva, passa-se a supervalorizar o ter (possuir e acumular) em detrimento do ser. Uma formação que considere a reconciliação entre razão e sensibilidade precisaria construir um novo paradigma, revolucionar a educação admitindo essa reconciliação pela via da valorização da dimensão estética.

Segundo Freud o que movimenta o homem é o desejo. O desejo é o que desorganiza, que desajusta o homem de si mesmo. Contudo, o desajuste pode ser também a condição de recusa a mais-repressão sendo um caminho para a autodescoberta. Somente desorganizando e colocando em prova as certezas sobre sentimentos e pensamentos é possível avançar como ser singular e original. Aceitar ao homem como ser da ordem da pulsão e não da necessidade, significa admitir a condição

de desejan­tes e com isso compreender que o desajuste consiste no passaporte para o conhecimento de si na relação com o mundo. Cabe-nos a reflexão cautelosa sobre tal condição de desejan­tes e de permitir tal movimento.

A singularidade humana abre possibilidade de mudança no ser que se reconhece nela e o problema da singularidade perdida, em detrimento de uma única forma, reduz a riqueza das formas, nega ao ser a percepção de sua individualidade. O homem que não se conhece é facilmente dominado pelo mundo e perde para si mesmo, torna-se um ego controlado/administrado. A ideia de ordenação vem com o progresso e é seguida de escravidão e violência. E essa ordem imposta (que é o princípio de realidade) ao ego, o qual corresponde negando a condição humana natural ao prazer e à liberdade. Por essa razão identifica-se que a história do homem é regida por negação e imperativos externos. A arte pode contribuir, porém, à medida que permite ao homem sentir (desejo), perder (frustração) e encontrar (conhecer) a si. O contato livre e espontâneo com a arte resulta o impacto na subjetividade criadora de novos sentidos e indagações, ou seja, a dimensão estética.

A arte é revelada importante para Marcuse, *quando está comprometida com a emancipação da sensibilidade* (2007, p.19), à medida que as emoções suscitadas por um objeto tornam-se conteúdo, a dimensão estética, permitem fugir do imediatismo de qualquer causa para constituir autonomia e uma *contraconsciência* renunciando ao conformismo. Não significa simplesmente falar do real e suas mazelas, mas de produzir uma forma de movimentar a subjetividade em direção a negação do princípio de realidade estabelecido.

O que fazemos hoje com a energia libidinal contida e canalizada para o trabalho? É possível o retorno do reprimido ser percebido nas narrativas de vida/formação desses sujeitos em questão? *A luta pelo destino da liberdade e felicidade humanas é travada e decidida na luta dos instintos – literalmente uma luta de vida ou morte* (MARCUSE, 1968, p.41). Eros e Thanatos representam arquétipos da luta dos sujeitos travada na sociedade e traduzem as dimensões humanas que a ciência não pode mensurar, mas a humanidade inteira já vivencia e sofre. Por isso a importância da filosofia para compreender o homem, ela não só reaproxima sujeito e objeto como se propõe a pensá-lo nas suas infinitas possibilidades. E com a psicanálise essa possibilidade se revela ainda mais enigmática considerando a dimensão do inconsciente.

Discutir formação humana na atualidade exige-nos uma atenção especial para o potencial educativo/formador do contexto histórico contemporâneo localizando nele as pretensões e condições de ser sujeito – ao mesmo tempo produtor e produto das marcas culturais modeladoras de padrões convenientes à manutenção da ordem econômica. Para livrar-nos desta formatação propomos discutir uma educação criadora de circunstâncias favoráveis ao pensamento crítico, libertário, para a luta social com vias à transformação da realidade reificada – que, neste caso, vem a ser a promoção de uma formação baseada na dimensão estética das narrativas de experiências de vida. Ou seja, que no exercício de criação, autoria, produção o próprio sujeito em formação seja o centro. A referência metodológica deve ser a vida real, o acúmulo ao longo do processo, da memória que é singular.

O nosso presente vem sendo tão envolvido pelo imediatismo na velocidade dos acontecimentos e invenções que não cessam de se superarem que, vamos perdendo a historicidade, a tradição oral e, por consequência, a humanidade. Todavia, não significa que paramos de fazer história. Mas os hábitos atuais não permitem espaços para que se

compreenda a nossa humanidade e, muito menos que há um potencial da dimensão estética das diversas *existencialidades* ao resgatar da memória as marcas singulares. Não há formação humana completa sem a auto-descoberta destas existencialidades e com elas o uso livre das potencialidades.

Compreender o ser humano só é possível por meio dele mesmo, justamente por sermos, segundo Josso, variáveis e singulares no plano psíquico. E Ainda, segundo a autora, nossa multiplicidade singular não pode observada na fragmentação do conhecimento, sem buscar referências na existência única;

A variabilidade e a singularidade das pessoas no plano psíquico, contrapostas aos modelos oferecidos pelas ciências sociais, criam um campo de liberdade possível na formação da identidade psicossociocultural. Os mais recentes trabalhos de abordagens bio-cognitivas vêm corroborar essa constatação teórica, através da observação do funcionamento cerebral e levam à construção do conceito de “autopoïesis”, para dar conta dessa capacidade criadora. Mas, como dar conta dessa margem de autonomia e de possibilidades, a partir de metodologias de pesquisa que isolam esta ou aquela característica do humano ou a partir de disciplinas que traduzem esta mesma fragmentação do sujeito, que se desconhecem mutuamente e perpetuam assim uma visão despedaçada do humano? Há ainda um certo paradoxo em querer falar da identidade no sentido genérico e não ser capaz de fazê-lo senão por intermédio de aspectos, tais como: identidade psicológica, identidade social, identidade cultural, identidade política, identidade econômica. Assim sendo, a existencialidade acaba por desaparecer do campo reflexivo sobre o humano, precisamente porque essa dimensão do ser não é passível de fragmentação (JOSSO, 2007, p.419).

Iniciar com o fragmento supracitado representa ratificar o argumento do quanto é complexo o debate sobre a compreensão do homem na sua totalidade e dos rumos para uma formação verdadeiramente humana, literalmente, sem neutralidade em qualquer aspecto. Se somos resultado de diversos campos de influência, devemos ser observados e trabalhados na mesma medida e a partir das experiências de sentido registradas ao longo da vida. As identidades apresentam-se ao longo do processo como resultado da produção da nossa existencialidade única.

Cada ser tem a experiência de sua história e dela impressões e interpretações de mais significativo valor sobre o mundo, por isso, partir dele torna mais eficaz o processo educativo. Do contrário, ou seja, uma educação distanciada da composição singular própria de cada sujeito tende a falha no que diz respeito à humanização.

Narrar, a faculdade de intercambiar experiências¹⁰, é um ato fecundo porque permite ao sujeito transportar saberes e sentidos no jogo do tempo. Seria possível uma

¹⁰ Expressão discutida em BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ação pedagógica reunir a arte da narrativa e as histórias de vida em um exercício de experiência estética? Admitindo que *o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros* (BENJAMIN, 1994, p. 201), como apropriarmos-nos da riqueza da ocorrência do vivido, ou seja, a experiência, valorizando a dimensão estética como veículo na formação?

Ao longo de nossa existência acumulamos fatos diversos que retomados com objetivo claro tem função pedagógica importante. O desafio é como pensar em contribuir para o debate e realização da formação humana aproveitando-se de forma respeitosa e produtiva, dos elementos narrados evocados nos discursos. Assim como, profundamente sentidos, são preciosidades que perpassam *pelas dimensões psicológicas, sociológicas, antropológicas, sócio históricas, espirituais (...) que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade* (JOSSO, 2008, p. 420).

Resgatando nossa história com a prioridade que nos compete, como narradores, denunciemos, marcamos posição, refletimos, sobre a realidade ou o que compreendemos dela. Evocamos sentimentos capazes de definir identidades, localizamos nossos pertencimentos como também o que não nos interessa e, assim, descobrimos que de fato que não há neutralidade diante da vida. Somos tomados pela força das causas assumidas muitas vezes sem percebê-las, pois somos seres políticos, e assim, produzimos posições identitárias pessoais e coletivas no mundo eminentemente político.

A participação política, no sentido do engajamento militante, seja na universidade, no movimento social ou no partido funciona muito bem no processo de formação, pois contribuem metodologicamente e além de ser referência (a causa, a organização, a identidade...) também promove experiências formadoras. Estas experiências podem ser muito interessantes no desenvolvimento do sujeito sem necessariamente estar contraposta a sensibilidade. Entretanto, as orientações políticas nas quais estamos acostumados enrijeceu mais que contribuiu, pois, nos deixamos velar por um sectarismo negador da ideia de uma dimensão estética mesmo no contexto da participação política.

A arte é aliada no processo de formação, não só no aspecto da fruição que nos sensibiliza a alma, mas por incitar os sentidos que nos levam a definir nossas identidades nos tornando seres mais completos. Contudo, não basta que o sujeito aprecie as modalidades e tendências artísticas já produzidas apenas como espectador. Mas sim, deixar-se envolver pela dimensão estética de sua própria obra de arte, a história pessoal, permitindo-se as emoções e sentimentos da experiência forte da própria memória. Mas como seria organizada uma proposta de formação valorizadora da dimensão estética da experiência?

Assim, mais que fruição em contemplar as obras, envolver-se com elas, aproximar os sentidos e deixá-los se expor; é preciso fazer-se autor das suas próprias emoções. A história de vida particular, para cada sujeito, tem os elementos implacáveis para se tratar de formação, pois é nutrida de sentidos e encontra respaldo na subjetividade. Josso salienta que *as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto* (JOSSO, 2007, p.413).

Na atualidade, a Educação assume características baseadas nas competências e na eficiência, estimulando a competição, a produção e consumo desmedido. A relação

ensino/aprendizagem nega das existências singulares, negligenciando as experiências sensíveis. Nesse sentido, a preocupação com a aprendizagem (relação dos sujeitos com o conhecimento) se dá no campo do imediatismo e do interesse em que tudo se relaciona como mercadoria. A atenção e dedicação dispensada a contemplação depende do grau de interesse e benefício possível em curto prazo de tempo.

A satisfação pessoal enquanto ser e o prazer descomprometido com o capital pertencem ao que há de desnecessário para a vida. Marcuse argumenta com uma afirmação de Freud: *A felicidade não é um valor cultural*. E ratifica dizendo: *a felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e ordem. O sacrifício metódico da libido, a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, é cultura* (MARCUSE, 1968, p.27).

Como resgatar o Princípio de vida, o Eros, que também é característica essencial do homem? Toda repressão e subjugação acontecem a revelia ou, em parte, somos cúmplices do nosso próprio silenciamento e adaptação? É possível administrar a energia resultante da repressão que sofremos no exercício de narrar experiências? Em que medida estamos em via de superar a subjugação humana ao trabalho e nos tornando mais críticos ao Princípio de Realidade? Nem deuses, nem diabos, somos o produto possível da cultura na sociedade dominada pela reificação. Não cabe perguntarmos o que é o ser humano, mas o que tem sido possível, com o passar dos anos, no emaranhado das transformações tecnológicas disponíveis. Estas questões aparecem a partir das leituras de Marcuse e, compreendendo que o homem está sendo, precisamos observá-lo no próprio curso do processo histórico.

Alcançamos um tempo em que todos os problemas sociais que afligem a humanidade poderiam estar resolvidos ou em vias de se resolver. Contudo, *a mais eficaz subjugação e destruição do homem pelo homem tem lugar no apogeu da civilização* (Marcuse, 1968, p.28). Marcuse já discutia o assunto nos anos sessenta, até hoje insistimos nessa subjugação condenado a formação humana apenas às necessidades de subsistência e manutenção da ordem econômica. A contemporaneidade exige de nós um novo olhar sobre o homem. Para tanto, *a história de vida é uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representação de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação* (JOSSO, 2007, p.419).

No intento de especular sobre a educação formal e suas intenções a respeito de formação pretendida ao homem contemporâneo percebemos não ser, o próprio, o centro das preocupações e sim as vantagens econômicas que se pode gerar com ele – ou seja, sua participação eficiente no mercado de trabalho. A autoformação é confundida com auto-suficiência. Pouco importa as construções históricas particulares e, com elas saberes da experiência, como pilar da própria formação. Entretanto, somos alimentados pela falsa ideia de satisfação e prazer, sem se deixar perder das obrigações cotidianas do trabalho assalariado, e caímos na armadilha da indústria de entretenimento alienante. O paradigma dominante mantém e valoriza uma formação técnica esvaziada de sentido em nome da adequação ao trabalho, mas que trabalho? O trabalho assalariado castrador da liberdade em diversos aspectos da vida humana.

Aprendemos com Marx que nos constituíamos com e pelo trabalho, no entanto, observando e experimentando a escravidão e as explorações pelas quais o trabalho nos

submeteu ao longo da história humana na condição de requisito para a sobrevivência. Já constatamos sua inviabilidade enquanto trabalho assalariado. Enquanto meio de produção da felicidade de bem poucos não interessa a maioria, logo, não interessa a humanidade. Trabalhando, construímos um mundo repleto de beleza, porém, nos incluímos na distância sem poder usufruí-la. Constantemente cumprindo tarefas a serviço de outros homens não há tempo algum para intercambiar experiências e, com isso, de enxergar as a dimensão estética da experiência e, com ela, a potência da subjetividade.

O sucesso da civilização, segundo Marcuse, implicou em reprimir desejos, prazeres e sentimentos para suportar o trabalho. E muitos de nós deixam até hoje de gozar das próprias criações. Os homens vão se adaptando de acordo com as necessidades da vida as restrições que nos diferenciam na organização social. Isso, inevitavelmente educa para silenciar a voz e ecoar a violência.

Aprendemos na escola o condicionamento necessário ao nosso próprio desenvolvimento, a adaptarmos a lógica do trabalho como único meio de garantir a existência. E no lugar de transgredir como *sujeitos de direitos*¹¹, vamos respondendo com incoerências, reproduções e violência, ou seja, produzindo coletivamente a barbárie. Entretanto, transgredir é mais que infringir regras, representaria um agir com autonomia. Ter a firmeza de se colocar contrário a uma determinada ideia e a forma de sua materialização. Autonomia, segundo dicionário, significa a capacidade de governar-se pelos próprios meios, direito de um indivíduo tomar decisões livremente; independência moral ou intelectual¹². No campo da filosofia, Kant diria que é *capacidade da vontade humana de se autodeterminar segundo uma legislação moral por ela mesma estabelecida, livre de qualquer fator estranho ou exógeno com uma influência subjugante, tal como uma paixão ou uma inclinação afetiva incoercível*. Infelizmente, essa definição ainda não é condição de trabalho na educação brasileira, não é garantida uma formação para o autogovernar-se podendo, então, exercer uma potência legitimamente criativa e original.

A precarização do trabalho e a consequente condição indigna do salário (meio de garantia da existência) é um complicador, na medida em que garante uma existência medíocre e insistentemente desqualificada na vida dos dependentes desse meio, ou seja, a base do proletariado. A destruição da relação trabalho com a construção do ser social como um processo educativo, logo, de produção da vida causa, consequentemente, desqualificação gerando a desumanização.

Marcuse reafirma a condição humana diante do trabalho na modernidade dizendo: *a organização desse mundo por meio do processo de trabalho capitalista converteu o desenvolvimento do indivíduo em concorrência econômica e confiou a satisfação de suas necessidades ao mercado* (MARCUSE, 2010, p.35). Ele desenvolve uma interessante elaboração sobre a alma humana que não se rende ao domínio capitalista na medida em que é uma substância livre. Substância de diferente forma que não se subtrai ao racionalismo materialista da burguesia, ainda segundo ele. Ou seja, por meio do trabalho o corpo é condicionado, a liberdade é cerceada, os prazeres contidos, porém, a alma tem o potencial para outra elaboração de um novo Princípio de Realidade.

¹¹ Expressão de Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia

¹² Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa 3.0

O mesmo homem capaz de produzir beleza promove a destruição. Os homens transitam tranquilamente entre: sagrado/profano, dor/prazer, experimentando e provocando sensações. O homem não é uno é múltiplo. A satisfação do prazer é uma necessidade humana, mas a relação com o prazer se tornou um problema patológico. Uma vez negada a pulsão de vida, o Eros, essa necessidade pode ser satisfeita na realização de violências mesmo sendo, nós, hoje mais sofisticados do que nunca. a forma como se Esse trânsito delicado interfere nas emoções e percepções individuais vai variar no resultado, ou seja, na expressão da humanidade. Sendo assim, nos interessa e muito observar as representações simbólicas produzidas pelo sujeito em formação. É nesse movimento, no olhar atento as representações que se aprende por si mesmos as pistas de uma *existencialidade singular-plural*.

Marcuse, indaga a civilização e todo movimento realizado em prol do progresso, creditando que o mesmo homem que um dia contido, instintos reprimidos para erguer a sociedade de hoje, ápice da modernização, revolta-se contra a repressão. A energia humana não desaparece, mas ao contrário, reage a repressão.

Não obstante a moderna sociedade industrial parecer, em seu conjunto, a própria personificação da Razão, ela é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas; sua paz mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento dependente da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência: individual, nacional e internacional. Essa repressão, tão diferente da que caracterizou as etapas anteriores, menos desenvolvidas, de nossa sociedade, atua hoje, não de uma posição de imaturidade natural e técnica, mas de uma posição de força, servida por uma tecnologia esmagante dos aspectos criadores da natureza humana (MARCUSE, 1968).

A conjuntura social não nos permite ser otimista, ao contrário, apavora-nos o colapso das condições de vida da coletividade e a situação de sobrevida da maioria. Vivemos a decadência do potencial humano na fase mais produtiva da história. Um paradoxo diante de nossos olhos. O processo de repressão dos instintos dando espaço a um *Princípio de Realidade* que oferece um tipo de moralidade a ser seguido gerou em nós, sujeitos da coletividade, uma resposta agressiva no seu sentido negativo, ou seja, nos tornamos autodestrutivos. Entretanto, o problema nunca foi encarado com o empenho que merece.

Com o intuito de compreender o caráter educativo/formador da cultura na sociedade civilizada e o princípio de realidade imposto ele aposta em uma análise psicanalítica da civilização. Considera que a transformação radical da realidade depende de uma autêntica utopia livre e baseada no resgate da memória. Produzir uma nova racionalidade depende do exercício livre do pensar sobre as próprias condições considerando a dimensão psíquica, que é produto da repressão. Assim como, no trabalho terapêutico somos impelidos a resgatar da memória as marcas que justificam nossa singularidade e, com isso, nosso comportamento, podemos superar a violência na condição de reificação em que nos encontramos.

A dimensão estética se constitui importante como veículo para repensarmos nossa sensibilidade, deixando falar as subjetividades silenciadas pela história de

repressão imposta pela civilização. Cabe aos homens do presente a apropriação do potencial de realizar o movimento de revirar o conteúdo escondido. O exercício espontâneo da fruição conduz a descoberta do que está velado, ou seja, da própria humanidade perdida na civilização, pois *a arte combate a reificação fazendo falar, cantar e talvez dançar o mundo petrificado* (Marcuse, 2007, p.66).

É pela arte que podemos contemplar o encontro de Eros e Psique no cotidiano dos processos de formação humana. Ao descobrir a dimensão estética nas experiências de vida como mecanismo de auto-descoberta, cada sujeito, declara-se livre de comandos externos alheios as suas necessidades pessoais define-se, assim, *que cada autor-ator aprendeu, a sua maneira de operar escolhas, de se situar em suas pertencas e de definir seus interesses, valores e aspirações* (JOSSO, 2007, p. 420). E ainda,

A arte educa na medida em que, atraindo nossa visão, encantando nossa audição, agindo sobre nossa imaginação, dialoga com a nossa consciência. Mais do que nos fazer reagir à melodia, à rima, à composição pictórica, às cenas do filme, esses estímulos que nos chegam pela arte criam um espaço de liberdade, de beleza, no qual nos sentimos convidados a agir criativamente (PERISSÉ 2011, p.37).

Ao que parece no caso de admitirmos a condução do debate travado por Josso, que teríamos de encontrar a melhor forma de intervenção, ou seja, não teríamos uma metodologia única possível de alcançar a multiplicidade do ser humano na sua existencialidade singular-plural, mas as formas é que precisam se adequar aos homens livres para a fruição. Perissé, nos acrescenta tratando da contribuição da dimensão estética no processo humano de formação em busca de complementar o exercício da razão. Ou seja, minimizar a distância entre razão e sensibilidade na qual fomos acostumados, na ideia de ciência como única forma de conhecimento verdadeiro. Tratar da dimensão estética, então, é a forma intensa de lidar com o objeto do nosso conhecimento.

De fato, o deleite estético pressupõe e provoca a inteligência, a memória, a imaginação. Não se trata de algo que afete apenas nossos sentidos externos, mas todo o nosso corpo e toda a nossa interioridade. Consideramos algo belo porque nossa visão assim o capta e porque nossa *visão interior* o reconhece igualmente (PERISSÉ, 2011, p.26).

É importante admitir que teremos de nos despir de certos valores, concepções e verdades plenas para deixar fluir respeitosamente o exercício de narração das experiências. É confiar na capacidade humana de enxergar o belo na simplicidade da vida cotidiana e, que mais que a obra de arte propriamente dita pode mobilizar, o gozo da experiência pode ensinar,

O conhecimento da realidade terá sempre um componente estético, por mais discreto que seja. A nossa linguagem deixa escapar essa verdade. Alguém diz que aprendeu uma “bela equação matemática”. Outro alguém afirma que comeu uma “bela feijoada”. Um terceiro comemora ter feito “bela pescaria”. O médico fica feliz por ter realizado uma “bela cirurgia”. A torcida vibra com um “belo gol” do seu time. Talvez não tenhamos plena consciência do quanto o adjetivo “belo” traduz realmente nossa captação da beleza nos mais diferentes cenários... Até

mesmo o uso irônico insinua algo a apreciar: “que belo papel você fez ontem, hein?”(PERISSÉ 2011, p.27).

Marcuse afirma: *o esquecer os sofrimentos do passado e a felicidade passada torna mais fácil a vida sob um Princípio de Realidade repressiva* (MARCUSE, 2007, p. 67). A composição da memória social produzida nos moldes dos interesses capitalistas de civilização e progresso, também não seria possível sem a participação, a sua maneira, de cada sujeito histórico. Somos cúmplices no processo e, só o desejo do contrário, somado a denúncia nas narrativas empurra a engrenagem na posição contrária. É saindo da zona de conforto, como experimentamos no consultório do terapeuta, quem sabe enxergamos a liberdade.

Marcuse propõe analisar a história a luz da psicanálise considerando o problema da sexualidade reprimida a negação do próprio homem, ou seja, os tabus em torno do tema são na verdade funcionais para a adaptação e adestramento do corpo e de suas necessidades. Isso não significa querer voltar ao estado natural primitivo entregando-o ao caos, mas resgatar a humanidade perdida na negação. Para tanto é a beleza, ou seja, a análise racional sensível dela, o caminho que conduz a liberdade e a superação da morte para a transformação da vida. A liberação das necessidades instintivas buscando o Eros, princípio de prazer, é a forma possível de elaboração de um novo princípio de realidade baseado nas subjetividades e na sexualidade.

Com a transformação da sexualidade em Eros, os instintos de vida desenvolvem sua ordem sensual, ao passo que a razão se torna sensual na medida em que abrange e organiza a necessidade em termos de proteção e enriquecimento dos instintos de vida. As raízes da experiência estética reemergem – não apenas numa cultura artística, mas na própria luta pela existência (MARCUSE, 1968, p.194).

Viver tornou-se o castigo da repetição na medida em que manter-se vivo significa adequar-se ao trabalho e, nesta constante atividade impositiva não há espaço para a imaginação fluida, para o prazer desinteressado da lógica corrosiva do capital. Marcuse salienta que foi com a subalternação dos fatores biológicos e a mutilação dos instintos que foi possível definir a personalidade nos moldes dos valores culturais civilizados.

Um ponto importante discutido por Marcuse na dinâmica da civilização determinante da relação sujeito/objeto refere-se ao tempo. O processo de fruição nessa relação é condicionado pelo possível nas amarras do tempo administrado pela formamercadoria. Ele afirma:

(...) o inimigo fatal da gratificação duradoura é o *tempo*, a finitude íntima, a brevidade de todas as condições e estados. Portanto, a ideia de integral libertação humana contém, necessariamente, a visão de uma luta contra o tempo. Já vimos que as imagens órficas e narcisista simbolizam a rebelião contra o transitório, o esforço desesperado para sustar o fluir do tempo – a natureza conservadora do princípio de prazer. Se o “estado estético” se destina a ser, realmente, o estado de liberdade, então terá de derrotar, em última instância, o curso destrutivo do tempo. Só isso constitui um indício palpável da civilização não-repressiva. Assim, Schiller atribui ao impulso lúdico libertador a função

de “abolir o tempo no tempo”, de reconciliar o ser e o devir, a mudança e a identidade. Nessa tarefa culmina o progresso da humanidade, rumo a uma forma superior de cultura (MARCUSE, 1968, p.170).

A descontinuidade da realidade reificada dependeria de um rompimento com uma cultura de constante influência nos impulsos libidinais do homem, resultado do processo civilizatório.

Podemos chamar de retorno do reprimido o conteúdo suprimido pela consciência e armazenado no inconsciente a partir das condições impostas pela cultura. Uma ação psíquica permitida para que o comportamento humano se adapte as determinações externas, mas que podem dependendo da força de tal conteúdo ultrapassar a consciência e rebelar-se. Por isso, se considerarmos a satisfação e busca pelo prazer um necessidade humana poderíamos apostar que chegando ao limite do desgaste social, o caos, ressurgiria a necessidade de romper com o sofrimento e os desprazeres e caminhar para a superação.

Poderíamos afirmar que a hostilidade que vem dando forma ao comportamento humano, principalmente, no tratamento aos grupos marginalizados da sociedade, ao descaso com a vida e com a própria natureza teriam a possibilidade de serem revistos se observarmos, como no movimento realizado na psicanálise, o retorno do reprimido como elemento de análise para a mudança. A compreensão da sexualidade, a relação com o tempo e a abertura mental para princípio de prazer são sustentáculos para a mudança. Ou seja, se o conteúdo contido, a satisfação instintiva do desejo, retorna-se como necessidade à consciência humana impõe-se ao meio que a impediu de realizar-se, mas agora em novas condições. Produzimos tecnicamente as condições necessárias para a realização da vida em abundância, resta-nos agora resgatando o domínio da sexualidade recusada realizar um novo princípio de realidade. A dimensão estética veiculando a imaginação, em direção à cognição, e em pleno processo de fruição articula e reconcilia razão e sensibilidade.

1.1 A Dimensão Estética como veículo para uma razão sensível

O esforço filosófico de mediação, na dimensão estética, entre sensualidade e razão manifesta-se, pois, como uma tentativa para reconciliar as duas esferas da existência humana que foram separadas à força e despedaçadas por um princípio de realidade repressivo.

Marcuse

*Quem me dera ao menos uma vez/ Que o mais simples fosse visto/
Como o mais importante/ Mas nos deram espelhos e vimos um mundo
doente...*

Renato Russo

Pesquisa em educação tem uma complexidade ímpar por se tratar, exatamente, de questões que perpassam pela vida de seres singulares em constante mudança, inquietação do espírito, de momentos de comoção, de importante excitação e é, nesse sentido, um processo intenso que depende de amorosidade¹³ e respeito à subjetividade humana. Porém, o mal-estar instalado em resposta à sociedade de consumo nos custa um desrespeito ao humano em todas as relações necessárias, em especial a relação com o conhecimento. Nos relacionamos de forma utilitária e superficial, o que somente nos permite aprender no automatismo. Não penetramos os objetos com os quais nos relacionamos para aprender intensamente. E isso se dá em consequência de um desrespeito especial do processo de adequação do homem à civilização, à negação da sexualidade. Com isso, são negadas as potencialidades que permitem aprender, ensinar, mobilizar para a felicidade; a relação com os objetos que nos permitem aprender é realizada sem exortação.

Marcuse ressalta que as relações sociais são relações de posse e limitadas à sensualidade como força motriz, marcadas por uma moralidade repressora sempre na negativa de fluidez do envolvimento afetivo. A escola e demais espaços de aprendizagem acabam, seguindo esse lapso da cultura, vedando a entrega necessária ao objeto de aprendizagem. Tratar da sexualidade humana é considerar a energia que movimenta o corpo, a libido, e, conseqüentemente, as pulsões como atuantes em todas as formas de compreender o mundo. Pois, negamos a sexualidade, entretanto, as pulsões são inevitáveis e só são controladas pela cultura na medida em que são desconhecidas pelo homem.

O tabu, o que é tradicionalmente instituído como proibido, feio ou errado impede o envolvimento pleno entre sujeito/objeto negligenciando o sentir. Afirmamos que o homem conhece pelo sentir, pois, compreendemos a atuação de tal energia diretamente sobre nosso olhar, nosso juízo e interesses. É nessa medida que tornou-se uma estratégia política de dominação o investimento na indústria do erotismo. Reduz-se sexualidade à relação objetiva do sexo; desconsidera-se o real valor da libido; nega-se as sensações intimamente atuantes nas personalidades. A conclusão é que a humanidade

¹³ Termo utilizado por Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido.

torna-se vulnerável, pois, desconhece a si e a estratégia do controle social, sustentando facilmente a condição de um ego administrado. Marcuse aponta que, fora do contexto de submissão ao trabalho, o corpo teria de ser ressexualizado para tornar-se um instrumento de prazer. (Marcuse, 1968, p. 177).

Nessa condição, segundo o autor supracitado, teríamos que reprogramar a libido, tendo o corpo completamente respeitado e valorizado na dinâmica das relações sujeito/objeto. A transformação da sexualidade em Eros para ter a vida em plenitude e beleza. Como a humanidade já experimentou a adaptação castradora à ordem e a negativa do prazer, pelo princípio de desempenho instituído, agora provaríamos um reencontro as faculdades humanas capazes de desenvolver uma “racionalidade libidinal”¹⁴. Deixamos de lado a coisificação para viver um novo princípio de realidade sem repressão. Essa libertação¹⁵ só pode ser iniciada a partir do desejo de cada sujeito em aprender. Sendo assim, acentuamos a dimensão estética como facilitadora da percepção necessária ao homem sobre seus próprios sentidos e emoções (o feio, a diversidade de emoções, sentimentos, o belo, relação perceptiva, subjetividade) desconhecidos/abandonados intencionalmente no percurso da história. A dimensão estética é experimentada na relação direta com o objeto, mas na interação com o mundo por um sujeito consciente.

O peso ou valor de uma fala subjugada pela moralidade repressiva determina boa ou má comunicação com o mundo. Quando há falha somos impedidos de construir imagetivamente novas possibilidades para o real. Uma cena de sexo, mesmo que singelamente mágica, pode suscitar sentimentos que desnorteiam o público causando um bloqueio considerável e romper com o processo de descoberta.

No mundo das confusões semânticas fica fácil convencer a coletividade sobre o que pode ou não ser alvo de curiosidade, sobre o que devemos ou não saber e o valor de cada descoberta. Na negativa da sexualidade sufocamos nos sujeitos aprendizes a efervescência dos sentidos e sensações, mobilizadoras das descobertas. Negada a sexualidade e tendo sua condição como tabu: como interdição cultural quanto a determinados comportamentos, curiosidades, expressões, linguagens... Limitamos os homens às frias regras sociais repressivas e os relegamos ao vazio e, ainda ao desconhecimento de si mesmo, já que o corpo (instrumento de aprendizagem) não pode veicular os “sentidos” do mundo, pois não sabe sentir. Dificultamos, assim, a comunicação entre as pessoas por restringi-la as expressões que falam sempre além do que podem traduzir. É nesse ponto que observada a dimensão estética da relação sujeito/objeto podemos favorecer comunicações de fato efetivas, em condições de alcançar a singularidade.

Façamos, então, o exercício de pensar como seria formar para a satisfação humana considerando como objetivos a valorização das necessidades instintivas como: o prazer, a sensualidade, a imaginação e assim, por consequência, observaremos a autonomia, a sagacidade, a potência e a liberdade nas ações humanas.

Longe de apresentar respostas, mas no ensejo de experimentar uma reflexão a contrapelo, muito nos contribuiria tentar observar a própria vida como a realização do prazer que necessitamos organicamente. O exercício de perceber a dimensão estética, no

¹⁴ Atenção dada ao capítulo “A transformação da Sexualidade em Eros”, página 175.

¹⁵ É importante destacar que encaramos esse processo, necessariamente, como individual e coletivo, como defendido por Paulo Freire. Nos libertamos em comunhão na relação com o mundo e, no intento deste trabalho, tendo a arte como instrumento.

fazer dos acontecimentos da vida, está em vibrar com os sentidos que constante e dinamicamente trocamos nas relações humanas, na forma de entregar-se às linguagens, códigos e interferências provados no mundo. Um corpo liberto dos tabus sociais se abre e é passível de sentir o mundo indiscriminadamente comunicando-se com mais fluência. Degusta o simbolismo que comunica o ser singular plural. Se as relações sociais fossem valorizadas em sua dimensão estética sem as negativas dos tabus as vozes humanas seriam efetivamente respeitadas e auto-sublimadas para novos ideias.

A opção pela dialética como método de análise fundamenta-se na compreensão de que a realidade por si mesma se modifica na medida em que a encaramos na sua oscilação e provocamos reflexões sobre o devir. No contexto de desmoroamento da formação humana e tendo como indicação no quadro político a barbárie, o homem contemporâneo precisa ser pensado na sua singularidade sem perder a consciência da inevitável complexidade. Iniciemos este movimento localizando os educandos do curso de Licenciatura em Educação do Campo e suas necessidades no processo de desenvolvimento, como ser, tendo respeitado seus olhares, as subjetividades.

Intentamos pensar o Homem dialeticamente admitindo a priori que – em seu processo de formação política – podemos identificar uma estética muitas vezes desconhecida por ele mesmo. E, analisá-lo significa considerá-lo atuante em um movimento, incessante e contraditório da realidade, a partir das expressões, reações e imagens do ser militante na ordem política estabelecida em cada fase da história. Temos o direito e o dever de transgredi-la, todavia não o fazemos como também não reconhecemos problema algum com ela. E transgredi-la para quê? Por que seria importante voltarmos o olhar para uma imagem militante? Podemos dizer que há uma estética militante instituída tão “naturalmente” que muitas vezes não nos damos conta de o quanto nos brutalizamos; enrijecemos nas relações em detrimento da prática política que em muitos casos frustra e desanima? Muitas vezes quando militantes somos soldados enrijecidos e reprodutores de preconceitos historicamente instituídos.

Reconhecer-se um sujeito extremamente envolvido não necessariamente garante a superação das questões como as de gênero, por exemplo, não nos assegura maior ou mais destacada sensibilidade para com o outro; mesmo quando defendemos um projeto social bem intencionado e para a igualdade, não atesta a tão sonhada emancipação humana no sentido de libertar/despertar para humanidade, na acepção mais plena do termo. Não nos formamos para lidar com um “juízo estético” sobre a nossa autoimagem militante avaliando as marcas, assim como, nossa própria subjetividade. Em se tratando de formação humana, é possível trabalhar de forma equilibrada instrumentalizando, incitando a consciência crítica sem perder a pulsão de vida que também é humana.

Marcuse contribui com a afirmativa no sentido de que avalia nossos esforços desperdiçados para prover a vida prática, atendendo as necessidades do mundo exterior, ou seja, atendemos a demandas de ordem material dando respostas e nos afirmando a revelia de nossos desejos e intenções íntimas/subjetivas. E destaca que,

Existe um tema recorrente na fundamentação que se apresenta ao se remeter o conhecimento supremo e o prazer supremo à teoria pura a desprovida de finalidade: o mundo do necessário, da provisão cotidiana da vida, é inconstante, inseguro e não livre – essencialmente e não só de fato. (...) Portanto, os homens subordinam sua existência a um fim em seu exterior. Que um fim exterior por si só já atrofie e escravize os homens, implica o pressuposto de uma ordem perversa das condições

materiais de vida, cuja reprodução é regulada pela anarquia de interesses sociais opostos entre si, uma ordem em que a manutenção da existência geral não coincide com a felicidade e a liberdade dos indivíduos. (MARCUSE, 1968, p. 9)

Quando falamos em homem admitimos um ser dotado de inteligência e da faculdade de abstração, generalização e capacidade para produzir linguagem articulada¹⁶. Isto poderia garantir por si só a não passividade diante do mundo. Entretanto, se observamos a grande produção social e cultural para as massas (determinando modos únicos de vestir-se, de estilos musicais, de lazer etc.) e, principalmente, a relação de dependência ao trabalho para garantir a existência constatamos uma conseqüente passividade que impede de ser na sua plenitude. Não se trata aqui, de tentar compreender o que é o homem, numa perspectiva idealista de conhecimento, mas quem é o homem na dinâmica social contemporânea nas condições materiais existentes e, como se processa a constituição desse ser humano em termos históricos e, ainda, como isso influenciará na constituição da sociedade.

A formação humana passa pela educação escolar, institucionalizada, mas ultrapassa seus limites a medida em que não se restringe a instrumentalização para a prática da vida diária, mas implica no entendimento da própria ontologia. Não significa pensar em distanciar prática de teoria, mas em denunciar essa dicotomia já existente e que por isso nos coloca o desafio de pensar em formação humana. Esse processo que não está preso as escolas, universidades ou cursos nos compromete a assumir a educação no seu sentido amplo nos levando a incluir nas discussões sobre formação todos os elementos sociais, econômicos e políticos de potencial educador que normalmente não são pensados como tal, como diz Morin *adquirimos conhecimentos inauditos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico* (MORIN, 2006, p. 9).

Partindo do trabalho como a categoria fundante do ser social, ou seja, o homem torna-se homem a partir de sua intervenção no mundo pelo trabalho, modificando-o e sendo por ele modificado, assim como, produz novos sentidos para a própria existência. A contribuição de Marx nesse ponto é fundamental, porém, no capitalismo, já esgotamos as forças no sentido de perceber e vivenciar o desastre em que tornou-se o trabalho (assalariado). Quando ele elabora a categoria trabalho dá um salto qualitativo em termos do entendimento sobre o homem e seu potencial criativo; ele rompe com o idealismo e dá ao homem a condição de transformação da realidade pelas próprias mãos. Com e pelo trabalho, ou seja, o uso de sua inteligência e criatividade pode interferir no que antes pertencia a Deus, portanto, passa a controlar sua história sem ser subsumido por desígnios metafísicos podendo então projetar um futuro.

No entanto, todo esse potencial humano passou a servir unicamente as determinações do capital e colocou-o na condição de escravo em constante luta pela sobrevivência. Tomando a contribuição de Marcuse para compreender esse processo podemos destacar que,

A fruição de prazer está separada do trabalho, os meios do fim, o esforço da recompensa. Eternamente acorrentado a um único e diminuto fragmento do todo, o homem configura-se apenas como um fragmento; escutando sempre apenas o monótono rodopiar da roda que ele faz girar,

¹⁶ Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

jamais desenvolve a harmonia do seu próprio ser e, em vez de dar forma à humanidade que existe em sua natureza, converte-se em simples marca de sua ocupação, de sua ciência. (Marcuse, 1968).

O homem, a partir dessa perspectiva, pode tudo que sua imaginação criativa assim o quiser. O próprio Marx localiza-nos que o homem não exerce sua potência como bem poderia exatamente pelo atrelamento da condição fundante e produtora da própria vida à uma condição de negação – a alienação. Ele salienta,

Consideremos, agora, o ato de alienação da atividade humana prática, o trabalho, sob dois aspectos: 1) a relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como um objeto estranho que o domina. Essa relação é, ao mesmo tempo, a relação com o mundo exterior sensorial, com os objetos naturais, como um mundo estranho e hostil; 2) a relação do trabalho como o *ato de produção* dentro do trabalho. Essa é a relação do trabalhador com sua própria atividade humana como algo estranho e não pertencente a ele mesmo, atividade como sofrimento (passividade), vigor como impotência, criação como emasculação, a energia física e mental *pessoal* do trabalhador, sua vida pessoal (pois o que é a vida senão atividade?) como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele e não pertencente a ele. Isso é *auto-alienação*, ao contrário da acima mencionada alienação do *objeto*. (MARX).

O homem é negado de ser, conseqüentemente, sua constituição é amplamente comprometida nos aspectos físico, mental e espiritual. Na condição de trabalhador assalariado, o homem submete-se às condições das tarefas pela inevitável necessidade de manter sua existência; seus esforços físicos estão sempre em função da realização da tarefa determinada pelo trabalho e na medida em que uma parte do tempo é apenas lucro dos proprietários o desgaste do trabalhador é excessivamente desnecessário. Sua liberdade e autonomia são sempre restritas às obrigações estabelecidas, assim, como a repetição de atividades que não acrescentam particularmente e muitas vezes nem propriamente ao trabalho. Isso o impede de viver plenamente e em condições de liberdade. A escravidão não mais se caracteriza por cordas ou correntes, mas pela negativa do homem como homem. Como pode um contexto como esse ter em si uma formação para o sensível, para humanizar?

Sob os dois aspectos, portanto, o trabalhador se converte em escravo do objeto: primeiro, por receber um *objeto de trabalho*, isto é, receber *trabalho*, e em segundo lugar por receber *meios de subsistência*. Assim, o objeto o habilita a existir, primeiro como *trabalhador* e depois como *sujeito físico*. O apogeu dessa escravização é ele só poder se manter como *sujeito físico* na medida em que é um *trabalhador*, e de ele só como *sujeito físico* poder ser um trabalhador (MARX).

Torna-se cada vez mais essencial discutir a categoria trabalho já que está nela a materialização da repressão que constituiu a civilização. Com a definição original de trabalho em Marx e a relação o termo original do latim, *tripalium* instrumento de tortura formado por três paus entrecruzados, temos um bom exemplo de quanto à lógica

capitalista deforma as condições de vida da humanidade. É interessante pensar como um único elemento, nesse caso o trabalho, pode duas concepções distintas capaz de transformar a vida material radicalmente. Se, de um lado intervenção criativa na realidade com vistas a produzir de forma mais bela a vida, por outro, tortura, condenação e alienação,

A economia Política oculta à alienação na natureza do trabalho por não examinar a relação direta entre o trabalhador (trabalho) e a produção. Por certo, o trabalho humano produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Ele produz palácios, porém choupanas é o que toca ao trabalhador. Ele produz beleza, porém, para o trabalhador só fealdade. Ele substitui o trabalho humano por máquinas, mas atira alguns dos trabalhadores a um gênero bárbaro de trabalho e converte outros em máquinas. Ele produz inteligência, porém também estupidez e cretinice para os trabalhadores (MARX)

O que se pode perceber do próprio homem como pista para uma nova formulação de formação humana? Como entender o homem contemporâneo o mais profundamente possível no sentido do seu imaginário, da subjetividade? Adaptar as formulações sobre a origem ontológica baseada no trabalho e a compreensão da teoria dos instintos reprimidos e da negação da satisfação humana, de felicidade, pode nos indicar reflexões importantes considerando as mazelas sociais? A discussão pode nos colocar o desafio político de transformar os alicerces sociais coercitivos e insistir na superação dos problemas deixados nas experiências psíquicas ao longo da história e o próprio homem colabora com isso quando conta sua história e, em muitos casos, não consegue se ver nela.

A educação não garante por si só a solução dos problemas sociais e das questões humanas, mas refletir com seriedade o processo de formação humana pode nos apresentar um caminho mais interessante para que desvendando o homem na sua complexidade surja pistas para superações. E esse caminho, considerar a dimensão estética como uma perspectiva possível, pode apontar a partir das subjetividades uma outra forma de trabalhar com as contradições e diferenças negadas pela história. Não pretendemos avançar teoricamente em conhecimentos para contribuir pura e simplesmente na lógica do campo das idéias, como faziam os filósofos idealistas, mas ao contrário, queremos apresentar as contradições colocadas, na realidade, para oferecer condições de pensá-la nos limites da luta de classe em direção a tão desejada emancipação humana.

A estética é a própria dimensão da liberdade, na medida em que, autoriza ao sujeito a entregar-se à interiorização criativa e, nesse movimento começa a experimentar a atitude autônoma do pensamento sobre as coisas do mundo e suas relações com ele. A dimensão estética como perspectiva na formação humana libera o potencial de sensibilidade sobre o sentir a si mesmo e ao mundo numa relação íntegra e articulada. O veículo para essa realização é a arte. Porém, somente quando não imbricada na lógica capitalista, muito menos, quando objetiva diretamente a denúncia da realidade política sem por ela poder viajar no impulso lúdico. Destacamos em Marcuse que *a arte nunca deve se tornar direta e imediatamente um fator de práxis política* (MARCUSE, 2007, p.226, In: BRETAS, 2007) apesar da necessidade objetiva de mudança.

A mudança depende de sujeitos livres. Mas a arte precisa estar sinceramente descomprometida com a mudança para contribuir com ela. Só o mergulho humano na

dimensão estética da compreensão da arte pode realizar no real o que idealizamos na ausência de limites de nossa imaginação.

A negação de ser é violência e desumanidade sobre o homem. A humanidade agora parece devolver a coletividade à violência com a qual foi tratada, porém, a resposta aparece contra os seus, ou seja, contra si mesma. Para que a civilização se concretizasse fomos reprimidos (violentados e negados de liberdade), agora pagamos nós mesmos o preço pelo progresso. Por isso, a saída pode encontrar-se na própria perspectiva da ação humana pelo viés da estética, significa apostar que na intenção de produzir epistemologicamente o sensível libertamos a imaginação criativa sobre a realidade construindo uma nova racionalidade.

A humanidade estaria respondendo a tempo sofrido de repressão e negação para que a civilização se erguesse trazendo com ela a capacidade logística que possibilitou o surgimento de um homem moderno, sofisticado senhor da natureza e de suas criações. Em meio à turbulência do caos que se encontra agora o homem moderno – que em face de suas criações no lugar de satisfazer suas mais diversas necessidades foi dominado por elas, pode nascer Eros.

Eros, que segundo as teogonias mais antigas teria emergido do caos primitivo. É a força irresistível que faz atrair os elementos, surgindo assim como princípio de vida. A sua ação fecundante fará nascerem todas as coisas através da união do espaço (Caos) e da matéria (a Terra). Depois, juntou Érebo - a obscuridade infernal - e Nix - a Noite - e estes geraram Éter – o fluido vital - e Hemera - o dia. O orfismo vem reafirmar o poder fundamental de Eros, mas dá-lhe outra origem: Caos, o infinito, e Éter, o finito, uniram-se para gerar o ovo primordial; deste ovo nascerá o primeiro ser, simultaneamente macho e fêmea, e possuindo o germe de todas as coisas, Eros. A versão exposta por Platão no Banquete é, no entanto, diferente: Eros teria nascido, no fim de um banquete que reunira todas as divindades, da união de Pénia (a Pobreza) e de Poros (o Expediente). Ele fora gerado com a missão de assegurar a continuidade das espécies, numa caçada perpétua (Afrodite), à imagem de sua mãe, e sempre cheio de astúcia, como seu pai (Ares)¹⁷.

Instiga-nos pensar a intenção do título Eros e Civilização como formulação teórica básica de superação das condições atuais de sobrevivência da coletividade. Tomando a indicação da história de Eros (princípio de vida) surgido do caos primitivo, podemos interpretar que no ápice do desenvolvimento da civilização (a barbárie) emergiria um novo princípio de realidade como caminho possível da transformação da sociedade.

Quando o senso comum emprega o termo civilidade relaciona a civilização ao momento ápice do comportamento dotado de boas maneiras, cortes, polido de sofisticação já que admite o surgimento da civilização como abandono da ideia do homem primitivo, selvagem.

As sociedades industrializadas criam falsas necessidades tornando dependentes todos os que compõem o quadro social mantendo um ciclo vicioso, criando sempre novas necessidades de consumo que por sua vez, trazem a carência de novas criações que se tornarão outras necessidades, ou seja, o homem é escravo de suas próprias criações e não consegue satisfazer-se completamente, pois, romperia, assim, o ciclo de

¹⁷ Ver Dicionário de Mitologia Grega e Romana, Georges Hacquard, 1996.

incessantes metamorfoses do Capital. Essas dependências contribuem, junto às rédeas impostas pelo trabalho, para a alienação de um potencial eminentemente humano de liberdade.

Tornamo-nos uma grande sociedade de excessos. E isso vai determinar na fase imperialista do capitalismo a própria ruína na medida em que uma massa de supérfluos cresce em quantidade e que os recursos do planeta estão se esgotando. Marx já aponta isso como veremos em Menegat,

Marx, a seu modo, também faz parte desta tradição. A “crítica da economia política”, nesta interpretação, seria uma crítica ao excesso de civilização. Se nos *Grundrisse* e em *O capital* ele fala diversas vezes que o desenvolvimento das forças produtivas representa “avanços civilizatórios”, na *Ideologia Alemã*, ele e Engels afirmam que após certo grau de desenvolvimento das forças produtivas, elas tendem a se tornar “forças de destruição”¹¹. E da mesma forma, em outras circunstâncias, eles dizem que o capitalismo produz “civilização em excesso”, o que levaria à “momentânea barbárie” (MENEGAT, 2007, p.29).

Em “A dimensão Estética”, Marcuse utiliza um fragmento de Brecht dos anos 30 que diz: *só existe um aliado contra o barbarismo crescente, são as pessoas que sob ele sofrem* (p.37). E essa resposta pode ser iniciada de forma tão mais violenta que se tornará insustentável. Às imagens da obra Ensaio sobre a cegueira nos parece a caracterização simbólica do problema vivido pela humanidade – a barbárie. Os sentimentos mais inferiores surgem após a perda de visão sobre o mundo pelos personagens da trama, a consequência será muita violência, abuso sexual, mortes e uma cidade inteira devastada. O mesmo potencial humano da criação do belo está para a destruição.

Marcuse aposta estar na arte o potencial da transformação das condições materiais inumanas, deformadoras e opressoras. Um olhar crítico sobre situação da arte na sociedade burguesa pode afirmar que ela mesma se condensou como mercadoria ou na forma de trabalho alienado, na medida em que, está na engrenagem da produção das demandas do capital, mesmo que possua em si o potencial libertário.

A possibilidade de uma aliança entre o povo e a arte pressupõe que os homens e as mulheres administrados pelo capitalismo cosmopolita desaprendam a linguagem, os conceitos e as imagens desta administração, que experimentem a dimensão da mudança qualitativa, que reivindique a sua subjetividade, a sua interioridade (MARCUSE, 2007, p.40).

Algo importante nos parece é que em se tratando de libertação o simples torna-se o mais complexo. Pois, não podemos realizar efetivamente a libertação de outrem porque o que existe é a auto-libertação. E só pode se realizar quando é vivenciada plenamente individual e coletivamente por sujeitos que conhecem as armadilhas da cultura e suas negativas.

CAPITULO 2. A atualidade do Capital e as implicações na formação humana

Na atualidade do século XXI, temos a tecnologia como o maior diferencial em relação aos séculos antecedentes. Entretanto, a própria realidade tem sido um entrave para a constituição do ser em suas potencialidades, na medida em que impõe falsas verdades envolvendo os sujeitos em necessidades imediatas construídas. No lugar da emancipação estamos, todos, numa espécie de transe – como se a única forma de vida possível fosse a luta individual pela sobrevivência nos moldes capitalistas (o que nosso povo faz muito bem – trabalhando), o homem tem se apresentado como *ser adaptado as formas germinais da barbárie* (MENEGAT, 1994), mesmo no momento ápice do desenvolvimento tecnológico e, porque não dizer, das forças produtivas. A questão que mais nos instiga é por que apesar de toda tecnologia desenvolvida e todo potencial humano, criativo e produtivo, o que mais se amplia pelo mundo é a massa de alienados e insatisfeitos com as condições de vida?

Nos manuscritos de 1844, Marx destaca ao tratar do resultado do esforço humano na ordem de produção capitalista que *a vida que ele deu ao objeto volta-se contra ele como uma força estranha e hostil*. Ou seja, o processo de trabalho não pode ser mais educativo no momento em o homem se aliena de si mesmo e do fruto deste. A satisfação do prazer é subsumida em detrimento do lucro sobre a imposição de realizar tarefas para a própria sobrevivência. A alienação confunde, distorce e compromete a relação entre sujeito e objeto, a alienação da própria subjetividade humana.

Discutir formação humana sem atualizar o desenvolvimento do capital no mundo não é possível. A avaliação de que a regra tem sido de deformação do homem, em se tratando do papel da educação, pode ser percebida por qualquer pessoa que dedique-se a observar comportamentos, opiniões de comuns ou ler os noticiários. A Educação tornou uma valiosa mercadoria, mas para os que não podem pagar caro, resta o desserviço e a desmotivação em aprender. A deformação é experimentada na mesma medida do avanço tecnológico, da potencialidade das forças produtivas e da evidência da forma mercadoria até como eixo das relações entre as pessoas. Esta constatação é determinada por interesses políticos e econômicos no contexto de barbárie - *um retrocesso da cultura no qual imergiríamos novamente – sem termos a possibilidade de voltarmos a ser os mesmos – na mais brutal animalidade, só que agora racionalizada* (MENEGAT, 2007).

A exigência de competência técnica está em muitos casos completamente esvaziada de crítica à racionalidade dominante. E ainda, intensificou-se a falsa ideia de liberdade em que o homem “deformado” no seu processo de constituição como ser, pensa escolher, acredita administrar, enquanto sua vida segue tendências mundiais globais massificadas, inclusive no que diz respeito à manifestação dos nossos desgostos e mazelas políticas. Retomando um trecho dos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844: (...) *o homem não se libertou da religião; obteve, isto sim, liberdade religiosa. Não se libertou da propriedade, obteve a liberdade de propriedade. Não se libertou do egoísmo da indústria, obteve a liberdade industrial* (MARX, 2008).

O Brasil é um país ainda jovem e possui uma especificidade histórica de atraso na formação como nação e na sua modernização; advindos do próprio processo colonizador exploratório do qual foi vítima. Tivemos um “desenvolvimento” a partir de endividamento e injeção de cultura de fora (lixo industrial), servimos de quintal para os

interesses imediatos dos países centrais. De certa maneira, essa combinação desigual justifica o contexto de precariedade e negação no que diz respeito aos direitos civis, especialmente, moradia, acesso a cultura, ao lazer e a educação de qualidade. À classe subalterna, no Brasil de hoje, resta cumprir com as demandas do cotidiano competitivo numa conjuntura que reúne os avanços da modernidade e os traços de atraso em alguns setores, como se em algum momento o tempo tivesse parado (características de um país periférico, marcas do velho)¹⁸.

A lei do desenvolvimento desigual e combinado é uma lei científica da mais ampla aplicação no processo histórico. Tem um caráter dual ou, melhor dizendo, é uma fusão de duas leis intimamente relacionadas. O seu primeiro aspecto se refere às distintas proporções no crescimento da vida social. O segundo, à correlação concreta destes fatores desigualmente desenvolvidos no processo histórico (NOVACK, 1988, p.9).

Interessa-nos tratar do resultado dessa combinação atrelado a fase imperialista do Capital na forma prática das relações sociais e, por consequência, no acesso à Educação em um país como o Brasil. Sentimos na pele os déficits de conteúdos elementares que só fazem contribuir com a ausência de consciência individual e coletiva. Na mesma medida em que o conhecimento torna-se fluido através da internet, a “disposição” de todos. A forma de combinação do arcaico com o moderno passou a se expressar, também, na própria constituição dos sujeitos e dos coletivos de sujeitos – pessoas na aparência avançadas, modernas, no conteúdo extremante arcaico e atrasado. Isso é possível porque fazer uso de tecnologias não necessariamente exige ampliar conceitos dispensando os pré-conceitos.

Valem-nos muito os esforços de teóricos da atualidade em analisar a evolução capitalista na sua complexidade e contradição inerente. Pois, nos ajudam a pensar a importância da centralidade da educação na compreensão tanto das disputas entre as classes quanto na construção de um novo homem, sem as amarras do capital, mas sim, dono de sua produção material e intelectual. É preciso não duvidar da existência de solução para as mazelas sociais e da recuperação do ser social maltratado pela conjuntura – a teoria revolucionária já foi escrita falta-nos uma melhor apropriação dela e sua realização e, porque não, de uma filosofia da práxis, como nos diria Gramsci. Porém, sem a ilusão de encontrar um sujeito revolucionário construído pela via da consciência de classe e que, por conseguinte, será um redentor. Desta vez, pode não haver um sujeito revolucionário, mas as massas de miseráveis descontentes.

Segundo Menegat, o conceito de barbárie desde a sua ideia inicial, elaborada pelos gregos, veio se modificando no curso da história a partir das grandes transformações sociais (declínios e surgimento de novos regimes) e designa o ápice da necessidade destas transformações, *na medida* em que os fundamentos de uma forma social são corroídos por suas contradições é necessário *revisitá-los* (MENEGAT, 2007, p. 27).

O trabalho no capitalismo produz degradação e desqualificação na vida humana, em larga escala, com isso lança um contingente de inúteis para o mundo. Seria preciso

¹⁸ Este trecho refere-se a teoria do desigual e combinado do marxista russo León Trotsky e neste trabalho é admitida para compreender o “desenvolvimento” político e econômico do Brasil até os dias de hoje. Novamente fazendo referência às discussões travadas por Menegat.

refazer a relação dos sujeitos com o próprio mundo. O trabalho não mais integra, produz, identifica e educa como condena nossa liberdade. O potencial formador do trabalho enquanto realização de uma tarefa pensada, reflexiva mantém-se ainda vibrante na discussão acadêmica, porém, como atividade assalariada obrigatória deve ser superada. O que o homem precisa agora é dedicar seu potencial para aproveitar o que já foi produzido tecnologicamente para facilitar sua existência.

Em uma análise pautada no materialismo histórico dialético nada mais coerente pensar que é a sociedade produtora de sujeitos exatamente pela força da cultura e, com ela, da forma de produção material da vida. Somos produtos do que produzimos coletivamente, das instituições, das regras de poder ser. Por isso, o termo alienação parece sustentar-se na atualidade. Na medida em que da nossa condição de homem (com toda a especificidade do termo no que tange as suas potencialidades) é negada em função da manutenção da ordem econômica através do trabalho. Perdemos a percepção de nós mesmos do que poderíamos de verdade ser, transferindo o domínio para o alheio. Ao conteúdo exógeno, distante e que despreza a subjetividade. Há condição, neste caso, de arroubamento de espírito, ou seja, nos tornamos alheios a nós mesmos envolvidos na dinâmica do que é possível ser e não queremos ser. Ludibriados com promessas de um porvir próspero somos formados para atropelar a satisfação e felicidade do presente para construir o futuro.

Gonzaguinha em 1983 traduz a condição de negação e subjugação colocada ao homem ao longo da história, na qual, o trabalho também é motivo de frustração tanto pelo peso da responsabilidade na produção material da sociedade, pela sensibilidade negligenciada como pela fragilidade diante da situação de falta de trabalho e por consequência dignidade. Também podemos considerar a ausência de tempo livre como algo que arde na pele sujeito, pois se configura na pobreza em que se constituirá sua essência já que o impede de momentos prazerosos e experiências possíveis, principalmente, diante do novo tempo facilitado pelo avanço tecnológico. Alguns fragmentos da música revelam o homem que sonha, sofre e ama as amarras do seu tempo,

(...)
É triste ver esse homem
Guerreiro menino
Com a barra do seu tempo
Por sobre seus ombros...
Eu vejo que ele sangra
Eu vejo que ele berra
A dor que tem no peito
Pois ama e ama...
Um homem se humilha
Se castram seu sonhos
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho...
E sem o seu trabalho
O homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata...
Não dá prá ser feliz

Além da precarização do trabalho, a consequente condição indigna do salário (como meio de garantia da existência) outro complicador na medida em que só pode garantir uma existência medíocre e insistentemente desqualificada para a vida sem contribuir com as condições de superar as lacunas deixadas pela escolaridade. Frequentar cinema, ir ao teatro, participar de eventos culturais, viajar fazem parte da formação integral do homem, mas a posição indigna de classe não permite. Para Castel, *o salário, para escapar de sua indignidade secular, não pode se reduzir à simples remuneração de uma tarefa; a necessidade de preparar para cada um, um lugar numa sociedade democrática não pode ser realizada por meio da completa transformação da sociedade em mercadoria, cavando qualquer “jazida de emprego”* (CASTEL, 2008, p. 497).

A expressão escolhida pelo autor comporta o peso inevitável da crueldade realizada, na base da classe trabalhadora, onde os sonhos e os esforços tornam-se depositados num “sepulcro”. Não há esperança de uma real e digna mobilidade social quando tudo começa desvinculado de sua razão essencial, ou seja, o modo de produção da vida (o trabalho) transforma agora o ator principal do processo em mera mercadoria. Na atualidade das medidas do capital o próprio homem compõe a esteira de produção, submetido a adequações necessárias na ampliação do lucro dos empregadores. Torna-se necessário enfatizar o debate da precarização do trabalho, segundo Castel, pois só assim poderemos *compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação* (CASTEL, 2008, p. 516).

Essa atmosfera de precarização e desqualificações vai, aos poucos, dividindo espaço com a classe dominante esbanjando consumo excessivo e desperdícios. Elabora, ideologicamente, as estratégias de manutenção da ordem através da mídia, da cultura de massa, baseada na falsa ideia de *consenso*. No lugar de conflitos de classe promove-se a conformação da posição de subordinado e ainda defensores da ordem como uma espécie natural do processo histórico – imutável condição para o subordinado, restando apenas o esforço de se tornar empreendedor para melhor se “colocar” nos espaços.

Lima e Martins afirmam: *outra evidência relaciona-se à negação da história como processo de luta de classes, isto é, uma complexa e intensa dinâmica das relações sociais, concebendo-a como um aglomerado de fragmentos, descontinuidades ou etapas, o que inviabilizaria qualquer tentativa humana de apropriar-se de seu próprio destino, somente restando ajustar-se ao existente* (LIMA e MARTINS, in: NEVES, 2005, p. 48).

Contudo, não podemos negar a onda de violência contra a base da classe trabalhadora, como também, aos que estão obrigatoriamente fora dela. A pobreza é criminalizada diariamente como política de extermínio e controle, assim como, é nítida a ação nefasta, em relação às populações étnicas, vítimas de absurdos praticados pelo Estado brasileiro. Seja na asfixia do homem do campo obrigado a abandonar a terra, seja no descaso com a população pobre da cidade, estamos assistindo ao caos generalizado.

Estas novas levas de massas expropriadas para as mega-cidades já super-povoadas produzem um quadro explosivo de miséria, violência e catástrofes, sejam elas produzidas por epidemias ou por desastres urbano-ambientais. Não há saídas em curso dentro dos marcos da sociedade burguesa. Esta é uma situação que faz parte do arcaico recriado pelo capitalismo na era do seu triunfo. A ideologia liberal do

individualismo abstrato, que diz ser possível por meio do esforço individual se subtrair a estas condições e prosperar, não encontra mais evidências empíricas. A mobilidade social está esgotada e, deste quadro, a perspectiva é de permanente piora, ora lenta, ora acelerada, sendo as classes subalternas a própria matéria sobre a qual a estrutura da sociedade burguesa desmorona (MENEGAT, 2007, p. 31).

E ainda, é nessa perspectiva que se expressa o problema de repensar a questão da centralidade da categoria trabalho numa realidade sem trabalho. É desconsiderada sua relação com a constituição humana. A produção humana na sua evolução é ao mesmo tempo, produção social e do ser na sua individualidade e subjetividade e, não sendo preocupação coletiva, a própria coletividade sairá perdendo. A evolução do homem das cavernas aos dias de hoje só foi possível pela via do trabalho, produtor de saberes e tecnologias, conhecimentos e ciências. Sendo assim, é importante frisar que se somos seres coletivos quando o conjunto não vai bem de alguma forma as individualidades serão afetadas.

Na mesma medida em que o projeto hegemônico vai se expandindo e se fortalecendo como classe dominante, as relações de poder têm se tornado complexas, pois, o contexto social é dinâmico e dependente da correlação de forças existentes. Logo, a burguesia cede a alguma participação da classe trabalhadora organizada quando a conjuntura convier. O exemplo citado no início do texto pode servir para ilustrar uma suposta abertura ao povo diante da conveniência do próprio Estado em relação ao petróleo. Segundo Souza,

Como forma de expressão política dessas mudanças estruturais, no campo superestrutural, as relações de poder têm se tornado cada vez mais complexas, na medida em que a burguesia tem sido obrigada a ampliar os espaços de participação da classe trabalhadora organizada como mecanismo de mediação do conflito de classe. Para manter sua hegemonia a partir de condições renovadas de construção do consenso, a burguesia tem necessitado formar determinadas competências sociais no conjunto da classe trabalhadora que consistem na disseminação de uma pedagogia política capaz de conformar ética e moralmente a sociedade civil nos limites das leis do mercado, sob condições renovadas, mais de acordo com o estágio atual do desenvolvimento do capital (SOUZA, 2010, p.134).

Segundo o autor, a burguesia tem sua pedagogia política e para renová-la, e assim aperfeiçoar a construção do consenso em torno da sociabilidade burguesa, ela vem impulsionando *a redefinição do papel do Estado e incitando uma 'nova' cultura cidadã fundada no individualismo e na competitividade, regulada pela lógica mercadológica* (SOUZA, 2010, p.134).

A Educação caberá como política social para o Estado capitalista exercendo um papel importante na conformação da ordem estabelecida, porém, obviamente como o contexto social é contraditório ela também servirá de pólo das disputas na correlação de forças dos interesses de classe. A classe dominante, mesmo com um discurso sedutor de ampliação de oportunidades (Educação para todos) e resolução de problemas sociais, está permanentemente desqualificando os sujeitos sociais, apesar de dar esperanças de

um futuro melhor. O que temos hoje, no que diz respeito à formação para a massa, é apenas a desqualificação social, profissional, econômica e individual, distanciando cada vez mais do conhecimento aprofundado e apropriado para a contestação da ordem.

A política pública para a Educação, ao mesmo tempo em que serve para atender as demandas de produtividade e competitividade das empresas, também funciona como aparelho privado de hegemonia capaz de mediar conflitos de classe que emergem da desigualdade de oportunidades geradas pelo desemprego estrutural. A forma mais comum desta pedagogia da hegemonia tem sido a propagação da idéia de que a razão do desemprego é a carência de qualificação profissional (SOUZA, 2010.p. 138).

No contexto das transformações político-econômicas interessa a burguesia preparar a classe trabalhadora no movimento das tendências industriais capacitando para a realização das tarefas no mesmo passo em que aprende a “vestir a camisa” da lógica do empregador. Essas adequações têm contraditoriamente dupla função: exercita a relação entre educação e trabalho apesar de não fugir dos limites da valorização do capital. Por um lado, socializa novos saberes produzidos, por outro, alimenta o desenvolvimento do potencial produtivo interessante para a burguesia.

Diferentemente da composição do povo trazido no contexto político da primeira parte da obra de Castel, os sujeitos sociais de hoje estão na velocidade da globalização tendo acesso a todo tipo de informação sem limites geográficos, porém, sem possibilidade de realizar uma crítica consciente. A precarização da formação humana esteve na mesma direção do avanço tecnológico e científico nos últimos anos. Desenvolvemos tecnologias sofisticadas, mas produzimos alienados, como nunca, curiosamente. E ainda, retomamos a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, na medida em que os sujeitos de pouco acesso ou de formação precarizada continuam apropriados para o exercício das funções subalternas. A diferença hoje é que esses trabalhadores são instruídos, pelas empresas, a adotarem um comportamento e um discurso ajustado ao bem servir com aspecto de “moderno” mesmo que fora do trabalho a experiência seja destacadamente o arcaico.

Os campos político, econômico e cultural de uma sociedade formam um todo que trazem em seus desdobramentos um caráter educador, exatamente, na complexidade e na contradição. No ideal da obra “A nova pedagogia da hegemonia”, as ações do Estado e a da lógica empresarial são educadoras e acontecem para além dos muros da Escola; por isso, admite-se uma pedagogia. Assim como a Educação não se restringe a espaços específicos, o ideal está expresso desde as campanhas da mídia até os menores projetos sociais destinados aos desfavorecidos. Entre os programas de entretenimento de domingo e as campanhas de qualificação profissional do governo, os sujeitos de direito se constituem no mesmo quadro social que os submissos sem escolha, sendo o segundo grupo a maioria.

O caráter mutante da ordem capitalista vai escrevendo a história dos homens à revelia da maioria controlada pela luta em sobreviver. Tem sua emancipação individual e coletiva, pela via da formação teórica, negada. É preciso rediscutir uma proposta de formação/emancipação humana, com bases sólidas num projeto político de sociedade, porém, sem alimentar falsas ilusões com a atualidade perversa do capitalismo. Com a humanidade subjugada, entregue a barbárie não haverá futuro. Entendendo que o

homem é a composição do seu tempo histórico, das relações que estabelece, da conjuntura política, e ainda de subjetividade, podemos pensar que uma nova racionalidade seria possível, entretanto, não surge do nada. Nesse contexto de plenitude da barbárie surgiria talvez da emergência violenta da própria massa de miseráveis produzidos pelo sistema.

A consolidação do poder hegemônico ou contra-hegemônico depende da participação da coletividade fazendo parte um exercício fundamental de ‘ser’ no mundo. O tipo de sociedade determina o tipo de homem e vice-versa, se possuímos uma imensa maioria de ignorantes é porque os produzimos socialmente. A Escola é, portanto, um espaço de formação dominado pelas rédeas do Estado e, por consequência, pelo Capital, ocupada em certificar a manutenção dos interesses destrutivos do sistema. A Educação como mercadoria tem se realizado com maior impacto pelos meios de comunicação, pela ordem da concorrência e produtividade, por decretos de governo, pela mundialização da lógica do mercado – pela própria barbárie.

Desde o enraizamento dos ideais capitalistas o mundo tornou-se uma única sociedade (a aldeia global), onde os países mais pobres são as periferias e cada espaço tornou-se um quadrado onde pessoas devem adaptar-se as tendências ditadas pelo grande capital. *O desenvolvimento do capital é, por natureza, expansionista, mundializado e incontrolável* (SOUZA, 2008, p. 313).

A barbárie de hoje é fruto de excessos que não terão limites pela própria razão de existência do sistema. Conter esses excessos depende de ruptura, não obstante, a própria barbárie é a indicação de necessidade de ruptura, como estágio final aguardando apenas a disposição dos homens para dar fim em nome da condição de sobrevivência da humanidade. Somente uma nova racionalidade contra a lógica da mercadoria libertaria do homem das amarras dessa “epidemia social”.

Nas crises declara-se uma epidemia social que teria parecido um contra-senso a todas as épocas anteriores – a epidemia de sobreprodução. A sociedade vê-se de repente retransportada a um estado de momentânea barbárie... E por quê? Porque a sociedade possui “civilização em excesso” (MARX, 1982, p.112).

As crises não se tornaram frequentes, elas integram a estrutura própria do capitalismo e, por isso, são como alavancas que impulsionam a engrenagem “revitalizando” a economia. No entanto, os momentos de aparente tranquilidade não são seguros e normalmente de curta duração, sem contar a permanente utilização do Estado na manutenção das forças da economia sempre que se faz necessário. O próprio Estado serve de mercado quando convém aos grandes blocos industriais e empresariais, serve de instrumento para a tal revitalização.

Enquanto as relações humanas forem pautadas por interesses financeiros nunca teremos educação em sentido amplo, não produziremos saberes a serviço do bem estar da humanidade, mas sim do lucro de empresários.

CAPITULO 3. Contexto e história do Curso de licenciatura em Educação do Campo

O diálogo com as massas não é concessão, nem presente, nem muito menos uma tática a ser usada [...]. [...] o diálogo como encontro dos homens para a pronúncia do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização.

Paulo Freire

A necessidade de educação do campo voltada para o desenvolvimento intelectual e cultural do trabalhador do campo não é uma realidade nova e sim uma antiga reivindicação, que a partir dos anos noventa, ganha nova visibilidade e corpo entre estudos e lutas de movimentos sociais específicos. Falar em educação do campo significa retomar a discussão sobre educação popular, pois, ela emerge da qualidade e do aprimoramento do debate nacionalmente colocado e respaldado como herdeira.

Essa educação demanda uma epistemologia cuja fonte do conhecimento tem sua validade no saber da experiência, no conhecimento engajado, que nasce da necessidade de agir/pensar/sentir, que procura transformar a realidade numa perspectiva utópica que não espera um porvir, mas persegue um futuro que se faz nas entranhas do presente. (BATISTA, 2006, p.3).

As lutas travadas no interior dos movimentos sociais deram corpo ao debate que destaca essa especificidade com urgência em estabelecer-se amparada pela legislação. Isto fortaleceu a educação do campo como modalidade de ensino a partir de 2001 e, conseqüentemente, garante avanços inéditos no contexto institucional.

As sementes da educação do campo são plantadas quando os movimentos sociais do campo com seus parceiros e aliados, se organizam, a partir do final dos anos 1990, para discutir, propor e reivindicar do poder público uma política de educação para os povos que vivem no e do campo, na perspectiva de superar as concepções anteriores, que concebiam a educação para o meio rural vinculada ao modelo de desenvolvimento urbano-industrial capitalista e a uma estrutura agrária que usa a terra apenas como instrumento de exploração, subordinado ao modelo de acumulação do capital (BATISTA, 2006, p.8).

A educação do campo como herdeira da educação popular aparece superando os termos e as condições da escolarização rural que antes era marcada com tom de inferioridade. Há um considerável avanço no que tange a identidade desse segmento social que tentará reparar a dívida histórica do Estado brasileiro, assim:

A Educação do Campo deve incentivar uma identidade política de movimento e de classe dos camponeses, valorizando a terra como instrumento de vida, de cultura, de produção, definindo a identidade da escola do campo a partir dos sujeitos sociais a quem se destina: agricultores/as familiares, assalariados/as, assentados/as, ribeirinhos,

caíçaros, extrativistas, pescadores, indígenas, remanescentes de quilombos, enfim, todos os povos do campo brasileiro. ().

Os documentos oficiais, para a educação, até duas décadas atrás não tratava das questões do campo no sentido de valorizar a população de áreas rurais e seus direitos civis básicos. E, *embora o Brasil sendo um país de origem eminentemente agrária, a educação do campo não foi sequer mencionada nos textos constitucionais até 1891, evidenciando o descaso dos dirigentes e as matrizes culturais centradas no trabalho escravo, na concentração fundiária, no controle do poder político pela oligarquia e nos modelos de cultura letrada européia “urbanocêntrica”*¹⁹. Será somente com a constituição brasileira de 1988 que a legislação referente à educação começa a mudar de forma favorável as especificidades do campo, antes disso, destacava-se apenas para propor *uma educação instrumental, assistencialista ou de ordenamento social*²⁰.

A primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998, na cidade de Luziânia, em Goiás, discutindo o direito do homem do campo a educação definiu eixos norteadores, tais como: o papel da escola enquanto formadora de sujeitos articulada a um projeto de emancipação humana; a valorização dos diferentes saberes no processo educativo (o popular e o científico como complementares); um projeto de escola vinculado à realidade dos sujeitos; a Educação do Campo como estratégia para o desenvolvimento sustentável.

No ano de 1998, mais precisamente em 16 de abril com a Portaria nº 10/98, o Ministério Extraordinário de Política Fundiária criou o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, com o objetivo de *fortalecer a educação nas áreas de Reforma Agrária estimulando, propondo, criando, desenvolvendo e coordenando projetos educacionais, utilizando metodologias voltadas para a especificidade do campo, tendo em vista contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável*²¹. Com isso, a partir de 2007 surgem outros cursos de ensino superior pelo país, entretanto, é imprescindível lembrar a insistência dos movimentos sociais do campo a chegada dessa formação a universidade pública. Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro foram oferecidas *60 vagas para os Jovens e Adultos dos Assentamentos de Reforma Agrária do Estado do Rio de Janeiro, mais 10 vagas nesta turma direcionadas para os povos tradicionais (indígenas e quilombolas) assumidas pela UFRRJ, bem como a necessidade de discutirmos a regularização do Curso*²².

A UFRRJ possui há alguns anos uma história com a educação do campo como também com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), promovendo debates, seminários, fóruns, que fortalecem os rumos para seu o reconhecimento e necessidade da mesma como política pública. Em termos objetivos é importante destacar que:

Além disso, a UFRRJ, em sua trajetória histórica, vem atuando no atendimento às demandas populares, por meio de outras intervenções

¹⁹ Ver Educação do Campo: Um olhar panorâmico (ROCHA, PASSOS e CARVALHO) <http://www.forumeja.org.br/ec/files/TextobaseeducacaodoCampo.pdf>

²⁰ Ver Cadernos SECAD/MEC, 2007.

²¹ A afirmação encontra-se no site: http://www.ced.ufsc.br/pronera/?page_id=10 do PRONERA – UFSC 2010.

²² Dados retirados do Relatório de um ano de atividades para implementação do curso desafios e demandas, aprovado pelo Colegiado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo em 24 de novembro de 2010.

qualificadas que vêm se desenvolvendo em projetos de EJA, como: o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) (1997-2003), a Alfabetização Solidária no RJ e outros estados do Nordeste (1997-2003), o MOVA em bairros de assentamento – Sol da Manhã e outros – de Seropédica e Itaguaí (entre 1980 e 1993), Projeto Caminhar (2007-2008). Este último, uma experiência inicialmente voltada para os servidores da UFRRJ, recentemente desdobrou-se na Educação de Jovens e Adultos em parceria com a Prefeitura Municipal de Seropédica²³.

O curso, implementado no ano de 2010 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, é fruto da insistência de militantes dos movimentos sociais/sindicatos do campo, de educadores populares, professores dessa universidade, porém, em função de uma demanda apresentada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A partir do lançamento do edital PRONERA/MDA foi organizado um Fórum permanente de discussão com os movimentos sociais do campo MST e CPT, movimento sindical (Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Federação (FETAG), Rede de Educação Cidadã (RECID), populações tradicionais (indígenas, quilombolas e caiçaras), ocupações urbanas e participação de professores de vários institutos da universidade.

O edital PRONERA uma vez aprovado foi encaminhado ao CEPE-UFRRJ em novembro do ano de 2009 e também aprovado por unanimidade em 18 de junho do ano seguinte.

De acordo com o PPP do curso *o objetivo, na ocasião, era apresentar um diagnóstico das demandas locais no estado do Rio de Janeiro e propor uma construção curricular que funcionasse a partir da **Pedagogia da Alternância**, dos **princípios da educação popular** (Paulo Freire) em **contexto de conhecimento complexo e em rede** (Edgar Morin)²⁴. A necessidade de escolarização no estado, principalmente entre jovens e adultos, existe e é compatível com a diversidade desse território. A adaptação curricular, a preocupação com a metodologia e a concepção de produção de conhecimento é que torna possível na prática a realização do curso.*

É importante ressaltar que:

O Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo traduz a união de esforços de áreas de estudos/experiências engendradas na cotidianidade de sujeitos e atores da UFRRJ e a prática da diversidade e alteridade dos assentamentos rurais do Rio de Janeiro. Deste modo, o curso destina-se a **formação de educadores e educadoras** para atuação nas escolas do campo situadas nestes contextos específicos e socioculturais diversificados. Com duração de 3 anos, o curso de **3.540H** horas terá duas grandes áreas de conhecimento como opção de especialidade do educando/a: 1. Ciências Sociais e Humanidades 2. Agroecologia e Segurança Alimentar²⁵.

²³ Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UFRRJ, maio de 2010.

²⁴ Relatório de um ano de atividades para implementação do curso: desafios e demandas, 2011.

²⁵ Fragmento extraído do Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, UFRRJ, maio de 2010.

Para tanto, é necessário que tenhamos impregnado o olhar com o conceito de alteridade para compreender a dimensão da diversidade em que se constitui a primeira turma dessa licenciatura.

A divulgação do curso foi feita por representantes dos movimentos sociais nos espaços específicos do público alvo. Podemos imaginar que para este objetivo o trabalho precisaria ser no sentido de envolver e convencer os adultos da necessidade de escolarização como instrumento de luta embora saibamos os limites colocados pelas condições materiais – a realidade não se transforma apenas com “produção” de consciências, ou seja, com educação, mas com conjuntura favorável entre outros fatores.

A diferença na composição e, sem dúvida, na razão de ser da turma de Educação do Campo já se inicia no processo seletivo dos educandos. A seleção se deu através de *acesso especial a partir de edital público composto por provas de conhecimentos culturais e gerais; uma redação sobre temas específicos da realidade brasileira; apresentação de carta identificando o Assentamento de Reforma Agrária de origem*. E ainda, *os critérios de avaliação das provas e da redação serão estabelecidos de acordo com o conteúdo a ser abordado, incluindo correção da língua portuguesa (PPP, 2010)*. Uma Comissão Especial de Acesso da UFRRJ foi formada para elaboração das questões e da redação. A intenção de apresentar este dado é de fato fazer toda diferença um processo pensado para a inserção de segmentos sociais a margem da sociedade (assentados, quilombolas, caiçaras, indígenas). Nos processos tradicionais quem se adapta é o sujeito nunca o contrário.

O Curso, tendo como prática pedagógica a organicidade dos movimentos sociais, a memória social como ferramenta de produção intelectual e os conteúdos tradicionais acadêmicos, tem grande responsabilidade com a história e com o debate da Educação Popular no Brasil.

A concepção pedagógica que orienta o curso é a Pedagogia da Alternância. O conceito foi desenvolvido pesquisadores e colaboradores com intuito de fortalecer o trabalho político-pedagógico na educação popular. Consta nos textos pesquisados que o primeiro a colocar em prática a Alternância foi o Padre Abbér Granereau, pároco de uma pequena capela localizada em Serignal-Péboldol, no interior da França e, em 21 de novembro de 1935 fundou a primeira “Maison Familiale” ou Casa Familiar²⁶. No Brasil, as primeiras instituições foram os CEFFAS (Centros Familiares de Formação por Alternância) aproximadamente em 1984 em Pernanbuco.

Segundo Gimonet, *com a Pedagogia da Alternância deixa-se para trás uma pedagogia plana para ingressar numa pedagogia no espaço e no tempo e diversificam-se as instituições, bem como os atores implicados* (2007, p.19). A proposta baseia-se na experiência e relação com a comunidade e com sua própria família tornando todos partícipes na formação do “alternante” – *ele não é mais um aluno na escola, mas já um ator num determinado contexto de vida e num território* (2007, p.19).

De acordo com uma publicação da Revista Nova Escola, edição 225 de setembro 2009, escolas com alternância hoje estão na seguinte disposição pelo país:

²⁶ Ver o site <http://www.pedagogiadaalternancia.com/2008/05/historia-da-pedagogia-da-alternancia.html>



Para que o trabalho se realize como pensado alguns compromissos precisam ser firmados,

O envolvimento da comunidade é primordial para a consecução dos objetivos do projeto, cuja implantação só acontece a partir da demanda da própria comunidade. A partir daí, começa a se desenvolver o senso de responsabilidade pelas escolas, a busca por soluções para os problemas da região, a valorização do agricultor como cidadão e como profissional. Conseqüentemente, o Projeto acaba despertando a iniciativa e a participação comunitária, além de uma atuação conjunta por parte dos órgãos executores e parceiros do Projeto. E ainda, cria projetos de desenvolvimento regional oriundos das aspirações da população local e dos ensinamentos da Casa Familiar Rural. (PASSADOR, 2000)

Um autor referência da educação popular e por consequência para a educação do campo é, certamente, Paulo Freire. Os princípios por ele enfatizados baseados na autonomia do sujeito aprendiz e na superação da condição de oprimido são também referências para a educação do campo. Os adultos em defasagem na escolarização, que é o caso da maioria dos sujeitos do campo, são um alvo no trabalho pedagógico no sentido da valorização como ser, como aprendiz e agente de transformação.

Valoriza-se o tempo em que os educandos estão em suas comunidades e não apenas a dinâmica com as disciplinas na universidade. O tempo é, então, pensado e valorizado de forma diferente da pedagogia tradicional. Eles realizam os trabalhos, pesquisas e seminários de acordo com as demandas da comunidade. Consiste em considerar que a formação vai além do espaço oficial da produção do conhecimento,

mas sim, é ininterrupta e necessita da realidade para se estabelecer. Na UFRRJ os educandos ficam instalados por sessenta dias no alojamento da universidade, duas vezes ao ano, correspondendo ao tempo escola - TE, e o intervalo desse período corresponde ao tempo comunidade – TC. Para que haja um acompanhamento dos trabalhos no TC, como também, orientação para as pesquisas, considerando a quantidade de pessoas de diversos lugares do Estado do Rio de Janeiro, a turma é dividida em Regionais, tais como: Regional Sul, Médio Paraíba, Norte e Metropolitana.

Com o tempo, constatamos a dificuldade em apreender tal formação política naquilo que possui de mais central, essencial, visto que o próprio processo constitui-se complexo não nos possibilitando alcançar o real em sua plenitude. Assim, acreditando na necessidade de compreensão do sensível e da condição humana no contexto de uma licenciatura voltada para militantes sociais que atuam no campo no horizonte das lutas populares – na sua atualidade em crise, o trabalho reúne: assentados, quilombolas, caiçaras militantes de ocupações urbanas e indígenas – todos sujeitos possuidores de variadas histórias e experiências, serão convidados a narrar seu processo. Sendo assim, interessou-nos focalizar o processo que os constituem como ser até a chegada na licenciatura como elemento para pensarmos contribuições à formação humana considerando o caos da atualidade.

Logo no primeiro contato foi possível observar que não se tratava de estudantes comuns, ou seja, aqueles que buscam um curso de graduação para futura inserção no mercado de trabalho ou que por falta de opção preferem os cursos da área de humanas. Trata-se de sujeitos envolvidos em organizações políticas embasados por uma causa, ou representantes de grupos sociais historicamente em desvantagem, mas munidos de muita resistência e dispostos a debater outro projeto de sociedade que dê sentido ao que se aprende nas aulas e o que se realiza na prática cotidiana. A dinâmica baseada na pedagogia da Alternância ajusta o tempo de estudo e produção acadêmica com os trabalhos dos educandos nas suas comunidades alternando, assim, a atuação política com a produção intelectual traduzindo uma práxis política e pedagógica que já era feita na formação de lideranças do MST.

Enquanto nos cursos formais obedecem aos critérios estabelecidos pelo Estado, oferecendo uma formação padrão, seletiva e reprodutora de verdades construídas a partir de referências eurocêntrica, branca e burguesa, a proposta deste curso além de promover um ingresso incomum de educandos do campo e da cidade em luta contra a desigualdade, também mantém a dinâmica de trabalho das organizações sociais o que garante aulas e atividades com a participação intensa dos educandos. No caso deste curso toda diversidade negada pela pedagogia tradicional, assim como, toda atuação do estudante como sujeito de direitos é favorecida como instrumento pedagógico fundamental. Obviamente, não se trata de uma convivência perfeita e harmoniosa ou sem atropelos, ao contrário, os desacertos servem ao processo e a diferença é uma verdade estampada que influencia o processo de construção de saberes.

Pensar o processo de constituição/formação do educador com esta especificidade exige uma análise histórica das circunstâncias sociais em que está inserida a educação do campo e dos sujeitos políticos em disputa. Não basta, neste caso, que os conteúdos sejam sobre as condições de plantio, técnicas e instrumentos para lidar com a terra, mas dependem de saberes no plano político, de conjuntura social, econômico e outros aspectos queensem o humano como ser da complexidade e inteiro.

Percebemos que há um interessante e proveitoso debate a ser travado quanto ao processo de institucionalização da educação do campo no chão das universidades públicas brasileiras. A luta pela terra, de muita história, mas por muitos ainda desconhecida, é agora narrada/vivenciada nos espaços da universidade pública. Institucionalizaremos também a luta? Esse debate precisa ser travado e sem que se perca a dimensão autônoma da luta política. É preciso perceber os avanços como resultados da luta e que somente a continuidade dela pode garantir o mais necessário. É preciso pensar sobre o assunto, pensar em toda a relação dos governos brasileiros com os sujeitos do campo como também a histórica precariedade e descaso com a educação do campo até hoje. Por ser um programa os vínculos e a continuidade dos trabalhos depende ainda de mais luta para sua regularização efetiva.

Simultaneamente ao processo de institucionalização da Educação do Campo por dentro do MEC, ocorreu a institucionalização do PRONERA mediante a assinatura do Decreto Presidencial Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Esse decreto defende que os princípios da educação do campo dialogam com a diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, políticos, de gênero, entre outros. Incentiva a formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando **o desenvolvimento de políticas para a formação de educadores do campo**. Uma das maiores conquistas desse Decreto é a ampliação do conceito de populações do campo, presente no artigo 1º: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural²⁷.

Sofremos com as negações e impedimentos da condição social em que se constituíram nas relações sociais capitalistas e por consequência sofremos com os déficits de conteúdos escolares. Portanto, devemos considerar um avanço a discussão da luta pela terra, sua história e o homem do campo estarem no espaço socialmente referenciado, a universidade e que, sem dúvida, deve ser de domínio popular. Contudo, nossa atenção precisa ser redobrada, pois, não basta termos chegado, é preciso ter clareza das implicações e contradições do processo.

Quanto mais se aproxima a educação popular da universidade mais ampliamos a chance de minimizar as consequências da utilização do conhecimento como poder restrito a uma classe que é inevitavelmente a dominante. Pensemos, então, como garantir um projeto de formação política, baseado na prática dos movimentos sociais, tendo em vista o contexto atual de barbárie desacreditado dos ideais socialistas de rompimento com o capital? O povo brasileiro questiona e reivindica menos que há quarenta anos. Na cidade nos tornamos “dóceis” a base de muita tortura e repressão,

²⁷ Relatório de um ano de atividades para implementação do Curso - desafios e demandas, novembro de 2010.

como será possível reverter esse processo no sentido de construirmos uma aliança e adesão as demandas do campo? A especificidade do assunto, educação do campo, pode representar um “pretexto” para reunir e mobilizar sujeitos dando visibilidade as lutas e demandas populares?

Até que ponto podemos explorar esses dois elementos, universidade e movimentos sociais, em favor das demandas populares sem que se perca a dimensão humana do processo? Para Caldart, os movimentos sociais já são vistos como um lugar de formação de sujeitos; onde acontece um processo de educação significativa possibilitando que cada um se perceba parte de uma construção em condição de sujeito autônomo, e ainda completa:

A participação nos Movimentos Sociais humaniza as pessoas formando-as como sujeitos, de sua vida, de sua história, da luta pelo resgate de sua dignidade, ao mesmo tempo em que fazendo desta formação um processo de construção de novos sujeitos sociais: os sujeitos coletivos que passam a identificar quem é “do Movimento”, e quem se percebe “em movimento”.

(...) Sujeitos sociais se referem a sujeitos coletivos: associação de pessoas que passam a ter uma identidade de ação social e, portanto, de formação; revelam-se pelo nome próprio através do qual a sociedade passa a identificar quem é de uma determinada organização, de um determinado Movimento: os Sem Terra estão em Marcha; os Atingidos por Barragens protestam; os Sem Teto fazem mais uma ocupação... E sujeitos sociais se formam; não nascem feitos; e se formam no próprio processo em que se afirmam ou passam a fazer diferença diante da sociedade. (CALDART, 2005).

A universidade participa desse processo fornecendo a infra-estrutura e o PRONERA o investimento financeiro. Porém, a precariedade explícita no cotidiano mostra a correlação de forças políticas em constante disputa. Assim, a regularização irá depender de embates mais contundentes para o futuro. A Institucionalização já está em curso na medida em que o trabalho já é real e está pelos corredores, movimenta grupos de professores da universidade, grupos de pesquisa. Os movimentos desde sempre compõem a posição de contramão da ordem e há tempos trabalham em condições precárias para formar seus quadros, precisamos pensar o que fará o diferencial agora para não perder de vista as lutas sociais que trouxeram a necessidade dessa formação à visibilidade na universidade.

O projeto que já se inicia ousado por romper com parâmetros convencionais de público alvo, de pedagogia e ainda conta com sujeitos envolvidos diretamente na causa em que se pretende aprofundar no curso, ou seja, representantes de suas comunidades ligadas ao campo ou a lutas sociais. Mas será que sabem identificar e questionar com propriedade as contradições sociais? Como avaliar o desenvolvimento do potencial da formação política trabalhada no curso?

Pensar a conjuntura e os seus sujeitos na perspectiva Estética pode ser um desafio quando sabemos que o paradigma dominante mantém uma visão bastante objetiva da realidade dentro de uma racionalidade para garantia do “progresso” da humanidade. Nesse sentido, Marcuse aponta que *perante o tribunal da razão teórica e prática, que modelou o mundo do principio de desempenho, a existência estética está condenada* (MARCUSE, 1968, p.156). Pensar com liberdade e produzir reflexão crítica são elementos que devem ser ensinados e isso pode depender de uma educação estética.

Porém, uma educação estética livre. Estética não como forma, mas como conteúdo na produção epistemológica do sensível, como valorização da subjetividade humana, há muito reprimida e, incentivo a criatividade.

Está em curso um processo contraditório que ainda será alvo de muitos debates, principalmente, por se tratar de educação popular e na medida em que traz para a universidade os segmentos “excluídos” da sociedade brasileira e junto com eles o incômodo da mudança. Um trabalho de pesquisa como esse é ao mesmo tempo denúncia, anúncio e desafio, pois podemos aprender muito com a Pedagogia do Movimento no sentido de superar a forma tradicional de educação. Apostamos no conteúdo das narrativas e na riqueza das subjetividades como um diferencial para uma análise com novos olhos sobre formação, política e movimentos sociais. Acreditamos como Marcuse que, *introduzida na filosofia da cultura, essa noção almeja uma libertação dos sentidos que, longe de destruir a civilização, dar-lhe-ia uma base mais firme e incentivaria muito as suas potencialidades. Operando através de um impulso básico – nomeadamente, o impulso lúdico – a função estética “aboliria a compulsão e colocaria o homem, moral e fisicamente, em liberdade”. Harmonizaria os sentimentos e afeições com as ideias da razão, privaria as “leis da razão de sua compulsão moral” e “reconciliá-las-ia com o interesse dos sentidos”* (MARCUSE, 1968, p.163).

Entretanto, a pretensão nesse estudo limita-se em explorar exclusivamente as narrativas de trajetórias militantes no contexto da experiência educativa/formativa nessa licenciatura, ou seja, o processo de formação política sentido e experimentado pelos sujeitos, assim como, a compreensão acerca de sua autoformação. A análise dar-se-á na perspectiva estética das narrativas tomando em consideração as subjetividades de cada sujeito. Admitindo que a *dimensão estética é o meio onde os sentidos e o intelecto se encontram* (Marcuse, 1968 p. 161) pensaremos a formação política, em curso, traduzida e projetada esteticamente nos trabalhos pedagógicos/políticos realizados na forma como são por eles compreendido.

A composição desse curso de licenciatura é incomum. São senhores, senhoras, jovens com diferenças de todos os tipos, mas tendo em comum como pano de fundo nas suas histórias a luta social, seja nos assentamentos, seja no quilombo, seja na aldeia se encontram na resistência cotidiana em sobreviver. Mas será que todos tem clareza do que estão fazendo nesse processo e o que os esperam? Ouvi-los pode render um rico material para futuros trabalhos e para os movimentos sociais em luta.

Certos de que não esgotaremos as possibilidades de conhecer/descobrir plenamente o objeto deste, pois o nosso entendimento é fruto do que somos capazes de pensar sobre ele, nos propomos a investigar neste trabalho a dimensão estética no processo de formação política dos educandos desta licenciatura. Pois, interessa-nos compreender em que medida podemos realizar uma formação com a perspectiva da sensibilidade e do sentir de cada sujeito como elemento prioritário no processo. Do ponto de vista estético, podemos explorar diversos aspectos ou elementos do trabalho e da trajetória particular política nos interessa, entretanto, o sentimento e a compreensão a partir das subjetividades em que os trabalhos, de aproximadamente um ano de existência efetiva no espaço da universidade, estão imersos.

A opção pelas experiências e produções dos futuros educadores da Licenciatura em Educação do Campo, na UFRRJ, justifica-se pelo diferencial desta licenciatura sobre as demais, o potencial político da proposta e a vinculação dos educandos com os movimentos sociais (MST, FETAG, RECID e AMOC). O curso representa, sem dúvida,

um ganho político para a educação do campo como direito, e uma conquista na garantia dos sujeitos oriundos de assentamentos, comunidades indígenas, caiçaras, quilombolas e, ainda, movimentos de ocupações urbanas na universidade. Todavia, precisamos avaliar as condições atuais dos movimentos sociais já que para a proposta da LECAMPO ele significa um pilar para a garantia de permanência e desenvolvimento dos educandos. Cabe aos movimentos um acompanhamento mais próximo do estudante, assim como, a participação na realização prática do curso (reuniões pedagógicas, colegiado, avaliações, suporte no TC etc.) o que depende de articulação interna e de representantes.

Mas como articular o trabalho nessa fase de desmonte e crise das organizações? É inevitável que nos questionemos a respeito já que o problema é visível em âmbito nacional, seja no esvaziamento do movimento estudantil (mesmo com potencial da juventude), seja no descrédito do movimento sindical.

Nas últimas duas décadas ficou mais evidente no Brasil com a tendência neoliberal uma crise social que dispersou movimentos de esquerda, trouxe a ideia conciliação no lugar do conflito de classe, intelectuais foram cooptados ou desanimados, enfraqueceram-se os partidos e desmoralizaram-se sindicatos – alguns chamam de tese do “refluxo” do movimento de esquerda. Um crescimento exorbitante do subemprego, uma maioria cada vez mais pobre e dependente de recursos por programas públicos precários. Por parte da ação direta dos governos, uma onda de criminalização dos movimentos sociais, fragilidade e precariedade da estrutura em relação aos direitos básicos elementares. Enfim, o tão sonhado país do futuro parece assustar até os mais otimistas.

Esse quadro de crise levou conturbadas formas de convivência social se considerarmos a luta pela sobrevivência em que se transformou a vida dos trabalhadores em pleno caos. A violência passa a fazer parte do cotidiano. Depois de nos apropriarmos do conceito de barbárie que traduz o espectro da atualidade buscaremos pensar essa violência e a forma intensiva de desumanização a partir do conceito de estética.

CAPITULO 4. Territórios simbólicos²⁸ produtores de razão sensível: as narrativas de vida/formação dos educandos da LEC.

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, dos relatos centrados sobre a formação, efetuados na perspectiva de evidenciar e questionar heranças, continuidades e rupturas, projetos de vida [...] permite ter a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares [...].

Marie-Christine Josso

A preocupação com estudos sobre a formação humana (constituição do homem no seio da produção social) não é uma novidade. Frequentemente encontramos trabalhos que apontam a preocupação com o rumo histórico que vem sendo definido para a educação nas condições e na ideia de desenvolvimento e progresso no contexto do modo de produção capitalista. Um processo que vem mantendo a alienação e distorção da potencialidade humana, ao passo que privilegia a forma-mercadoria. Somos (de)formados na atmosfera ideológica do fetiche e do consumo, mas, ao contrário do que parece, configuram-se em nós mesmos as pistas e possibilidades desejosas de superação da ordem vigente.

Herbert Marcuse, no ensejo de pensar uma nova racionalidade do sensível na perspectiva do marxismo, apostou na contribuição da produção intelectual de Freud e, analisando a sociedade de sua época (início do século XX), destacou conceitos importantes como: repressão, progresso, civilização, princípio de realidade, instinto, liberdade e Estética. Com o passar do tempo, especificamente, na atualidade (século XXI) ainda sofremos com os mesmos sintomas sociais e individuais que Marcuse identificava. Sendo assim, na intenção de entender os processos de formação do homem na atualidade, compreendendo ao mesmo tempo a situação limite do contexto de barbárie e expressando a insatisfação de quem investiga o assunto, optamos em ouvir as histórias dos educandos do curso de Licenciatura em Educação do campo na UFRRJ.

Não há melhor início para percorrermos sobre formação humana na atualidade que as narrativas dos educandos como território simbólico desses processos. Sujeitos sociais diversos, complexos e possuidores de diversas percepções acerca de processos de formação e do seu próprio. As subjetividades humanas têm em si conteúdos que apresentam pistas denunciadoras do real e dos processos nele imbricados. Para uns uma vida entrelaçada aos movimentos sociais do campo, para outros as disputas no seio da turbulência urbana. Entretanto, todos narram fatos que, como diria Josso (2008), traduzem a existência singular plural e a partir delas pensaremos formação. Só poderemos negar o projeto capitalista denunciando por meio das subjetividades as armadilhas da realidade colapsada para, então, admitir o contrário, uma possibilidade contra-hegemônica.

Formação e consciência passam, impreterivelmente, por autoformação e autoconsciência, e isso não significa responsabilizar o homem pelas mazelas sociais,

²⁸ Ver Marie-Christine Josso, As Histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural.

mas implica em dar a ele a autoridade sobre tal processo. Nesse caso, a atenção às narrativas, fatos que compõem o sujeito, possui muita funcionalidade. Pois, ao mesmo tempo em que pode falar com propriedade, já que os fatos são próprios, tem também a possibilidade de o sujeito se ver, se avaliar, se compreender e na mesma dinâmica estará constituindo consciência de si e da história.

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite, portanto, colocar em dia, progressivamente, o ser-sujeito de formação, vê-lo tomar forma psicossomática, psicológica, sociológica, emocional, cultural, política e, espiritualmente num sábio e singular entrelaçamento, formando assim um motivo único [...]. A consciência de ser (ativa ou passivamente) sujeito de sua história, mediante todos os ajustamentos que foi preciso fazer, permite dimensionar o desafio de toda formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser em devir, e a sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que se possa imaginar. (JOSSO, 2008, p.31).

Atuando a partir das trajetórias de vida podemos inferir a ocorrência de um sujeito com possibilidade de narrar e realizar um movimento de contracultura²⁹. É ver a cultura hegemônica por meio do próprio homem e identificar nela o que nos negou como ser, o que tirou nossa autoridade e propriedade diante da vida. Segundo Josso, *as experiências são formadoras e fundadoras das nossas identidades em evolução*, portanto, se admitirmos que essas experiências são também determinadas pelo contexto degenerativo do desenvolvimento capitalista produtor de uma massa de desavisados e ignorantes, é possível identificar o que não queremos.

Nas falas há vestígios relevantes do contexto social da reificação e a tradução de uma vida particular, apontando para a co-existência de um sujeito único e múltiplo. É também a consequência dos planos e projetos não somente nos marcos de um país de um mundo globalizado. Os discursos que pretendemos trazer aqui são fontes de partes da história do Rio de Janeiro que não temos registro; são acontecimentos experimentados também pela base do povo carioca na tentativa de sobrevivência e nos embates com a situação política e econômica. Como tratar, então, de valorizar as narrativas na intenção de buscar aspectos do sensível repensando o que é possível construir? Identificando o mundo que não queremos (marcado pela negação e pela barbárie), como encaminhar o seu contrário?

É importante considerar a condição tanto da história quanto do próprio homem de que não somos, mas estamos sendo. E, se estamos em constante construção e desconstrução de certezas, a cultura, nesse sentido, é viva e passível de mudança.

É por isso que essas identidades incessantemente em devir, manifestações de nossas existencialidades em movimento, são, em certos períodos históricos mais fortemente perturbadas pelos efeitos

²⁹ O termo contracultura, empregado no texto, restringe-se à seguinte acepção: uma cultura com valores e costumes colidentes com os da sociedade estabelecida e não ao movimento histórico homônimo. Todavia, não nos consideramos distante do ideal da proposta de tal movimento, visto que o mesmo definia-se a partir de práticas e manifestações que visam criticar, debater e questionar tudo aquilo que era identificado como vigente e reafirmador da repressão e da castração humanas.

desestruturantes de mudanças sociais, econômicas e/ou políticas. (JOSSO, 2008, p.26).

A autora nos chama a atenção de certa forma que a única certeza é a da possibilidade frequente de transformação das identidades/existencialidades e, estas são afetadas por *novas formas de pobreza, novos problemas sanitários, modificações climáticas relacionadas a poluentes tradicionais em crescimento exponencial* (Ib., p.26). Reiterando a proposta de Josso, pensar a contribuição do trabalho com as histórias de vida carregadas das subjetividades exige considerar esse constante devir.

Ainda nos apropriando da autora, as narrativas são a opção de linguagem deste trabalho principalmente porque:

Por um lado, como uma trajetória que é feita por um tensionamento entre as heranças sucessivas e as novas construções e, por outro lado, feita igualmente por um relacionamento dialético da aquisição de conhecimentos, de saber fazer, de saber pensar, de saber estar com relação ao outro, de estratégias valorizações, comportamentos, novas valorizações que são visadas mediante o percurso educativo escolhido. As projeções de si, que alimentam os momentos de reorganização, são reexaminadas em suas significações no presente e colocadas na perspectiva do futuro. (JOSSO, 2008, p.28)

E nesse movimento inclui-se o pesquisador, o qual visita às experiências e trabalha na perspectiva de Walter Benjamin, procurando ouvir as vozes silenciadas ao longo da história. Como a pesquisa preocupa-se em refletir sobre o que temos e, consequentemente, sobre o que podemos ter, a proposta não vê os narradores como objeto, mas produtores de saberes. Nesse sentido, acreditamos, a pesquisa contribui tanto para o pesquisador quanto para os sujeitos envolvidos.

Em suma, os territórios simbólicos por nós reconhecidos como possibilidade de uma razão sensível são as narrativas de vida/formação dos educandos da LEC, sendo o Rio de Janeiro um terreno rico de histórias, conflitos e lutas populares. A Licenciatura em educação do Campo traz à universidade pessoas de diferentes partes do Estado que viveram momentos bastante interessantes. Muitos não consideram suas próprias experiências como fontes da história ou processo de autoformação, entretanto, se tornarão nesse trabalho fontes fundamentais de estudos. As linhas que se seguem procuram identificar a marca da concepção do ego administrado, presente nas narrativas, considerando a formação desses homens e mulheres no seio da produção social e reafirmando nossa preocupação com o rumo histórico e suas consequências na educação, no contexto das promessas de desenvolvimento e progresso de um modo de produção da vida sem futuro.

4.1 As narrativas: Observando o retorno do reprimido em busca de uma razão sensível.

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais.

Paulo Freire

Se eu pudesse te dizer, aquilo que nunca te direi. Tu poderias entender aquilo que nem eu sei.

Sigmund Freud

Como já mencionado, os narradores são estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. As narrativas das histórias/experiências de vida/formação foram realizadas sem exigências ou direcionamentos delimitados; eles falam espontaneamente sobre suas trajetórias: origem, atuações, impressões etc. que culminam na chegada ao curso – processo de seleção a partir da proposta do Edital PRONERA/2010. Não partimos de categorias apriorísticas e procuramos fazer a leitura dos discursos à luz das teorias de Freud e Marcuse. Por essa razão, ratificamos o valor da palavra neste estudo porque temos como alicerce a psicanálise e a tradição oral. A palavra é elemento fundamental para esses dois campos de saber e é por meio dela (e com ela) que lidamos com os conteúdos do inconsciente, os quais estão diretamente ligados aos sentimentos administrados e administráveis.

A vida é rica em experiências comunicáveis, entretanto, temos cada vez menos como hábito, na atualidade do capital, a troca qualitativa dessas experiências, sucumbindo a trivialidade e a superficialidade. No auge da difusão dos meios de comunicação, nos deparamos com uma enxurrada de informações e ideias desconexas realizando muitas vezes um desperdício de tempo e energia, haja vista os sites de relacionamentos, as redes sociais, etc. cada dia mais substituindo o convívio efetivo/afetivo. Uma contradição posta à atualidade confunde o a dinâmica do intercâmbio de experiências.

O ato de narrar a própria história de vida/formação constitui absolutamente um porvir no reconhecimento da própria identidade na medida em que o sujeito produz uma releitura atualizada e reflexiva do que faz sentido para si mesmo. Falar de formação humana é sem dúvida falar de experiências múltiplas fundadoras de personalidade, identidades. Contar suas vidas possibilita conhecer a si mesmo e repensar-se reconhecendo a importância própria da sua trajetória. Nesse caso, narrar significa revisitar a própria história e dela tirar maior proveito, revelando, assim, o potencial educativo/estético da experiência.

As histórias de vida passam a ser a base sólida para não nos perdermos no campo da abstração em se tratando de compreender o homem e o que significa ser

humano. É o ponto de ligação entre teoria e prática sobre as nossas concepções ideológicas e a realidade.

Convidados a narrar, os educandos não se preocupam com perguntas pré-formuladas ou recebem alguma indicação. Simplesmente se apresentam de forma descompromissada e espontânea cumprindo o tempo que for necessário para cada pessoa. As conversas levaram mais tempo do que imaginávamos, alguns educandos demonstraram a satisfação ao final, visto que falar sobre a própria experiência foi um exercício de análise sobre questões particulares. Outros destacaram, ao final da conversa, o prazer pelo desabafo em contar suas trajetórias. Uns destacaram o fato de, após anos, voltar a estudar exatamente em um curso que valoriza a dimensão política da educação, dizendo ser demasiadamente enriquecedora a experiência na LEC. Um momento saudável de conversa espontânea, mas que traziam aquisições formadoras e fundadoras de identidades, tal como diria Josso (2008).

Tendo em vista o limite de tempo para a realização da pesquisa, foram ouvidos apenas onze educandos, cujas idades, localidades e inserções sociais são diversas. Os relatos foram gravados no período final da terceira etapa do Tempo Escola, no espaço da universidade e de maneira informal. Nessa fase, os educandos estavam definindo a habilitação de acordo com o que pretendiam se dedicar no curso: Ciências Sociais e Humanidades ou Agroecologia e Segurança Alimentar, são as opções.

Pretendemos valorizar nas falas a dimensão sensível, o território em que transitam os sentimentos sobre o vivido, as expectativas, frustrações e as marcas singulares construídas com o tempo. O que vale é a experiência, o vivido. Neste caso, vale marcar a dimensão estética observada na reação do sentir humano como juízo singular que elabora os saberes e, tem a narrativa como expressão organizada e motivada por reflexões e articulação particulares e que resultará em novas elaborações. Por isso, não couberam perguntas, pois, em se tratando de sentir precisamos deixar fluir no campo da história oral os fatos relevantes destacados apenas pelo o narrador.

De forma simples e singular, os educandos teciam suas histórias e, pareceu interessante o fato de ao tratarem de suas vidas todos darem ênfase ao processo de participação política como principal momento na trajetória da formação. Ou seja, muitos têm a clareza de que atuar politicamente se constitui uma contribuição decisiva à individualidade e, conseqüentemente às identidades. Todavia, há os que avaliam o desconforto na forma de construir a participação política que, muitas vezes, deforma os sujeitos, não compreendendo o ativista político como humano sensível e dotado de mais dimensões.

Um fato interessante, e que merece destaque, é que para a maioria dos educandos participantes a formação política tem início em espaços organizados pela Igreja, as Comunidades Eclesiais de Base³⁰, admitida como primeira instância de discussão relacionada a política e de envolvimento comunitário desses sujeitos. É marcante a defesa quanto a experiência vivida nesses espaços, pois, segundo eles a

³⁰ As Comunidades Eclesiais de Base são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. As primeiras surgiram por volta de 1960, em Nísia Floresta, arquidiocese de Natal, segundo alguns pesquisadores, ou em Volta Redonda, segundo outros. De natureza religiosa e caráter pastoral. Nas paróquias de periferias, as comunidades podem estar distribuídas em pequenos grupos ou formar um único grupão a que se dá o nome de comunidade eclesial de base. É o caso da zona rural, onde cem ou duzentas pessoas se reúnem numa capela aos domingos para celebrar o culto (Frei Beto, O que é Comunidade Eclesial de Base).

dimensão da espiritualidade que somada a causa política de incomodar-se com a desigualdade radicalizava a esperança na luta contra a opressão. A experiência nas CEBs sensibilizava quanto a identificação como ente-espécie, discutia uma identidade política em que a causa de um deveria tornar-se a causa de todos. Ouvimos inclusive o empenho de alguns padres de socializar leituras mais politizadas que instigavam debates e facilitavam a compreensão do que se vivia efetivamente, contexto desigual e injusto das periferias, mas que faltavam conteúdos para análise. Esse segmento da Igreja Católica cumpre um importante papel na formação política/humana de muitos sujeitos. Mais tarde boa parte desses grupos mais radicais se reencontram no movimento social ou em partidos políticos (inclusive na formação inicial do Partido dos Trabalhadores antes da decepção).

A primeira participação na pesquisa traz uma história bastante interessante e faz refletir sobre traços de uma repressão que nos preparou para a vida social e, conseqüentemente, para a adequação à ordem. De formação religiosa, ela identifica a atuação política como a sustentação de sua vida. Valoriza muito a trajetória de militância social e pouco se refere a sua individualidade ou a projetos individuais, mas valoriza a experiência na coletividade. Em sua narrativa, a dimensão coletiva sobrepõe a individual e seu primeiro apontamento se refere à posição de submissão assumida pelas pessoas frente às imposições exógenas na disputa de poder e vaidades. Primeiro questiona a autoridade do padre da paróquia, de onde foi expulsa exatamente por não concordar com a centralização do poder pelo pároco. Em seguida denuncia a posição negativa das pessoas da comunidade que, apesar de conhecê-la há anos, optam em desautorizá-la em nome da obediência ao padre. No entanto, nada subtrai seu sentimento de justiça em relação aos direitos da coletividade.

A narrativa remete à afirmação de Marcuse (1968) de que *a dominação ultrapassou a esfera das relações pessoais e criou as instituições para a satisfação ordeira das necessidades humanas, numa escala crescente*. Todavia, é exatamente no contexto da obediência as instituições que as pessoas subvertem a história e criam subterfúgios possíveis para a recusa. A insatisfação aparece mesmo em meio a boa convivência nos espaços sociais de costume, da ordem estabelecida, e os sujeitos procuram interlocutores, pessoas ou grupos de pessoas, com as quais possam realizar de alguma maneira recusar a obediência aprendida.

“A igreja, ela tem um papel fundamental, importante, um significado muito importante, mas de abastecimento... ela te abastece, ela te coloca de pé pra você assumir esses instrumentos... porque é lá que acontece, não é aqui... E aí por causa disso, por causa desse processo o meu engajamento não era dentro da igreja, dentro das ferramentas da igreja eu participei sempre, sempre engajada na comunidade, na igreja, sempre assumi as tarefas na igreja. No início dos anos 80, isso final de 79, começou um processo interno na igreja de briga muito grande na estrutura orgânica da paróquia, o padre achava que o fato de a gente querer um processo de organização interna na igreja era uma afronta pra ele aí ele começou achar que a gente tava querendo tomar o lugar dele e acirrou um processo mesmo de nos encurralar pra que a gente tomasse uma posição de sair da igreja e aí quando dá, isso início dos anos 80, 81, aí acirra do processo entre o padre e a gente, aí a gente sai, não é que sai, fomos “saídos” (tirados) ele tira nossa base, tudo aquilo que participava de engajamento interno da paróquia ela tira, então a gente não é mais, assumi um pouco coordenação interna de várias coisas aí ele tira, ela

corta todas as coordenações, todas participações internas, aí você fica sem espaço sem lugar, vai fazer o que? E aí, o padre tem uma postura muito ruim, ele começa a falar publicamente, que a gente era comunista e aí falava na missa durante a homilia ele dizia: Cuidado, não acompanhe a Sônia é comunista desencaminha seus filhos, toma cuidado! E aí isso criou uma situação muito complicada que essa fala do padre tem um peso significativo interno na paróquia e as pessoas já me conheciam, porque eu nasci e me criei dentro da igreja, minha família toda, então, as pessoas me conheciam, sabiam quem eu era e aí eles falavam o seguinte: a gente gosta muito de você, acredita em você, mas tem medo de ir pro inferno, cara. A gente acha que a fala do padre tem um peso muito grande. Na realidade, a fala dele sobrepõe uma verdade que você tinha; as pessoas tinham essa avaliação que a minha ação interna não era nada demais o que a gente tava fazendo era o que todo mundo queria, era descentralizar aquilo que estava concentrado na mão do padre só que o padre pegou isso pro “pessoal” e começou a ter esse discurso! Eu nem entendia o que era comunismo, o que era isso, eu não tinha nenhuma militância fora da igreja (...). Aí o conflito ficou muito forte até que o padre pediu para eu sair da igreja. Fui expulsa da igreja! Para mim foi muito ruim, eu perdi meu chão. Porque era o meu espaço desde que nasci.” (A)

É inegável a dimensão da espiritualidade como parte da composição humana. Quando afirma que a igreja abastece suas forças para a luta, (A) traduz a sua humanidade. Demonstra os traços de sua existencialidade-singular-plural se posicionando de acordo com referências próprias contra o que a incomoda. Tratar da espiritualidade humana significa, dentre outras coisas, preocupar-se com a saúde plena não importando a orientação ou especificidade que cada ser singular busque, mas importa o respeito aos sentidos de acordo com a cultura e a possibilidade aberta nesse campo para o autoconhecimento. Espiritualidade é autoconhecimento, sensibilidade e sublimação. Contudo, a religião³¹ assumiu historicamente um papel de controle e castração da sexualidade, dos desejos espontâneos do homem fortalecendo o *status quo* e adaptando os sujeitos para o trabalho e para um tipo específico de comportamento para a vida social.

Em seguida, apresenta um fato que indubitavelmente a marcou, principalmente, pela personalidade sensível e espiritualizada que demonstra possuir. A história da amiga, que angustiada por depositar na luta política todas as suas energias, alcança o limite da exaustão física e psíquica. Desestimulada e frustrada, perde a pulsão de vida (o desejo que mobiliza o ser a estar no mundo, realizar feitos e ser feliz); passa pela pior crise de sua história e comete suicídio. Não consegue administrar o conflito e enxergar a violência da submissão política no movimento social o qual dedica suas forças. Segundo a narrativa completa, tal grupo político não permitiu que a mesma o construísse como intelectual, como partícipe das diretrizes que o compunham, restando apenas as tarefas pragmáticas, de ideologia cega e sem humanidade. Onde não há liberdade de opinião e envolvimento, não pode haver atuação autônoma que a impulsione a vibrar

³¹ O termo religião apresenta inúmeras acepções. Pode, quando derivada do termo latino "re-ligare", significar uma forma de "religação" com o divino, definição que engloba variadas formas de aspecto místico e religioso, mitológico e inúmeras doutrinas ou formas de pensamento capazes de perpassar pela característica fundamental da metafísica. Neste texto o termo cabe como aspecto da cultura (ocidental).

satisfazendo-se plenamente. Atrevemo-nos a dizer que o processo de sedução em tal fato tendeu entrega do ser para a pulsão de morte, principalmente, na fase da vida em que as forças da libido estão em efervescência, a juventude.

(...) Nesse período, chega em Queimados um grupo, através dos representantes do movimento negro, que era da Convergência Socialista. A convergência era uma tendência dentro do partido dos trabalhadores – PT. E aí chegaram muito animados, cheios de propostas... Começou a mobilizar as pessoas querendo discutir toda uma proposta de mudança social. Eu comecei a participar, era muito interessante, mas não me encontrava muito dentro daquela discussão. Eu achava primeiro eles muito estranhos, era um pessoal que vindo do Rio... Não tinha nada a ver com o nosso cotidiano... Mas eu participava sim, eles davam material pra gente ler... a gente discutia, eles tinham uma radicalidade na questão da inserção social que eu achava muito legal! Então, nesse período, o grupo que saiu da igreja (que não foi só eu, foi um grupo grande) e eles começaram a participar desse grupo, da convergência. Só que essa convergência não falava muito a nossa linguagem. Tinha muito aquele negócio, assim, se você não concordasse integralmente com aquilo que eles pensavam você tinha que ficar fora. Não tinha meio termo, ou você concordava na íntegra com tudo aquilo que estavam propondo ou você não tinha que ficar.

(...) eu tinha uma amiga que tinha um engajamento na igreja durante muito tempo... Ela saiu no mesmo período que eu, da igreja, (foi expulsa como eu da paróquia). Éramos muito novas (eu tinha 16, 17 anos e ela também). Ela acha que a convergência era o único caminho de mudança social... aquela radicalidade que eles estavam trazendo de fato era o que ela queria... já que a igreja tinha expulsado mesmo a gente... e ela assume isso. Eu me lembro de uma reunião que eles pedem pra levantar a mão quem estava assumindo a proposta deles e ela levanta a mão... parecia até que eu estava na Assembléia de Deus... era um pouco esse jeito. Ela fala pra mim: *Sonia é muito complicado brigar com dois poderes estabelecidos e, a igreja é um poder instituído e eu não tenho forças pra brigar dentro e fora... estar na igreja é estar constantemente nesse conflito. Eu escolho brigar aqui fora...*

(...) Aí, ela muda todo o processo dela... Eles tiram ela de Queimados, onde ela mora, levam pro centro de Nova Iguaçu para facilitar o processo de militância. Ela começa a se engajar no sindicato dos comerciários, ela passa a ser frente de massa, né? Pra começar um processo de nucleação da convergência socialista, de intervenção dentro do sindicato... a questão estudantil e questão sindical eram duas frentes de intervenção deles. Ai, eu comecei a acompanhar isso de longe, porque a convergência não permitia que a gente participasse sem levantar a mão. Eu comecei a ver que ela estava diferente... começou a romper com tudo que ela tinha... com tudo que ela creditava. Ela começou a ficar uma pessoa estranha. Eu achava estranho aquele negócio. Ela começou a fazer coisas que antes não fazia.

(...) E, aí eles chagaram pra me falar o que tinha acontecido com a ela... Foi muito ruim! Foi uma experiência muito ruim. Isso me levou a repensar muito a questão da militância, da esquerda e me ajudou muito a amadurecer esse canal. Tanto em relação à igreja, porque ela foi muito omissa nesse processo, quanto daquele grupo da Convergência Socialista que tinha uma bandeira de libertação e mudança social, mas que tinha uma prática que esvaziava o outro, não ajudava o outro a ser pessoa humana. O humano estava esvaziado. (A)

Marcuse acredita na força na juventude, exatamente, pela efervescência. Pela disposição da energia libidinal que a movimenta a tomar partido, lutar visceralmente por suas convicções. A juventude deseja, e ama mais desejar que propriamente o objeto de sua desejo, como diria Freud. Deseja mudar o mundo e se canalizada essa energia assim se faria. Não vê limites nas negativas da cultura, na maioria das vezes não se submete à revelia de sua satisfação pessoal.

Destaca-se na rememoração do narrador uma condição de desvalorização da vida humana e o papel da organização social em relação a responsabilidade com o ser humano. O exemplo da jovem que comete suicídio foi uma surpresa impactante. Ela empenhou suas energias vitais na causa traduzindo a necessidade instintiva de realizar-se satisfazendo um desejo pessoal de mudar a realidade que se apresenta a ela injusta e desigual, nesse caso, aposta na luta social a felicidade coletiva e também sua. Segundo esta narrativa, a organização se utiliza da energia física e intelectual de um sujeito e despresas-o quando se faz conveniente. O que o incomoda é a cultura de interesse e conveniência que se sobrepõem ao sujeito. Ao falar da situação do outro, narra seu próprio mal-estar que hoje se manifesta no descrédito a forma engessada de organização social tornando a atuação política um desprazer.

A seguir, novos apontamentos do mesmo participante que rememorando a experiência adquirida reavalia as antigas exigências engessadas do movimento quanto ao rumo como militante político e a ruptura com as demais dimensões humanas. Observa as condições da atualidade e aponta um resgate da sensibilidade perdida questionando sobre o que atenderia ao humano completo; satisfazendo e alimentando a energia que impulsiona para a vida rumo à felicidade coletiva.

(...) talvez respondendo um pouco a... [amiga que cometeu suicídio] sobre a escolha entre o que ela chamava dos dois poderes (a igreja e o movimento social)... eu não me desvincularia da mística, a mística que move a gente e ajuda a ficar de pé... ajuda a manter viva a esperança. Mas me desvincularia da estrutura... da igreja, e isso serve para toda a estrutura, organização burocrática. Você se joga por inteiro na estrutura e a estrutura te corrói te consome e, quando você não tá mais em condições dar essa produção ela abre mão de você com muita facilidade... hoje eu tenho essa leitura. (...) hoje a igreja não responde, o sindicato não responde, o partido não responde, a associação de moradores não responde... E não responde ao humano. (...) nenhuma organização burocrática tá dando conta do humano. Tem que repensar isso... e aí, entra num vazio que não se explica, né? Só se experimenta (...).

(...) em janeiro de 2005 tivemos uma reunião em São Paulo que foi pra preparar o 6º Encontro Nacional de Fé e Política (...). E estavam nessa era Frei Beto, Leonardo Boff, Clodovis e todo o pessoal que discutia a teologia da libertação... eles faziam uma análise muito dura da realidade, como é que o humano tá se diluindo cada vez mais nessa situação de tanta crueldade humana, e aí faziam uma relação com a figura do escravo... hoje não é o escravo da fase de escravidão no Brasil, não é isso... é ainda pior é uma corrente que tá interna que amarra nossa consciência, amarra a gente de uma forma pra gente perder o fôlego... O Leonardo estava dizendo que isso nos desumaniza de tal forma que a gente se torna meros objetos, então tudo que está no entorno também

se torna objeto e com isso tudo, a gente tendo uma relação com o outro de forma utilitária.

(...) numa conversa ele tentava me explicar que não é pra perder a esperança, né... ele chamava a atenção que a gente vive hoje um pessimismo, mas não um pessimismo que nos aniquila... mas um pessimismo que nos dá a esperança de levantar a cabeça e repensar como a vida pode ser reconstruída, né? (...) a gente tá chegando no fundo do poço, parece não ter mais saída, mas de que forma você descobre dentro dessa realidade alguns sinais de esperança? E como a vida pode ser reconstruída? Acho que é repensar saídas, né?

As falas supracitadas remetem à necessidade humana de felicidade, apesar das condições catastróficas em termos de qualidade de condições de existência; instituições falidas, personalidades viciadas pela reificação, descrédito, as forças empenhadas em avaliar um tipo de pessimismo, tudo isso pode significar um retorno ao reprimido. Ou seja, o desejo de liberdade, em desacordo com a situação limite que a civilização nos colocou, pode agora estar retomando seu lugar na consciência dos homens e aparecendo em forma de esperança de reconstrução da vida, o Eros. Isso seria um feito pulsional no homem na direção contrária a tudo que o impede de ser. Abrimos espaço a uma reconfiguração política das condições sociais.

A seguir, outro exemplo trazido por (A) diz respeito a uma senhora de aproximadamente oitenta anos, dona Maria, cuja fala reflete a importância da participação engajada, a verdade de quem viveu a história, sendo ela mesma o que poderíamos chamar “história viva”. Sua maneira de existir no mundo, sua militância, emociona (A), que refere-se à velha senhora como uma sábia. Retrata a sensibilidade adquirida por quem sofreu, o sentir dá o sentido à luta travada por uma mulher do campo, que sofreu as crueldades do latifúndio contra o povo do campo. Nas palavras de (A): *ela (dona Maria) fala do mesmo conteúdo da academia, mas de forma diferenciada, sabe? E essa forma da academia deixa a gente meio duro por dentro.* Quando (A) identifica a importância do saber dessa senhora aponta para a tentativa de uma nova racionalidade, a qual (defendemos, a partir das apropriações de Marcuse) seria a maneira possível de reconciliar razão e sensibilidade para produzir um novo homem.

(...) a dona Maria falou quase tudo que a gente ouve em sala de aula, mas falou com emoção, sabe? Ela traz o cotidiano, traz uma mística na fala, e aí a gente ouvindo a dona Maria não é que a gente não fique indignado com a situação, mas tem esperança. E com os professores parece que não tem mais esperança, não tem tanta emoção... eles parecem ter se apropriado do saber, sistematizaram o saber, leram muito, mas não viveram... a impressão que dá é eles estão deslocados do cotidiano, não tiveram experiência... (...) a dona Maria falou de uma forma sábia sobre a conjuntura política e econômica que ela viveu lá em Pernambuco, das ligas camponesas, das experiências, da expulsão da terra e que ela teve que ir trabalhar na fábrica, mas contou tudo isso, mas ela traz a espiritualidade, traz a mística, traz as brincadeiras de roda... Ela mostra que mesmo com a dureza da vida é possível brincar, sorrir, conversar...ela fala do mesmo conteúdo da academia, mas de forma diferenciada, sabe? E essa forma da academia deixa a gente meio duro por dentro. (A)

Na realidade da barbárie uma preocupação como a de (A) pode ser observada como o retorno do reprimido, visto que expressa o descontentamento com a realidade, apresentando o seu contrário, uma atitude de amorosidade/humanidade. (A) refuta o cânone (o modelo, o padrão), o academicismo da cultura hegemônica. O retorno do reprimido se declara no descontentamento como reação à negação a toda forma de repressão. A demonstração da sensibilidade expressa um movimento a contrapelos de experiências violentas. Ao destacar a mística na simplicidade e na verdade das histórias de dona Maria, a narrativa, traduz o desejo por Eros. Reage a rudeza e anuncia a necessidade de leveza e esperança na vida. Dona Maria é qualificada como sábia por demonstrar pura emoção na fala, entretanto, é o fato de tomar partido na luta pelo campo e senti-la como sua que a constitui como parte da história.

A narrativa abaixo pertence ao segundo participante que identificaremos aqui como (B). Esta remonta a trajetória de um trabalhador estudante que apesar de sentir-se em um determinado momento diminuído pelo fato da baixa escolaridade não desvaloriza ou menospreza seus esforços. Trata com valorosidade seu percurso sofrido, mas acaba sendo inevitável certa amargura na fala, ainda assim, vibra pelas conquistas e, principalmente, pela chegada à Licenciatura em Educação do Campo. Destacou muitas vezes o desejo por estudar e os impedimentos constantes para que isso se realizasse. Conta com emoção tais dificuldades deixando clara a importância que deposita neste aspecto. Esse exemplo não é incomum em um país periférico como o nosso onde não existe escolha para a sobrevivência se não submeter-se a escravidão dos horários, ao desgaste físico e mental, a repetição cotidiana de tarefas etc. Salta aos olhos o fato de não sucumbir às mazelas, mas, ao contrário, posiciona-se até com certa vaidade em razão de si mesmo. A história dos pobres é de privação dos direitos, de escassez e silenciamento; para este narrador bastam os impedimentos externos o que cabe a ele é valorizar-se.

“Eu venho de uma família extremamente pobre da mata das Gerais, criado no interior longe de todo comércio de toda vida urbana. Muito longe, para chegar a primeira venda, armazém que seja, andava 2 horas a pé. Ou seja, na linguagem lá eram duas léguas, 12 km. Isso pra comprar sal, querosene, essas coisas... Açúcar não, a gente tomava café de melado mesmo. Quebrava cana no engenho pra fazer isso. Todo trabalho tinha que encarar, naturalmente. Daí, quando pra ir ao comércio era duas horas e para chegar na escola... Quando meu visinho colocou o filho dele na escola, eu insisti para meu pai me colocar na escola também, não só eu como mais três irmãos (...). Sai do interior fui pra cidade pra trabalhar... obra, pedreira, quebrando brita para asfalto, auxiliar de marleteiro na ocasião. Eu acho que você não conhece o que é marleteiro, mas é uma profissão muito trabalhosa muito sacrificada, é um trabalho pesado mesmo. Voltei para casa fiquei dois meses em casa depois voltei para São Paulo. Em São Paulo sofri muito, muito difícil, tudo novo. Em São Paulo, caí na obra para fazer asfalto em toda a grande São Paulo... quis estudar, mas não pude. Aí, migrei para Minas Gerais, novamente, migrei para o Rio de Janeiro, e quando eu me deparei em um grupo jovem de igreja, eu com 22 anos para 23 anos, quarta série primária e a garotada de 13/14 anos com oitava série. Eu me senti um lixo. Tenho que estudar de novo! Aí já foi paga a escola. Eu trabalhava e podia pagar a escola. Trabalhava de dia e estudava de noite. Uma vida nada fácil esse meu estudo: eu pegava um trem de 4:20 para trabalhar na Estrada Pau da

fome, em Jacarepaguá. Saia do trabalho 17h da tarde, pegava o trem novamente para Nova Iguaçu, chegava na escola 19:30 ou 20h para sair dez da noite, dormir meia noite pra levantar no dia seguinte 4h da manhã. Isso durante dois anos. Tive esta formação do elementar, a 8ª série. Fui para escola pública novamente, não me adaptei, nesse período me acidentei, tive uma fratura de fêmur, passei dois anos encostado pelo INSS. E nesse período aproveitei para estudar, me formei em técnico de enfermagem e comecei a trabalhar e não parei mais de trabalhar (...). E eu digo hoje: *A minha vida é sofrida, chorada e sacrificada, mas eu sou bom no que faço.*”

Observem na fala de (B) um detalhe valioso percebido pelo sujeito e dito espontaneamente, como expressão da negação da liberdade, o tempo desperdiçado para o trabalho como meio de produção da vida. Nos demonstra uma resposta a repressão e imposição as condições miseráveis na qual o povo trabalhador é administrado. Resposta inteligente e coerente a sua história desde o início. Consideramos uma esperança em identificando o ego administrado que não nos contempla podemos buscar nele mesmo as pistas para enxergar a realidade com outros olhos. Não há quem esteja satisfeito hoje com a sujeição castradora ao trabalho assalariado. Para canalizar a energia vital no trabalho as necessidades teriam de ser cada vez maiores na mesma proporção das dificuldades, pois somente pressionados pelas ausências um ser humano se submete às exigências do trabalho.

(...) Fiz o ENEM, não fui bem classificado para as faculdades públicas, me classifiquei só para as faculdades particulares. Não acho as faculdades particulares respeitadas, não acho isso. As histórias que eu conheço delas não me animam a ir para uma faculdade particular. Eu quero poder dizer “Eu sou”, “eu quero ser” e não o que querem que eu seja. Foi quando surgiu a LEC, eu nem sabia da LEC. Foi um amigo meu que me falou. Pretendo, depois de formado, ir para o sertão novamente. Estarei formado pela LEC e aposentado por tempo de serviço. Vou juntar uma coisa boa com outra muito boa, pois não terei mais que cumprir horário de trabalho. Eu vou dedicar o que eu aprendi com os outros que não têm esta informação. Eu quero dar esta formação para outras pessoas que não podem vir aqui. Eu quero fazer isso, se eu não morrer antes disso.

A narrativa abaixo, que identificaremos de (C), revela um sujeito que forma um olhar crítico observando a própria realidade. A experiência no assentamento é rica apesar de difícil, nessa narrativa podemos perceber um ser humano sensível e pleno do seu pertencimento. É marcante a forma como narra sua percepção da infância como uma fase simbolicamente importante de sua vida pela fluidez e liberdade de tal momento. No amadurecimento de suas observações nota a realidade como é e as preocupações que se seguem a partir da conjuntura política apresentada nas condições do assentamento.

“(...) Fui criada numa outra área de assentamento que veio depois da Quisanga, mas que não éramos proprietários, já tinha concentração da área, era o condomínio rural do Marubai, em Cachoeira de Macacu. O INCRA tinha um experimento lá de como fazer reforma agrária, na verdade, de como colonizar pessoas próximas as fazendas – tinha um trabalho coletivo e eles podiam trabalhar fora pras fazendas vendendo a força de

trabalho. Na verdade uma maneira de juntar pobre num determinado local pra exploração da mão de obra sem que os fazendeiros tivessem responsabilidade nenhuma. Então, eu fui criada assim. (...) Enquanto criança eu não enxergava essas coisas assim de maneira ruim. Eu tinha meus amigos, a gente brincava de pique árvore, a gente ia pro rio tomar banho escondido dos pais, eu aprendi a nadar a gente se afogava [risos], então, assim, era outro universo... com muitas dificuldades, é claro... eu sentia. Mas as coisas acabam sendo naturalizadas: você ir pra escola descalça, você usar uma sacola com náilon amarrado na boca do saco de milho e aquilo era a alça da mochila, do bernal como a gente chama, acaba sendo natural porque todo mundo ali faz isso. Você não tem televisão, não tem outro parâmetro comparativo. Mesmo achando que é natural a gente sente. Sente quando chega um parente, quando ouve os pais nas reuniões dizerem que tem que melhorar e aí você começa a ver: tem que melhorar por quê? Aí você começa a ter algum parâmetro, né? Quando você vê seus amigos que estavam todo dia na escola contigo e de repente morreu desnutrido, ou por doença e não teve um carro pra levar, sabe? Eu perdi bastante amigo assim. Eu nem gosto de falar.... isso é chato... e não pode ser naturalizado, né? Então, assim a gente que acaba optando por continuar na luta, a gente vai vendo que não é nada pensado, né? Você cresce e de repente você casa e, você vai ter sua família e, você vai pensar na sua casa. Eu digo que dificilmente as famílias que estão nessa situação pensam assim. E, até mesmo quando as coisas ficam melhores pra você ou melhor na sua casa, você pensa: puxa, quantas pessoas ainda estão na mesma situação ainda?”

A narrativa a seguir contém elementos que nos remetem a reflexão sobre a formação castradora pela via da educação formal, refere-se ao formato instituído de formação para os formadores. O narrador apresenta uma recusa intuitiva, um mal-estar em relação a adaptação que não traduz felicidade. É a expressão de intolerância ao processo de negação da necessidade orgânica ao prazer. Os educadores são sujeitos que também reprimidos, preparados para a manutenção da ordem social, política e econômica, para elaborar sujeitos administrados. Não significa que todos sejam desta forma. Mas cada vez mais é possível observar as instituições burocratizadas e pacíficas diante de tal situação. Vítimas ou cúmplices, é preciso pensar mais sobre isso. O que diferencia o educador dos demais sujeitos é a relação mais intrínseca com a produção do conhecimento e, isso compromete-nos um pouco mais com a sociedade.

“(...) eu fiz o curso de formação de professores, mas eu não consegui concluir... porque eu não fiz os estágios... eu fiquei muito desanimada com o curso, eu achava muito chata aquela forma de todo mundo sentar e ter que ficar trabalhando como é que você faz com a criança para ela ficar sentada xis horas, não é como a criança vai se sentir bem, mas como você vai fazer aquelas crianças engolirem tudo aquilo que eu não suportava... hoje eu vejo a contradição, mas na época era só um incômodo (...). Eu acho que eu encarei aquela contradição e por isso eu não terminei...”

A próxima participação, identificada como (D), revela uma sensibilidade que o permite observar pontos de interseção entre os ideais de um segmento da Igreja Católica com o movimento político Anarquista, teoricamente opostos. Nesta narrativa, a preocupação destacada pelo sujeito é com a causa dos oprimidos com a qual se

identifica. Consideramos muito interessante o fato de localizar um horizonte de superação das mazelas produzidas pelo modelo de sociedade atual, mesmo em formatos antagônicos, mas atento ao objetivo final de valorizar a luta na construção de um novo projeto de sociedade. Outro destaque valioso refere-se à relação estabelecida com o conhecimento no estudo da história. A narrativa revela a opção por valorizar a outra versão dos fatos da história brasileira; as lutas populares em revolta à aristocracia rural e os movimentos contra a ordem, que não são rememorados para não servirem de incentivo a novos rumos.

“(...) pra mim as Comunidades Eclesiais de Base e o Anarquismo são ideais muito próximos... o que são as CEBs? É a igreja na base, na luta, é a Igreja na luta do campo, na luta armada... Vários segmentos nascem daí. Vários movimentos foram organizados a partir desses polos religiosos, vários padres foram assassinados, vários padres pegaram em arma... mas quando a gente fala da Igreja católica a gente sempre vai falar da Inquisição, sempre vai falar da hierarquia, do Papa... porque a gente tem o hábito de negar nossa história. A gente não estuda no colégio sabinada, balaiada, a gente não estuda, mas estuda a Independência do Brasil, estuda o encobrimento da nossa verdadeira cultura e também a Igreja sofre esse encobrimento, não to dizendo que seja uma igreja perfeita hoje, tanto que eu to fora da igreja hoje... mas pra mim não são ideais antagônicos (...). É essa igreja que eu vivi, acreditei e militei, essa teoria da libertação, essa preferência pelos sofrendores, essa preferência pelos pobres, essa consequência da teologia da libertação de tá caminhando junto com esse povo mesmo ao extremo ponto de perder a vida é que me faz ser anarquista hoje...”

“(...) Eu fiz essa opção pelo Anarquismo porque eu não acreditava mais no Estado, quando você chega a conclusão que aquilo que foi gerado como ferramenta pra mediar conflitos e pra levar a sociedade quem manda, você enxerga quem manda, começa a enxergar esse dispositivo que coloca tudo como capital, fica difícil... você não consegue mais votar, né? Aí o primeiro diagnóstico de que você é anarquista é negar todo esse estado... é negar essa forma de representação... só acreditar na autogestão.”

A perspectiva Anarquista por si representa uma reação a qualquer forma de autoridade e dominação, seja ela política, econômica, social ou religiosa. A auto definição pela bandeira nos dias de hoje revela uma indignação a tendência de uma cultura de subalternização e automatismos, põe a prova as instituições sociais que delimitam a vida e negam a diversidade em diversos aspectos. A narrativa de (D) questiona a negação do prazer e das singularidades afirmando o quanto somos partícipes no processo de dominação que exemplifica como de “vigiar e punir”. Remete-nos ao conceito de ego administrado, mas ressalta a possibilidade de observarmos-nos diante dele. De certo, mesmo tomando ciência de tal administração, o processo de libertação não é simples. Mas como colocar-se diante do problema, enfrentá-lo, encarar nossa condição de reprimidos pode mobilizar outros rumos.

Outro destaque para pensarmos: o narrador dialoga com questões que ainda são tabus sociais. Falar em maconha e falar em prazer muitas vezes causa o mesmo constrangimento, não percebemos as barreiras colocadas à percepção humana quando

não refletimos sobre os tabus. O problema está em castrar as emoções e limitar o sentir as regras morais do padrão social. Perceber a dimensão sensível dos abjetos depende de entrega, alteridade em relação ao outro, de ter aliviadas nossas tensões para uma compreensão livre sobre as coisas.

“(...) meu pai era militar... E eu fumei maconha pela primeira vez com meu pai... meu pai mostrou pra gente o que era cada coisa e ele nunca disse: eu não quero você com fulano ou sicrano. Meu pai era um cara de exemplo, sabe? Acho que a primeira discussão que tive sobre drogas foi com ele. Ele dizia tentando fazer a gente ficar esperto com as coisas, que maconha não vende na padaria não é a toa (...) é importante entender as coisas... (...) E eu aprendi que não adianta ser anarquista e não acreditar na subjetividade, não acreditar na cultura, no prazer, no tesão pra realizar as coisas... a primeira coisa, tanto a Igreja quanto o movimento social nega é o prazer. O que é a formação do militante, né? O militante é aquele que é sério, que vai ser responsável, que não perde as reuniões, que vai ser exemplo, então, vamos castrar o cara, né? Não dá. E aí um tempo depois a cara vai embora e aí perguntam porque que o cara foi embora, né? (...). a gente acredita no punir e vigiar... e aí tem que se punir e vigiar pra que ele não aconteça, muito louco...”

A próxima participação (E) nos interessa pelo destaque quanto à concepção de formação. Nesta narrativa, o sujeito valoriza mais o percurso com a mãe (líder comunitária) e nas experiências adquiridas na área de assentamento onde vive que, o processo experimentado nas instituições formais que frequentou. Ou seja, o sentido de engajamento político e, a consequente formação humana, procede da mãe no contexto da situação de assentamento rural. Um sujeito com pouca idade e muita articulação e ordenação das ideias, como todos que vivenciam a militância social e o trabalho em comunidade. Consegue identificar as contradições sociais e as armadilhas da cultura padrão quando denuncia as falhas institucionais e, demonstra sua insatisfação com a escola apontando a sala de leitura como único espaço de prazer, mas que só se realiza pela aproximação com a bibliotecária. É interessante como a afetividade e a atitude mais humanizada influenciam a relação com o conhecimento mobilizando o interesse e o desejo.

(...) a minha formação se deu muito por conta da minha mãe, pois eu me espelho muito na minha mãe. É meio que uma líder comunitária lá da região, ela ia a várias reuniões por lá, ela participa de conselho de Agricultura, participa de Conselho de Educação e eu meio que já ia andando com ela. Nesse início de processo de formação, desde muito pequena. Eu me espelho muito na minha mãe. Há mais ou menos uns quatro a cinco anos que eu conheço este movimento. Na verdade, eu morava nessa comunidade desde que eu era muito pequena e nesse período de quatro a cinco anos o movimento fez uma ocupação lá, que onde é o movimento de Terra Prometida. E, no começo eu tive muita resistência, pois a mídia passa uma coisa pra você que na verdade não é sobre o movimento. Depois que eu fui conhecendo as pessoas e vendo que não era aquilo, eu comecei a me interar com as pessoas.

Eu fiz Ensino Médio Geral numa escola pública, em Nova Iguaçu. Eu não tive formação nenhuma em meu Ensino Médio. Era muito falho! Claro tive formação, mas é muito falha... na concepção de formação. Não só política, mas a formação educacional mesmo. Faltava muito professor, era muito ruim mesmo, muito ruim nesse período. Mas ao mesmo tempo em que era muito ruim na sala de aula, tive uma relação muito, muito direta com a bibliotecária foi que eu comecei a tomar gosto por ler... por leitura. Porque até então na escola que eu fiz ensino fundamental não tinha biblioteca e eu também não tinha acesso a livro... Lá nessa escola apesar dessa falha, teve um lado bom que foi a questão de tomar o gosto pela leitura que até então eu não tinha.

As narrativas falam por si só. Não cabe neste trabalho qualquer juízo de valor que as classifique como indicativo de referência para compreender a totalidade do pensamento humano. Na intenção de tratar da educação na atualidade, utilizamos as narrativas para identificar o que chamamos retorno do reprimido (apropriação de Herbert Marcuse). Nesse sentido, em nenhum momento foi nosso intento reduzir o tema formação humana a um único grupo procurando verdades. Ao contrário, por acreditarmos nas singularidades e subjetividades humanas tomamos aqui exemplos para reflexões possíveis.

No atual quadro de barbárie em que o individualismo e a hostilidade tornaram se cotidianos ouvir intervenções de sujeitos que acreditam na luta política, na superação das misérias humanas e ainda se incomodam pelos desajustes da coletividade, nos parece favorável. Observando as sensibilidades nas escolhas dos participantes e o que recusam da realidade vale apostarmos no retorno do reprimido como uma resposta ao barbarismo instalado; bastaria instigar a discussão da negação de Eros para tocar a consciência dos sujeitos à sua auto-descoberta e, conseqüente, auto-libertação.

Em suma, temos consciência dos limites e lacunas deste trabalho, muito precisa ser pensado e elaborado, mesmo longe de esgotar-se acreditamos ser um bom passo trazer ao debate da educação na contemporaneidade a análise filosófica da psicanálise desenvolvida por Freud, pensada por Marcuse como alternativa ao desconforto ainda sofrido pelos silenciados e explorados no processo social. Obviamente, livre das amarras do tempo socialmente referenciado nos cursos superiores, novos estudos e intervenções se farão sobre esta iniciativa. Apostamos na dialética da história e desejamos descobrir novos rumos para a felicidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de uma educação pela razão sensível e por homens livres, autênticos e felizes

O que defendemos como uma formação verdadeiramente humana passa pela valorização da subjetividade e da condição orgânica de satisfação das pulsões instintivas em busca da felicidade. Entretanto, uma felicidade que contemple a coletividade, já que é nesta que nos constituímos sujeitos individuais na relação intrínseca de construção de saberes de sentido. Tal condição se daria na atualidade exigindo nosso direito de viver uma vida plena, em abundância no que diz respeito às produções/criações humanas. Uma educação elaborada com os sujeitos para a coletividade, sem desconsiderar ou minimizar as individualidades. A subjetividade ímpar corrobora a produção de saberes imprescindíveis à emancipação, se esta for o objetivo ou um fim da própria educação.

Apresentar-se com verdade (sem a expectativa de um padrão superior de homem) nas pistas guardadas no inconsciente significa o dispositivo que aciona o conhecer em favor de nossa humanidade. Somente se percebendo humano, assumindo sua humanidade como identidade primeira, é possível viver plenamente as dimensões que nos qualificam. Passamos boa parte da vida procurando sentidos, entretanto, desqualificamos o sentir, as diversas formas de sentir a vida, a pulsão de vida que a movimenta para a própria busca. A busca pelo Eros se traduz na busca pela própria energia de viver, sem negação e sem traumas. Fomos educados para acreditar que não existe felicidade completa e sustentamos a amargura de apaziguar a satisfação dos desejos com falsas necessidades produzidas pela sociedade industrial.

O sentir dá o sentido à nossa relação com o mundo por meio da experiência. E é a partir desta que se dá a produção de novos saberes e interesses saudáveis e, igualmente, impulsionadores. Toda ação humana implica sentimentos mesmo que não se tenha clareza ou justificativa imediata, mas aprendemos a não pensar sobre o que sentimos e nos impomos verdades e comandos externos à revelia de nossas necessidades – egos administrado no contexto da reificação. Isso significa nos distanciarmos cada vez mais de nós mesmos e de nossa identidade coletiva, a humanidade. Tratando de provocar sobre o equívoco de elevar a razão à condição de superioridade em relação às emoções, pensemos na situação de violência experimentada cotidianamente nos subúrbios, nas favelas, nos países atacados por suas riquezas naturais, no contingente de moradores de rua e muitos outros exemplos que passam despercebidos como cena comum diante nos nossos olhos.

Não significa encontrar uma forma de racionalizar os sentidos e emoções, mas de unir as duas faculdades de potencial ilimitado para conduzirmos um nova leitura sobre o mundo e, então, produzir uma nova condição de vida. Não pretendemos, de modo algum, “psicologizar” a política, mas denunciar o comportamento de descontrole (ou da ausência de autocontrole) sobre as suas pulsões, como um fator político de relevância. Reiteramos que *a história do homem é a história da sua repressão. A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva* (in Marcuse, 1968, p. 33). E porque fomos reprimidos não reivindicamos a condição política de nossa existência, descontando na coletividade a violência da negação das satisfações pulsionais, da necessidade orgânica do prazer, logo, da felicidade.

Não se trata simplesmente de indicar a liberação da energia libidinal e com ela todas as pulsões sexuais combatendo instintos reprimidos. Trata-se de reconhecer a importância da sexualidade humana e reprogramar a libido para reconstituir nossa comunicação com o mundo em favor da felicidade humana (individual e coletiva).

O potencial humano está condicionado à cultura que transformou a humanidade em “civilizada” no desenvolvimento do sistema capitalista, modo de gerir a vida que condena o homem ao desconhecimento de si mesmo em nome da supervalorização do mercado. A consequência disso sabemos bem, sentimos com a catástrofe da barbárie, condição política de desumanização, desrespeito e caos.

É importante deixar claro que pretendemos falar, neste estudo, dialogar com os silenciados pela repressão dos impulsos (negados do direito a satisfação instintiva para felicidade) em nome da construção do progresso; talvez com os forçadamente transformados em exemplos de Homem Unidimensional elaborado por Herbert Marcuse. É impossível ser feliz na sociedade de consumo e, mais ainda, é impossível ser feliz sozinho, sem que a coletividade tenha também garantidos os direitos conquistados. Sobre esse assunto a educação em seu sentido mais amplo, como produtora de cultura e incentivadora de sujeitos pensantes, tem um papel extremamente forte.

Todos nós possuímos alguma lembrança, aprendizado sentido com amorosidade, que marcam afetivamente nossa existência. Em contrapartida, nos sentimos distantes e, muitas vezes, diminuídos rememorando fatos hostis, de um conteúdo sem sentido. Aprendemos de verdade com afetividade, beleza e liberdade, enfim, sentindo o que faz sentido à nossa existência. Os autores buscados neste trabalho ousam em trazer, na contramão de toda repressão sofrida e aprendida na dor de não ser, a sensibilidade, a sensualidade e a subjetividade na constituição do ser. Reconciliar razão e sensibilidade pode ser uma condição da realidade atual, se considerarmos, como Freud, que todo registro inconsciente, não tratado, e canalizado como traumático retorna inevitavelmente na ação ou comportamento humano como ser social. Sendo o prazer e a busca da felicidade uma necessidade orgânica/biológica, não poderemos negá-los por muito tempo. A psicanálise como lente e a dialética como método atualiza o debate e suscita novas compreensões para a elaboração de uma razão sensível.

Marcuse aposta na estética como ciência da sensualidade e na dimensão estética, elaborada na relação sujeito/objeto, como veículo de libertação que só pode ser alcançada pelo próprio sujeito em condições de receptividade. Superar as amarras da repressão sexual que atendeu ao progresso é parte de caminho. A dimensão estética permite conhecer pela sensibilidade, no entanto, o corpo precisa estar plenamente aberto às intervenções do mundo, rompendo com as tensões que bloqueiam a sensualidade. Em outras palavras, a dimensão estética pode nos levar a uma sublimação que supere a subjugação do ser e nos libertar da repressão dos desejos, mas isso se dará compreendendo a importância da sexualidade para a liberdade. Reconciliar razão e sensibilidade exige, segundo Marcuse, a transformação do trabalho em atividade lúdica, a auto-sublimação da sexualidade na mesma proporção a des-sublimação da razão e a efetiva conquista do tempo.

A angústia é um sentimento contemporâneo para a coletividade subsumida no projeto capitalista para o mundo, resultado de um processo histórico que tem a barbárie como condição política e humana. O desafio da atualidade é superar a forma que mantém a humanidade cativa de falsos prazeres. Encaremos a o papel da educação nessa

superação atuando sobre os aspectos principais da repressão social: o trabalho, o desconhecimento da sexualidade humana e a relação desastrosa com o tempo. Tratar da dimensão estética como veículo para uma razão sensível é buscar no próprio homem as condições de superação destes três aspectos citados, ou seja, deixar falar a subjetividade humana e suas próprias necessidades reagindo inversamente à barbárie na busca da felicidade.

Referências bibliográficas:

BATISTA, M. S. X. . **Os movimentos sociais cultivando uma educação popular do campo**. In: 29ª Reunial Anual da ANPED, 2006, Caxambu. 29ª Reunial Anual da ANPED Anais 2006. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação, 2006. v. 1. p. 1-15.

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **Teses sobre a pedagogia do Movimento**. Porto Alegre. Janeiro de 2005 (Em elaboração).

CANDA, Cilene Nascimento. As finalidades da arte: a autonomia e a liberdade na estética hegeliana. **Griot**, Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia. Brasil, v.2, n.2, dezembro/2010.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica sobre o salário**. Trad. Iraci D. Poleti. 7. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Segunda carta: do direito e do dever de mudar o mundo. In: _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOLDENBERG, Ricardo Davi. **Política e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, M. C. (Org.). **Tendências da pesquisa autobiográfica**. São Paulo; Natal: Paulus; EDUFRN, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007

_____. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural.

LOBO, Roberta; SANTOS, Leandro Machado. Herbert Marcuse: Elementos para a Filosofia da Educação na Contemporaneidade. In: V CINFE - Congresso Internacional de Filosofia e Educação, 2010, Caxias do Sul, RS. V **CINFE** - Congresso Internacional de Filosofia e Educação, 2010. v. 1. p. 1-11.

LOBO, Roberta. **Educação e Barbárie em Marcuse**. Reflexões sobre Educação e Barbárie. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ - EDUR, 2010, v. 1, p. 7-309.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Uma interpretação filosófica da obra de Freud. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1968.

_____. **Cultura e psicanálise**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2007.

_____. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006. v. 1.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Anwar Aiex e E. Jacy Monteiro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

MENEGAT, Marildo. **A atualidade da barbárie**. Antivalor Artigos. Rio de Janeiro, 1994.

_____. **O giro dos ponteiros do relógio no pulso de um morto**. Revista EPOS; Rio de Janeiro – RJ; vol2, nº1, janeiro-junho de 2011; ISSN 2178-700X.

_____. **A crise da modernidade e a barbárie**. Physis: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Sem lenço nem aceno de adeus** [Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão?]. Revista Praia Vermelha, vol. 08. Nº 1, 2008. Versão online ISSN 1984-669X.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia**: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

PASSADOR, C. S. Projeto Escola do Campo: Casas Familiares Rurais do Estado do Paraná. Em **Novas Experiências em Gestão Pública e Cidadania**. Marta Ferreira Santos Farah e Hélio Batista Barboza (Orgs.). São Paulo: Editora FGV, 2000.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

REIS, Ronaldo Rosas. **Educação e estética**: ensaios críticos sobre arte e formação humana no pós-modernismo. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, José dos Santos. Trabalho, educação e luta de classes na sociabilidade do capital. In: SOUZA, José dos Santos; ARAÚJO, Renan (Orgs.). **Trabalho, educação e sociabilidade**. Maringá: Práxis: Massoni, 2010.

THOMPSON, E. P. Educação e experiência. In: _____. **Os Românticos**: a Inglaterra na era revolucionária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.